Deus está entediado. Cansado da própria eternidade, essa entidade divina aceita participar de um experimento radical: viver como humano, sem memória de quem é, para experimentar o amor — e sua ausência. O nome do projeto é Essentia Amore.

Em Buenos Aires, de coração partido e à deriva entre drogas, boemia e desejo, George Jones tenta encontrar algum sentido na vida enquanto escreve, ama mal e sente demais. Seu exílio emocional toma um rumo inquietante quando ele conhece Thomas Bazynski: charmoso, enigmático e atento demais. Thomas o observa. Sempre observou. E talvez saiba coisas que ninguém deveria saber.

Paralelamente, Giulia, sua prima, investiga os segredos de Santa Fé, uma pequena cidade dividida literalmente em dois lados por uma estátua do Cristo Redentor. Quem vive diante da estátua é considerado "cidadão do bem"; quem mora atrás dela habita o chamado Lado Ruim, tratado como espaço de desvio, pecado e abandono, lar dos vagabundos e lazarentos. Ao descobrir que sua família possui uma casa nesse lado esquecido da cidade, Giulia mergulha em uma investigação que expõe hipocrisias, crenças e a origem dos segredos dessa família... peculiar. Giulia deveria ter ficado em casa.

ISBN: 978-65-02-03915-1
9 786502 039151

Não recomendado para menores de 18 anos

1

Essentia Amore

Gabriel M. F. Gubert

Studio Harunaka

1

Essentia Amore

Gabriel M. F. Gubert

Essentia Amore Pt. 1

Por Gabriel M. F. Gubert

“Aproxime-se daquele que busca a verdade. Afaste-se daquele que a encontrou.”

Autor Desconhecido

Dedicatória

Meu Pai, Jorge, que me ensinou a pensar

Minha mãe, Carolina, que me ensinou a lutar

Minhas Eurídices: vocês sabem quem são.

*__Nota do Autor:__

Essentia Amore é originalmente publicado em inglês. Essa história é uma adaptação dos livros da saga.
Atenção: uma adaptação, não tradução.

Prólogo

A história desse prólogo é importante mas, não tem continuação, não uma direta, pelo menos. No fim vocês entenderão.

Meu nome é Shraim, mas claro,tenho muitos nomes. O mais comum é Deus. E eu tenho uma história pra contar. Começa comigo, acaba comigo. Tudo começou quando eu fiquei entediado. O Big Bang? História pra boi dormir. Adão e Eva? Elaborado, eu adorei o toque especial da cobra. O modo de criação será contado depois, acho que irão gostar. As pessoas dizem que Deus gosta de todo mundo. Isso é uma mentira deslavada. De fato, eu gosto é de poucos e não me venha com discurso de virtudes, moral e ética — *that's bullshit*.

Não vou ficar me descrevendo, até porque o que tenho pra contar descreve o que eu quero e também o que não quero.

Eu sou responsável pela criação de vocês, mas não sou de vocês. Conseguem entender? Não sou *de* vocês. Vocês não estão em mim. Mas eu estou em vocês. Surpresa!

O espaço hoje em dia é como o mar foi para o início das navegações, isto é, pouco explorado, fonte de mitos e lendas, desconhecido.

Um dia, uma tribo indígena percebeu que o mar estava diferente. Mas eles não sabiam o porquê. Eram as caravelas. Não é o trabalho que dignifica o homem e sim a liberdade. Eu lhes dei a liberdade, e vocês a venderam. Eu lhes

dei a arte, e vocês a venderam. Eu lhes dei vida, e vocês a vendem todos os dias. E se eu vender vocês, em troca? Misericórdia! Dirão. Perdoe-os. Vamos à história.

A minha casa, é situada em um ambiente tropical, não é uma mansão, porém é grande. Eu gosto do espaço. Cada cômodo tem sua utilidade, e o que estou agora é o melhor deles: o meu quarto. A descrição dele é simples porque não preciso de muito, como é de se imaginar. Uma cama branca, um armário verde limão e uma mesa grande de madeira onde gosto de desenhar — e agora escrever. É aqui dentro que me isolo das Três Marias e do meu fiel, e perseguidor, o escriba Schmeb. Moramos todos nessa casa velha que eu adoro. E é com as Marias que vou começar.

Maria Moça está como sempre no pátio da casa, extenso e com uma grande mesa de mármore entre as flores, contemplando o horizonte, olhando às vezes para o vizinho estranho, José, que cuidava de sua horta. Mais dele depois.

Maria Mãe e Maria Sábia estão sempre jogando cartas. Se não truco, buraco. Maria Moça tinha lá sua aparência de 20 anos. Traços asiáticos, com um cabelo extremamente liso. Mãe tinha um ar de latina, hispânica e um barrigão de grávida. Já Maria Sábia, de pele preta, tinha um cabelo branco extenso e bem armado. As três são carcereiras dóceis e, dizendo isso, estou sendo ruim. Sem elas, teria o Nada e Schmeb, que me segue e escreve tudo que eu falo, vejo, leio, desenho, etc. No seu grande livro (que não é da Vida), mas de Deus. Ele usa um terno branco para esconder seu corpo alienígena — e usou essa palavra no sentido além do humano, não de olhos grandes e cabeção de pele cinza da área

51. O corpo de Schmeb era coberto de folhagem, além da cauda que ele mantinha presa. Já tivemos conversas em que eu dava o alvará de ele andar livre, leve e solto, mas ele possui certa austeridade que não se encaixava com sua espécie.

É mentira que antes de mim não havia nada. Eu lembro do útero. Eu lembro dos raios, e eu lembro dos *outros*. O que eu sou hoje é preto, adolescente, de cabelo afro quadrado (é algo que eu não consigo mudar, nem quando mudo de gênero ou idade: minhas sobrancelhas amarelas - sim, tentei mudar, mas não consigo. Talvez alguém por aí saiba como ou até o porquê. Deus não sabe.)

Eu já não estava no meu quarto - onde cada parede tinha um sol de cada estação, o meu sol do inverno branco, o meu do verão vermelho; com uma seleção dos poucos livros que sempre leio, uma viola que me toca ao invés de eu tocar ela e paredes verdes, ah, o verde! com aquela árvore seca desenhada por Moça quando aqui cheguei - e saí por trás da propriedade para não interromper as Marias. A verdade é que eu não queria interagir e ser julgado porque eu estava indo para o único escape que um Deus entediado tem. Transcrevo aqui o diálogo delas, que eu sempre ouço:

"Truco" Maria Mãe ousa, e a Sábia com seu corriqueiro sorrisinho responde. "Seis."

"Tô fora." A mãe responde. Sábia pega o baralho e começa a embaralhar. "E Shraim?" enquanto pega um pêssego da tigela de frutas frescas em cima da mesa de mármore.

“Bar da Esther.” Moça responde, suspirando. Ela sempre sabe. “De novo? Vai lá, Moça.”

Sábia dá as cartas. Três para cada. “Deixa o menino.”

“O menino? Você entrou nessa fase garoto dele rápido demais. Tempos atrás ele era “sabe-tudo”, agora é “sabe-nada.”

“Ele está com problemas. Problemas que a gente só piora, não vê?”

Mãe e Sábia jogam. “Na minha época...” Sábia começa e Moça levanta. “Vou buscar ele.”

Moça não suportava as histórias de Sábia, não por serem hipérboles, mas por serem verdades. Mas pra ela, não importava. Ela caminha a pequena elevação, entre o pátio e a cerca de ferro da propriedade, passando por José que sempre acenava e tinha um sorriso estranho, mexendo em suas hortaliças e legumes. Havia uma caminhonete velha ao lado da casa dele que ela nunca viu ele usar.

O caminho do bar era reto e curto. Logo, logo, estava lá. Passou pela porta pequena e entrou. As características desse bar são importantes, e eu prometo dividi-las com vocês, mas não agora. Eu sei, parece que estou adiando muita coisa, mas vocês vão ver. Já tá tudo aí.

Esther era uma drag queen andrógina que, apesar das roupas femininas, gostava de manter um pouco da barba e do bigode. Ele está atrás do bar e a multidão é pouca. Na verdade, de dia, o bar só existia ali, perto de mim. Esse bar é um embrião que servirá para contar uma das histórias que estou me propondo, por isso o protejo por agora.

Eu, linda de cabelos castanhos claros e seios fartos, pele branca e lábios carnudos, só não conseguia mudar minha sobrancelha amarela (!). Com uma jarra de cerveja em mãos, eu entretia os almeiros que ali estavam, a maior parte masculina. Foi quando avistei a Moça entrando e brochei.

"Dando trabalho, é?" Ela pergunta, cumprimentando Esther. "Eu fujo de trabalho, você acha que eu o daria?" Foi o que pensei em dizer, o que foi bem bobo. Eu sou bobo, se já não perceberam.

"Estela nunca dá trabalho" disse Esther, piscando para mim. Os outros que estavam ali sabiam que eu era Shraim, é claro. Mas os homens — e algumas mulheres — me preferiam como Estela. "Estela, Shraim, seja o que for, tá na hora de voltar."

"Eu mal cheguei. Pergunte a Esther."

"É a primeira cerveja dela, Maria." Esther disse, sempre me defendendo.

“A questão não é a cerveja, ele tem afazeres e sabe disso. Hoje não é dia de bar.”

“Disse ninguém nunca na vida.” Eu respondi, raivoso eu admito, mas com medo de voltar ao tédio. Tédio normal tudo bem, mas o que eu sentia não era. Até Schmeb, dentro da Câmara, sentia isso. Por falar nisso...

“Deveres, Shraim.”

Matei a cerveja num gole só, acenei de leve pra Esther e para os outros fiz o que sempre faço: dei de dedo do meio. Bando de voyeur safado. Que nem *você*, que ainda não largou o relato pra ver onde eu vou errar. Não se preocupe, Deus erra e muito. Mas dessa vez a culpa não vai ser só minha. No espelho, o avesso.

O que eles querem? Estão buscando o que? Deus? Sucesso? Eu não entendo, e eu deveria? Se eu não entendo, quem vai entender? Eles andam, correm e pra quê? Que desespero é esse? Atenção, carinho, amor? Deve ser tudo mentira. Quem criou o diabo que fique com ele. E a mim, quem criou? Da origem, eu lembro um pouco. Algo que se assemelha a um útero, a luminosidade dos raios e barulho de trovões e, então, A Árvore.

Shraim e Alice

Passando pela propriedade de José, eu vi ela. Não sabia dela e, admito, não gosto do não-saber. Parecia adolescente, tinha a pele de piche igual a de José e estava ajudando o velho, que sempre acenava para nós, na horta. Ela parou um segundo e tirou um celular do bolso, sentou-se e ficou entretida. Maria Moça já estava na nossa cerca, mas eu resolvi voltar. Ela não protestou.

Aproximei-me da menina. “Odeio essas coisas.” Eu disse, apontando para o celular. Ah, esqueci de dizer, eu era Shraim de novo, e não Estela.

“E você é?”

“Deus.”

Ela olhou pra mim, um olhar meio que sonhador. “Ah, sim. E eu sou a Carmen Sandiego. Dois foragidos, nós somos.”

Eu achei engraçado e ri. Fazia tempo que eu não ria genuinamente.

“Qual seu nome?”

“Alice. Você?”

“Já disse. Deus.”

Ela me olha também com curiosidade, e eu não sabia, mas ela sabia. “Shraim.”

Eu finalmente disse.

“Como?”

Eu disse devagar:”Shraim.”

“Que tipo de nome é esse?”

“O nome de Deus, Carmen.”

Ela, agachada, levanta-se e toca meu ombro. Senti algo estranho, mas não mundano. “Prova.”

Eu, com vontade de entreter, virei Estela na frente dela. “Só porque você muda de forma não quer dizer que você é Deus. Esqueceu que eu moro aqui também?”

“Mora aqui? Como? Nunca te vi.”

“E Deus não vê tudo?” Minha vez de rir. “Quem criou a onipresença não foi Deus. Você é almeira?”

Ela dá um risinho, quase que tímido, mas eu sabia que ela não era tímida. “Não. Mas eu acho que meu tio é.” Ela quis dizer José, o que eu achei difícil pois ele sempre estava na horta. Talvez um raro salv’alma.

Ela acena para a caminhonete: “Bora dar uma volta?”

Me senti triste. Como explicar meu exílio? Nem eu entendia direito. Resolvi terminar a interação. “Quem sabe um dia, Alice.” E saí andando, em direção à cerca. Ela grita. “Ei, espera aí. Eu quero falar umas coisas pra Deus.”

Achei, entretanto, que ia ouvir uma confissão. Não sou padre e nem de padre, eu gosto. Mas voltei, mesmo assim, e agachei perto dela.
“Eu não confio em Deus. Acabei de fazer 18. Eu achava que ser adulto significava diversão. Não significa. Eu gosto de coca cola. Eu gosto de deitar no chão, especialmente num dia quente e o chão está geladinho. Eu gosto de assistir as tardes lilases, justo antes do sol se esconder. Eu realmente não acho que as pessoas sabem o que estão fazendo, tipo os adultos “adultos”? Eu acho que todos eles são crianças e isso

me deixa triste porque eles não podem mais sair correndo e brincar. Quem diabos decidiu isso? Eu não gosto muito do meu pai e ele quer que eu goste dele, o que me faz gostar menos dele, faz sentido? Eu perdi minha virgindade ano passado e foi... rápido. Eu não gostei. Do que é que eles tanto falam? Pra mim, não faz sentido. Eu não acredito em Deus, mas eu acredito na natureza. Eu não sinto que a morte é final, eu não sei. Eu não sei expressar minha opinião sobre isso. A gente sabe pouco demais, você não acha? Às vezes... às vezes eu sonho que encontro um garoto e eu simplesmente sei que ele é pra mim, mas aí eu acordo e eu nunca sonho com o mesmo garoto duas vezes, não é engraçado? Eu não sei mais o que... ah! Eu beijei uma menina uma vez. Foi bom, mas não me deixou excitada. Ela ainda é minha amiga. Quer saber mais?"

Eu sorri pra ela. "Shraim!" ela começou quando eu levantei de novo. "Vamos dar uma volta na cidade, poxa." Resolvi confessar meu perjúrio: "Alice, a minha função é existir. Só isso. Eu não tenho que fazer nada. Só existir. Não acha triste?" Eu não esperei resposta, porque não havia algo suficiente. Seu existencialismo torto sempre fora pessoal, mas sentiu-se bem ao falar para ela.

A Câmara

A Câmara da Reflexão é a expressão do que foi dito antes sobre meus afazeres. É o único que tenho. É redonda e cheia de espelhos, porém não espelhos normais. Eles não refletem imagens como qualquer objeto do feitio, e sim outras coisas. Minhas coisas.

Schmeb, que já descrevi aqui, estava sentado com seu livro surrado e caneta em mãos quando eu entrei. Minha imagem não era refletida, nem a dele. A sala tinha um

aspecto sanitizado. Eu me sento, na frente de Schmeb e seu terno branco, que ele insistia em usar. Uma vez, vi Schmeb no lago da propriedade banhando-se. Uma linda imagem, sua plumagem livre como deveria ser e sua cauda longa movendo-se de lá pra cá.

"Conecte-se", ele diz. Eu fecho os olhos e assim o faço.

Em menos de um segundo, flashes verdes começam a varrer o cômodo e, quando encontram o reflexo do espelho, transformam-se em sombras — pessoas, animais, movimento e até sons. São várias luzes verdes que parecem vir de cima, da direita, da esquerda. É um espetáculo. Um som crepitante ao longe se aproxima, talvez um pássaro cantando, talvez um grilo. Eu ainda de olhos fechados continuou em silêncio, pra frente e pra trás enquanto Schmeb tomou notas.

"Agora, fale." Esse 'fale' não é o literal fale. Não há como traduzir.

Ainda sentado, balançando de trás pra frente e com os olhos fechados, soltei o ar que segurei o dia todo. Tudo ficou escuro enquanto meu ar contornava em cores verdes e amarelas a reflexão dos espelhos. Mas, então, fraquejei. Eu só queria sentir. Tudo ficou escuro novamente e um pequeno feixe vermelho apareceu entre eu e Schmeb, rachando alguns dos espelhos.

"Pare agora, Shraim. De novo não. Você não pode." Ele disse.

Eu fico no mesmo movimento e o feixe vermelho parece crescer.

“Desconecte-se. Agora!” ele diz e então escreve algo no caderno e toca minha nuca, que abro os olhos na mesma hora do toque e o feixe desaparece.

“Pra que isso?!” perguntei, bravo que só.

“Não é bom pra você, tu sabes bem. Mais uma vez eu conto para as Marias.”

“Pro inferno com elas! Pro inferno com você!”

A fúria me dominava ao me levantar, saindo da casa simples e limpa e passando pelas Marias lá fora, subindo a colina fora da propriedade. Ao chegar no terreno do vizinho José, gritei por Alice. Três segundos e lá estava ela. “Aquela voltinha. Bora.”

--

A Fuga

"Você não está impressionado que eu dirijo com embreagem?" Alice tentou me acalmar e apaziguar o clima, que ela intuía estar pesado pelos meus bufos e expressão de poucos amigos. Claro que percebeu. Mas claro que nunca conseguiria conceber o motivo. "Qual o destino?" perguntei, sabendo da resposta.

"Santa Fé." Fé. Palavra ridícula. Prefixada com Santa, então. Pff.

Eu não gostava de Santa Fé porque lá os almeiros faziam a festa. Literalmente. Mas é exatamente nessa história que chegaremos. A história de Giulia Goulart e de George Jones, dois primos que nunca se conheceriam. Quer dizer... é, não, pensei melhor. Não se conheceriam. De mim, resta pouco. "Como você consegue enxergar assim?" perguntei, não acostumado com carros e faróis e marchas – ghastly.

"É fácil depois que você se acostuma."

Eles seguiram sem falar muito, a estrada continuou até que uma figura se destacou no horizonte. "Provavelmente um viajante pedindo carona." Ela disse, e achei estranho. "Pedindo carona no fim do mundo, à essa hora? Pare o carro." "Mas...", "Faça." Mandei. Fazia pouco disso, mas enfim o fazia quando necessário. Ela parou na hora. O homem tinha aparência jovial e usava uma camiseta dos Rolling Stones e um óculos de sol. Tinha a pele bem branca e lábios bem vermelhos, mas o que me chamou a atenção foram os cabelos. Eu não sei o porquê: eram bem pretos, lisos e iam até a linha dos ombros. Ele estendeu a mão pra mim depois de agradecer a parada. "Prazer, Jolo." Achei estranho os óculos, o cabelo e o nome mas mesmo assim apertei sua mão. Esse gesto me levou a ver prédios esfumaçados e a cara de um homem careca de cicatrizes no rosto e duas

figuras, não – sombras, abraçadas e deitadas na frente de... é. Quando acordei foi com Alice me olhando e Jolo também, só que ele tinha tirado os óculos. Em seus olhos azuis, entendi algo. “Santa Fé está há 5 minutos, podemos achar um médico...” Jolo ia dizendo, desconversando o urgente, mas foi Alice quem explicou. “Ele não precisa de um médico. E você, almeiro, não precisa de carona.”

Um silêncio. Um almeiro, sim, mas de que tipo? É o que estavam prestes a descobrir... um.. dois.. três..

Jolo sorriu. “Eu sou muito mais do que um almeiro, e falo mais verdade num toque do que você em mil palavras, menina.” Ele olha pra mim e diz, calmo, “Até breve, Shraim.” E então some. Espera. Esse não era o poder de um almeiro. “Um Viajante..” eu sussurro. Alice finge não escutar – por quê? – e segue para Santa Fé.

A Conversa

"Vai me falar que você não tem a mínima curiosidade de saber de onde veio?" Alice pergunta bebendo seu terceiro copo de cerveja no boteco situado n'O Lado Bom de Santa Fé. O Lado Ruim chamaria muita atenção. "Eu sei muito bem de onde vim. Só não fico questionando a origem da origem da origem da origem como vocês fazem. A resposta seria o solipsismo e essa eu não engulo, pois é muito óbvia." Eu disse, olhei para os lados e mais uma vez me quedei entediado. "Álcool é muito fraco. Bora cheirar?!" e Alice deu risada. "Bora, ué. Cria um pouco aí, senhor Deus." Aí eu dei risada.

"Você acha que isso aqui é X-Men? 'Que se faça a cocaína!'". Eu meio que gritei, com a voz entoada. Alice disse que teria como missão arranjar pó para eu experimentar e eu me quedei na mesa de bar, esperando. Ela provavelmente foi até o Lado Ruim, então a espera seria longa. Acendo um cigarro e fiquei bebendo, até que...

Ele apareceu de novo, mas sem os óculos. Aqueles olhos. E só disse: "Não há recompensa. Não aceite. Acabe logo com isso. Não tem recompensa, ok? Eu te amo." E então Jolo desapareceu de novo, rumo a uma nova viajante, - mais um 'eu te amo', talvez? - sem me dar a chance de perguntar que diabos ele falava. Alice voltou depois de um tempo com o pó e fomos para o carro usar. Ela usou a prancheta dos documentos para estirar e eu dei a primeira. Logo após, a segunda. "Meu, me sinto como se fosse.." (suspiro)..

"Deus?"

"Melhor!"

E rimos. Conversamos sobre coisas tolas e arte, mas percebi algo estranho em Alice. Ela fazia perguntas sérias

quando não havia espaço para isso. “Me conte de Jesus.” Foi uma das imposições. Brochei. Dei mais uma e acendi um cigarro. “Quer saber de Jesus? Jesus foi um teste. Ele não pagou os pecados de ninguém, muito pelo contrário. Enquanto caminhava para o fim, morrendo de sede, clamava por água. Deram um cálice para ele, era um tipo de vinagre. Imagina, menina. Isso é Jesus. Isso foi o que eu criei.” E acendi outro cigarro enquanto ela quedava em silêncio. “Então ele não volta?” A audácia. Senti certa raiva, não da curiosidade, mas da pessoa. “Jesus já voltou. Muitas vezes, aliás. Jesus sempre volta. Está programado para isso.”

“E você? Não tem vontade de conhecê-los? Viver, morrer, comer, tentar entender?”

“Eles eu entendo. Eu só não entendo...” Não quis dizer. Era como Michelangelo assumir que não fez a Capela Sistina.

“Diga, Shraim. Entender o que?” ela insistiu. Confessei. “O amor. Eu não entendo o amor.” Finalmente. Achei que ela ficaria estupefata, confundida, atordoada. Mas não. Ela parecia... preparada.

“E se eu te disser que posso proporcionar isso a você?”

Joguei o cigarro fora e me levantei, num susto. “Quem é você?”

E então, tudo se dissolveu. O carro, Santa Fé e até o rosto de Alice – que não era Alice, era José, com o pano cobrindo sua cabeça. Eles estavam na Câmara, com Schmeb e seu caderno e todos os espelhos destruídos. “Anotou tudo?” José pergunta a Schmeb. “Sim, senhor.”

“Vamos sair daqui. Venha, Shraim.”

Essentia Amore

Eu realmente não sabia o que fazer, então segui José e Schmeb. Ao sairmos de casa, as Três Marias levantaram-se assustadas e começaram a protestar. “Calem-se.” José disse, e eu juro que vi o chapéu dele se mexer, e as três Marias calaram-se e ficaram feito estátuas. Schmeb ainda os seguia e escrevia. Eles subiram a colina, passaram pela horta e entraram na casa de José. Nada ostensivo, tudo normal. Sentaram-se em uma mesa.

“Você disse que quer conhecer o amor. Faço parte de um grupo que pode associar você a isso. Não posso dizer mais. Podemos fazer com que você viva como um deles. Um que chora, que sofre, que perde, mas que também ri, regozija, diverte-se. Alguém que ama. Juntos, temos esse poder. Esse projeto chama-se ‘Essentia Amore’ e foi criado para balancear o karma dos seres vivos e criar um karma para um Deus. Você aceita?”

O “pulo do gato” aqui era a palavra Karma, que José não enfatizou de propósito. Eu, entediado e suicida, claro que aceitei. O toque de Jolo não passou pela minha mente nesse momento. Nada passou, apenas um calafrio e um sentimento de antecipação de finalmente... ser.

“Como chegamos até lá?” perguntei. Ele apontou para uma porta amarela do lado da cama. Eu me levantei e antes que José abrisse a porta, Maria Sábia apareceu. “Espere, Shraim...” José pareceu perplexo. “Mas como...?”

“Por favor, Regulador, tenho fios de cabelos mais antigos que teus truques. “Shraim, coloque isso.” Ela disse, colocando um colar d’Árvore da Vida em meu pescoço. O colar era de prata, e os galhos da árvore cobriam o pingente no

formato de um cilindro. Eu olhei pra ela. Ela não parecia preocupada, mas sim triste. “Que isso, Sábia, eu já volto. Passa num piscar.” Ela beijou minhas sobrancelhas loiras e se afastou, enquanto Schmeb – que não havia se afastado– parou de escrever e olhou pra cima, para José, como se duvidando de... “José?...”

“Você também vai. Mas só vai se lembrar quando a hora for oportuna. Vamos. Todos.” E eles seguiram pela porta, que se fechou enquanto um relâmpago laranja caía no céu de São Paulo mas, infelizmente, ninguém reparou. Agora, George e Giulia, nessa ordem.

O Americano

Não podemos dizer que o ratinho entrou no albergue despretensiosamente. Ele já estivera ali antes em busca do que prezava ser a epítome do prazer: “Dulce de leche”. Alias, não era um ratinho e sim uma ratazana, mas esse nome é feio e me recuso a usá-lo porque esse era dócil, limpo e só tinha o desejo de comer o doce, que no albergue era abundante.

O tal albergue chamava-se Fiesta, e era um nome a qual se fazia jus. O rato era grande o suficiente para subir a primeira escada que dava diretamente na área do bar, que era uma visão em si. Murmúrios, falatório, está lotado. Atrás do bar, nas paredes, vários desenhozinhos artísticos e alguns pôsteres de artistas como John Lennon e uma lenda do Tango. O ratinho continua sua busca passando por uma garotada cheirando um tipo de pó, o recepcionista do albergue pegando um baseado das mãos de um hóspede. Seguindo pelo bar, o rato chega na área de lazer onde um palco pequeno estava montado e, lá, George Jones se apresentava. Ele era gordinho, branco de cabelos cacheados e com as sobrancelhas bem amarelas, como se tingidas. Usava uma roupa descolada, essas que nunca saem da moda e era sua assinatura: uma camiseta básica rosa clara, uma calça skinny e sua jaqueta de couro com um colarinho de pêlo falso. Tinha também tinha um colar no pescoço.

“Bueno. Eu dedico isso ao pênis. Principalmente, o meu...” mas o rato continuou sua conquista atrás do tal “Dulce de leche”. Passa da área do palco e ia subindo pela escada que dava no segundo andar. Meninos e meninas e outras coisas em seu caminho, um cara pelado saindo do banheiro, um casal copulando: Animais. O rato passa o radar nos poucos quartos do segundo andar, mas não

encontra nada, então volta ao primeiro andar onde George Jones está terminando sua apresentação:

"Sempre foi isso.. eu publicamente descrevendo meu inferno e você, orgânico e consciente, simplesmente distraindo a si mesmo." Ele acaba o poema mandando um dedo do meio para sua virilha. "E, principalmente, "Fuuuck. Youuu."

Perto dali, sentado no bar e escutando o poema que levava português, inglês e espanhol, estava um americano antenado. Thomas Bazynski com a motivação de estar ali sendo oculta e, algumas partes, escondidas até para ele. Era pálido com cabelos escuros e lábios bem vermelhos. Ele olhava para um canto do bar, para algo que só ele via. Espera... é, só ele via.

"Mais uma, Diego, por favor. Menos coca dessa vez." ele diz ao ouvir o menino George se aproximar, ouvia porque o menino ali era popular e todos queriam falar com ele – algo que ele mesmo detestava, mas não compartilhava essa parte com ninguém. –Ele ouviu o americano pedindo em inglês e decidiu intervir, muito para a sorte desse americano vigilante.

"If you ever go down Trinidad!.. né não?" ele questiona o americano, que o olha com curiosidade.

"Como é que é?"

"The Andrew Sisters? Qualé, me falaram que tu era americano." George diz, sentando-se ao lado de Thomas e pedindo também Cuba Libre.

"Sim sim... Estranho e bêbado poeta..." Thomas disse, com o coração acelerado e o olhar focado em George, decidido a não olhar pro canto do bar e trair sua posição. Estava

em uma situação delicada e arriscada e, por mais que pareça um acidente, foi bem pensada para acontecer. Ele não queria transar com George, mas deveria ser seu amigo. Como foi dito, a responsabilidade era grande.

"Awn, obrigado pelo poeta. Agora eu vejo isso aqui..." George começa, acendendo um cigarro, e aponta para os dois: "Morando no litoral da Itália e comendo queijo Gouda todos os dias. Todo. Dia. Gouda. Depois, nos EUA, falando mal de nossos amigos, depois da festa de Super Bowl da sua família, é claro." Thomas se divertiu com os comentários, e fingiu levantar-se para ir embora. "Tudo muito estranho, o que você falou. "Tô fora." Ele disse e, antes de sair, meio que voltou ao lugar. "Mas eu fico se você me dar um cigarro."

George deu um sorrisão (bang), e deu o cigarro a Thomas. "Seu nome? Para fazer o cadastro mental, claro..." o brasileiro indaga.

"Thomas. Thomas Bazynski. E você?"

"Thomas. Tom-tom-tom. Ei! Eu posso ser o seu Jerry."

"Nesse cenário eu seria o perseguidor?" Thomas perguntou, fumando o cigarro recém aceso e dando um sorriso irônico para si mesmo. Sai, canto do bar.

"Claro. Pera. Você nem é gay né?" (bang). O olhar furtivo de Thomas passa pelo canto, por Diego, pra garotada se drogando e bebendo.

"O mais hétero possível." Thomas diz.

"Droga. Bom, desafio aceito!" George diz, dando risada. Foi então que começaram a conversar. Thomas perguntava coisas às quais já sabia a resposta, mas se surpreendeu com a cabeça do novo amigo. George era refrescante e muito inteligente, e nenhum relatório fazia sentido sobre

suas cruzes e constante melancolia. Era aquele garoto dito como dependente, deprimido, doente? Thomas não conseguia ver aquilo.

"Você gosta de ler?"

"Depende de quem escreveu o livro." Putz. Mal sabia o próprio Thomas que George era mais autor do que muitos, e pobre de George que não sabia nem isso e nem nada. Sabia nada.

"O que tu leu ultimamente?"

"Sei lá. Fernando Pessoa, Emily Dickinson."

"Fernando Pessoa?! Não acredito. Todas as cartas de amor são ridículas!" (bang).

Tom acenou, bebeu, fumou, escutou, falou. O assunto em standby: "Então, eu ouvi seu poema. As intempéries de pênis. Era sobre pau mesmo?"

"Quê?"

"O poema. Era sobre seu pau?"

"Tá brincando? Claro que não."

"Sobre quem era?"

George deu um sorriso e seu olho brilhou. Não daria nome às vacas, então rapidamente pensou em um codinome. Não seria a primeira ou última vez que fazia isso. Chegou perto de Tom, a ponto dele achar que era uma tentativa de o beijar, e sussurrou em seu ouvido: "El Diablo!" (boom!)

E assim foi. Tom não quis saber muito do Diablo, mas perguntou algumas coisas. Não obteve um nome, mas já virara piada interna entre eles. Ali, o destino selado, e o

americano foi escolhido por George. Não digo para o que, mas ali foi um momento de escolha.

Rafa, amigo de cabelos azuis gordinho com a voz rouca de George e também conhecido de Tom – na verdade o recepcionista do albergue, que havia fumado um baseado no começo dessa descrição – aborda os dois.

"Phew. Não foi um desastre, bee. E não é esse o ponto de poesia?"

E foi-se formando um trio. Ali, em Buenos Aires, viveriam bastante em pouco tempo. Ali, em Buenos Aires, era o começo do fim. Ou o fim do começo? É, os dois.

Era mais ou menos 4 da manhã e eles haviam conversado e dado muita risada. Rafa já tinha ido dormir pois saiu de seu turno às 01h, mas Thomas e George continuaram. E George estava bêbado. Bem bêbado.

"Meu quarto... É aqui na frente. Quer ouvir música e fumar uns cigarros?" Solavanco no coração de Thomas, outro bêbado. Já não mais olhava pro canto do bar. Aqui estava, a verdade nua e crua.

"Geeg... é que..." Bang! Crush! Plaft! Ossos quebrando, o som. A quantidade de sangue que saiu do ratinho ao ser espatifado com o caderno carregado pela recepcionista era incrivelmente grande. George, ao ter visto o rato bem antes de seu assassinato lambendo uma colher de Dulce de leche que ele mesmo tinha colocado ali, ficou furioso e descontrolado. Xingou e queria partir pra cima da recepcionista – uma lésbica bem masculina, mais macho que ele até – mas foi controlado por Thomas e os que restaram ali. A noite tinha acabado e até o encanto de conhecer o americano desapareceu de sua mente. "Fucking humans".

Dormiu.

Thomas ficou até o amanhecer no bar, bebendo e ainda olhando pro canto. O que revelo agora é que nesse canto havia um espelho, e nesse espelho Thomas observava a figura de uma mulher que aparecia só pra ele: Maria Moça.

Phoenix

Vamos aos fatos.

A conversa havia tomado um rumo estranho e as mãos de Esmeralda tremiam ao servir, pela terceira vez, uma xícara de café. Sua última pergunta tinha deixado a visita nervosa, irritada. O questionamento em si não era banal, burro ou descartável. Era de importância. De suma importância. "Eve-Marie" decidiu responder.

"Escute bem, Esmeralda. Você tem que tomar a frente da situação. Você sempre esteve em busca do segredo, certo? O segredo da vida, de quem você é, e de quem nós do outro lado somos. Eu vou te contar, então." Eve-Marie diz, rindo sozinha. Achava graça o nervosismo de Esmeralda. Beirava o desespero. Ela acende um tipo de cigarro preto, de cheiro forte e continua:

"A vida é... uma receita de bolo. Com os anos você encontra um ingrediente aqui, outro ali. Coisas, pessoas, vivências te ensinam a misturar a massa, e até como fazer um recheio. Doce, e sem fruta seca, por favor. Você acaba sendo capaz de fazer um bolo até que bem gostoso, e ele melhora cada vez que você faz ele, e com o passar da boiada todo mundo sabe que aquele bolo, ah!, *aquele* bolo deve ser de Esmeralda. Aí vem a questão: você, que perdurou e sofreu tanto pra poder fazer seu bolo, vai dar a receita para os outros? Nana-nina-não. A minha receita, pelo menos, é de família. Às vezes, é o tipo de receita que se leva ao túmulo." Marie diz, no esconderijo de Esmeralda, atrás da estante da sala da casa dela. O lugar fedia a mofo. A mulher, ainda tremendo – e isso não era característico dela – não diz nada.

Marie traga seu cigarro e aquele cheiro, maldito cheiro, permeia no ar.

“O seu bolo está seco e você nem chegou nos ingredientes do recheio ainda, minha velha conhecida. Eu posso sim, te fornecer ingredientes. Mas eu não posso te dar a receita inteira. Não ficaria igual, você entende? Você quer uma versão barata do meu bolo ou quer fazer o seu?”

A mesa puída e improvisada tinha a garrafa de café, as xícaras e alguns biscoitos amanteigados. “Eu quero um bolo. Você sabe que eu quero entend...”

“Chega.” Marie diz, apagando seu cigarro na mesa de madeira e jogando a bituca no chão. “’Tudo é tão simples que cabe num cartão-postal.”, já ouviu isso antes? Não? É a verdade. O que você precisa é de uma canela, talvez um mel, um glaçúcar. Não sei. Mas vou ajudar.” Marie diz, levantando-se e tirando da bolsa uma caneta. Ela pega uma das fotos de cima da mesa e encara as pessoas nela por certo período. É a vez de Esmeralda sorrir. “Nostalgia, minha querida Eva?”

Eve-Marie dá com os ombros. “Um dia, quem sabe, a gente come seu bolo, Esmeralda.” Ela diz, tirando a tal foto do porta-retratos e escrevendo algo atrás.

“Taí, um puta dum ingrediente. Faça o que deve fazer. Ela virá até você, não se preocupe. Fênix está a par de tudo e, ah! Antes que me esqueça: A sua visita da noite trará um presente. Aí, sim, você pode cortar seu bolo. Literalmente.”

Ela olha para Esmeralda e lembra de antes. O mundo não era justo para as mulheres, muito menos a dessa família. Mas Eve-Marie já havia vivido e testemunhado mais do que o possível e, apesar da vontade de chacoalhar e lembrar Esmeralda de sua verdadeira essência, ela não podia. Ela tinha que ser a chefe. E, afinal, Deus era apenas um menino. Ela foi embora e Esmeralda ficou com a foto nas mãos, tremendo, olhando o escrito.

O Lado Ruim

"Psiu."

Era assim que a garota era acordada, todos os dias. Se ela demorasse mais um pouco, outro "Psiu" seguia. Até à exaustão. Ela testou. Levantou-se sem responder. Foi logo para a escola e voltou.

Estava agora olhando uma foto antiga da escola no computador, talvez da época do primário.

Foi nesses tempos que uma vez houve um mal-entendido na escola pois a professora não acreditou que seu pai era realmente seu pai, e brigou com ele achando que Evandro queria sequestrar a menina. O pânico da menina roubada. Noticiários inteiros eram dedicados a isso, semanas intermináveis de meninas dilaceradas, esquartejadas, decepadas. E a audiência? Enorme. Isso se chama "Schadenfreude", Giulia aprendeu. Schadenfreude é definido como: Experimentar um estado emocional positivo ao testemunhar o infortúnio de outra pessoa. Quer dizer, "fico feliz por não ser você." Enfim, o mal-entendido.

Depois do ocorrido, todos deram risada e deixaram pra lá, mas Giulia nunca esqueceu. Ver seu pai hostilizado pela própria professora no primeiro dia de aula é algo que deixa marcas na pessoa. Uma criança. Aquela foi a primeira vez que realmente percebeu que a cor da pele significava algo para o mundo dos adultos: o mundo *real*.

Ter uma mãe preta e um pai branco nunca foi um questionamento para Giulia antes daquele dia e, mesmo não tendo experiência de vida, Giulia era questionadora. Sua pele era de um tom café-com-leite, quando se capricha no café. Aliás, era o café da manhã de seu pai, Evandro: pão pullman com margarina e café com leite. Manteiga era

muito caro e, de acordo com o pai, “destroçava o pão”. O cabelo dela era grande e armado e seus dentes da frente tinham um espaço entre eles. As pessoas diziam que era charme. Bobagem. Pelo que Giulia havia entendido, em seus pequenos 17 anos, charme se traduzia em cabelos loiros e olhos claros, juntos a um corpo fininho.

Ela nunca perdoou aquela professora e, mesmo sendo novinha, pegou implicância com a mulher. Durante suas aulas, recusava-se a prestar atenção, e focava seus olhos em livros, companheiros de duras manhãs e vastas madrugadas em seu quarto. Mesmo não prestando atenção, tirava notas boas. Não entendia o porquê. Como é de costume com tais pessoas, Giulia não entendia que era inteligente. Havia muitas coisas que Giulia não entendia. E era inocente. Infelizmente.

Para ela, tudo isso se traduzia em estranheza. Sim, ela era estranha. E se sentia bem com isso. Se ser normal era o que ela observava no tal mundo real, quanto mais estranha, melhor. Mas, como de costume, estranheza leva à reclusão e solidão. Não entenda errado, Giulia adorava a solitude – a nobre habilidade de ficar sozinha consigo mesma. Mas a solidão... E ela nem entendia, de verdade! Algo, de noite, se espreitava na sua cama e sussurrava em seu ouvido que havia algo faltando. Havia, sim, mas ela não achava que era um astro de novela. Ela só queria dar risada. E ela dava, com os amigos dela: Os livros, os filmes, as séries de TV, e até a música fazia ela dar um sorrisinho aqui e ali. Como era frustrante! Ter um conteúdo infinito de coisas sublimes sem poder dividir. Será que a Deusa se sentiu assim quando criou Deus? É isso! Esse foi o motivo! Ah, Giulia poderia sair por aí falando para os outros, mas era muito nova para ser um falso profeta dos dias atuais. Além disso, não tinha o network necessário.

Desses amigos o mais fiel era seu videogame. Amava jogos de RPG e ficava horas explorando mundos estranhos. Mas até esse amigo tornara-se enfadonho. Isso é normal para os estranhos, veja bem. Giulia sentia que estava no lugar errado, e isso cada vez mais a inconformava. Tinha algo de muito errado naquela cidade. As pessoas pareciam estar em modo automático, laborar a semana inteira em algo que não gosta para encher o bucho de cerveja ou cachaça ou - escolha aqui o refúgio que quiser - e voltar ao normal na segunda-feira. Era isso o mundo real? Tédio. Mas que tédio. Giulia estava presa, queria crescer, mas não queria o mundo real.

Ela mantinha um diário em um caderno rosa com um coração alado na capa, mas até suas escritas cessaram. Escrever todos os dias sua rotina (escola, casa, livro, videogame, refeições e questionamentos filosóficos – repetir) só tornou-a ainda mais consciente sobre a prisão que estava vivendo. Não podia ser só isso.

Giulia só tinha tido uma experiência com o Lado Ruim – pelo menos que ela lembrasse. Fora em um evento comemorando seu aniversário em Santa Fé quando era uma criança espevitada.

O evento aconteceu nas redondezas da estátua do Redentor que era erguida bem no meio da cidade, na Praça do Cristo. A praça era espaçosa, com luzes de LED (recém-colocadas) na grama verde – as luzes também, verdes – e na base da estátua havia algumas oferendas (vamos falar sobre isso ainda). Era uma estátua maciça e tinha a altura de uma pessoa adulta, e era bem grossa. Giulia brincava de esconde-esconde com outras crianças quando correu tanto que chegou na fronteira para o Lado Ruim, que começava no início de uma estrada de terra que levava a um matagal que ficava atrás da estátua. Ali, saindo da estrada de terra, havia uma

personagem estranha, um velho mega esquisito com uma barba branca tão grande que quase tocava o chão. O velho, ironicamente, era altivo e tinha um aspecto... Agradável. Lembremos, ela era uma criança. Ele sorriu pra ela. Era um sorriso acolhedor. Então, ele piscou para ela, como quem chamava um amigo. Giulia ia se aproximando, mas foi interditada por seu pai e levou uma bronca que não merecia, afinal ela só estava brincando. Ela não sabia, mas foi esse o dia que dentro dela fora ativado o motivo de nossa história. Ali, a inquietação de Giulia começaria.

Enfrentando o tédio e a tal inquietação, Giulia começou a fuçar. Ela começou a ficar curiosa sobre sua família, a cidade e seus antepassados. Ela lembrava dos ditados, anedotas e máximas que sua avó, recentemente falecida, dividia com ela. Ela morreu por amor. Era uma história famosa na cidade. Após morrer seu filho mais velho, um galanteador que produziu vários filhos e andava em seu fiel cavalo, divertindo os irmãos e primos, a avó não aguentou e horas depois também morreu do coração. Por causa disso, talvez enraizado na menina, o limite entre a tristeza e o amor era curioso. Justo ela, que nem beijar já havia beijado. Quer dizer, ela havia experimentado com sua amiga – e agora traficante – Josy, uma vizinha branquela filha de militares (militares? ah, alguém importante!) que ouvia punk rock e ficava no posto de gasolina seduzindo caminhoneiros. “Caminhoneiros são fáceis pois são carentes. A estrada dá tesão, Giulia. Bora comigo!” Ela sempre dizia, mas Giulia, estragada pela arte, queria um grande amor. Ela não era pudica no quesito sexualidade, mas tinha sim o sentimento ingênuo de que sua primeira vez deveria ser pintada com desejo e amor e não na boleia de um caminhão.

Será que o amor era tão fácil quanto a arte mostrava? Ou seria difícil e melancólico, como a arte também mostrava?

A morte de sua avó foi a única que ela testemunhou, e praticamente a única história de ancestralidade que possuía. Sua mãe, Clarice, era o protótipo da negra colonizada, que ia à igreja católica e ignorava questões de raça. Um primo dela, militante, sempre dizia tais coisas para Giulia. Ela achava ele um saco. Todos estamos lutando e, desculpe, mas a Deusa não tem cor, gênero ou orientação sexual. Tudo era construção e, isso, era óbvio para Giulia. Mas a natureza a intrigava. Por bons motivos.

Sua avó costumava fazer leite com caramelo para Giulia antes de sentar-se no pé de sua cama e contar histórias sobre os degenerados, perigosos e sobre as imoralidades que cercam as pessoas do Lado Ruim. Um dia, a avó disse: "Preste atenção, menina. Todos nós nascemos sozinhos e, nisso, estamos todos juntos. Entendeu?" É claro que Giulia não entendeu – e pensou: "gêmeos siameses não nascem sozinhos." Mas não comentou nada porque não devemos ferir a sabedoria dos mais velhos com respostas irônicas que subestimam a metáfora dada.

Hoje em dia, uma jovem estranha com certeza tinha seus momentos de existencialismo. O curioso é que não era por causa das aulas de filosofia ou sociologia. O que pegou Giulia foi biologia. Entender como um planeta ganha vida acabou com ela. Mesmo assim, ela misturava o criacionismo com Darwin. Quem não faz isso, enlouquece, mesmo que medicado. "Os que pouco sabem são privilegiados." Era outra frase que sua avó dizia. Giulia queria saber pouco. Mas seu Big Bang cerebral já estava em expansão.

O que mais brochava Giulia era justamente o extremismo que isso causava. Hoje em dia, os vilões se defendem usando o nome da "família tradicional brasileira". O povo que usa essa frase nunca visitou uma família brasileira, muito menos as tradicionais. Até seu tio Arnaldo defendia esse termo em seus comícios. Agora, com a eleição ganha, a família que se foda. Aliás, pensava agora, fazia tempo que não via seu tio. Acho que os prefeitos são ocupados demais para a plebe familiar.

Entenda que essa história se desenrola por causa de uma coceira dentro de Giulia. De novo, algo estava errado. E ela começou a investigar. Perguntava aos pais sobre os ancestrais, afinal Evandro era um dos Patronos da cidade, título herdado dos fundadores há décadas atrás. Adultos não têm idade para a curiosidade infanto-juvenil, percebeu. Se os vivos não quisessem responder, ela reduziria sua atenção aos mortos.

Haviam pastas e caixinhas no grande armário no escritório da casa. Estavam empoeirados e ali permaneceram por gerações. Giulia, sem videogame e o resto, tornou-se analógica por um dia inteiro. Cartas de amor de nomes que ela nunca tinha visto: Margarida, Ernesto, Silvia, "Benhê", Arnaldo e um tal de José, que escreveu uma carta à mão mas com símbolos estranhos que Giulia não sabia traduzir. "*Mas afinal, são as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é quem são ridículas.*"

Viviam numa casa herdada e o sobrenome da família era pesado. Goulart. Seu tio, Arnaldo, não tinha filhos e era prefeito da cidade. Tinha ganhado com recorde de votos. Apesar da família inteira ser progressista, ele concorreu em uma chapa conservadora para, é claro, atingir os pobres ignorantes que votam em seus próprios inimigos. Como eles conseguiam viver assim? E o sentido da vida, a vastidão do

espaço, as sutilezas das sincronicidades, a natureza grandiosa? Balela. Ela assistia pessoas parecidas com ela nesse sentido, lia sobre elas mas nunca encontrou um único ser assim em Santa Fé. Josy até que se destacava mas ela, assim como os outros, se encaixava na demagogia do status-quo.

Resolveu retirar da prateleira uma caixinha de bambu e... Bingo!: Um documento muitíssimo interessante. Certidões de nascimento, casamento e óbito. Palavras, atos, comemorações, lágrimas e risadas reduzidas a palavras formais e contundentes. É o que restava dos heróis desconhecidos da ancestralidade. Pra quê isso? Por quê? Mas, o mais importante ela achava era: como? Quem registra os sorrisos, os beijos, as epifanias, os suspiros, os olhares? Ela desejava poder parar de pensar. Tentou meditação, relaxamento, mantras, mas não conseguia. Muito estranho. Muito estranho mesmo. E o próximo documento que encontrou aumentou a estranheza de tudo. E é aqui que começamos.

Ela não entendia muito bem o vocabulário formal do documento, mas até ela conseguia entender o básico: Uma escritura de um terreno no nome de seu bisavô materno, Ernesto. O endereço era "Av. 7 de Julho, Nº 722". Como? Será que...? Giulia sentiu um solavanco no coração. Era um anjo com uma placa de aviso. Foi ignorado.

A avenida 7 de Julho era a principal via de transporte da cidade. Era também o local da Praça do Cristo, onde ficava a estátua d'O Redentor. Acontece que era de conhecimento geral que o Lado Ruim começava a partir do número 500 da Avenida. Muita coisa agora passava pela cabeça de Giulia, e ela sentiu um arrepio ao tomar sua decisão.

O entardecer anunciava a iminência da escuridão. Pegou roupas do armário, sua escova de dente, seu diário, um mapa da cidade e colocou tudo em sua grande mochila da

escola. Sabia que sua mãe viria à noite dizer “boa noite” e escondeu tudo embaixo da cama para não gerar suspeitas.

Ela ia deixar um bilhete dizendo o que decidiu fazer, que estava bem e que não a procurassem. Lembrou de pegar umas barrinhas de cereal e colocou na mochila, subiu na sua bicicleta e assim foi em direção ao Redentor quando a hora foi propícia.

Giulia atravessa a avenida. Atrás do Redentor tinha uma mata e saindo da mata vinha a estrada de terra que levava-a a seu destino, com casebres e barracões sem planejamento, uma área verde vistosa. Pés e árvores de frutas e raízes, pequenas propriedades com nomes curiosos como “Recanto da Cigarra” – que tinha uma placa dizendo “Quitutdes da Maga”, “Fim da Picada”, “Nove de Paus” e por aí vai. Ela seguiu a estrada e chegou no número 722.

Achou muito estranho como tudo estava vazio enquanto amanhecia. Qual seria a rotina das pessoas dali?

A casa no terreno era enorme, de aspecto externo abandonado. Ali não parecia morar ninguém. Uma rede branca balançava sozinha ao encanto do vento gelado. Giulia abre o portão velho que faz barulho de enferrujado e examina a casa de perto. A porta era feita de madeira escura com uma maçaneta de ferro. O casarão antigo parecia ter dois andares. Ao lado esquerdo da casa, no corredor, havia uma horta extensa e um cheiro de terra molhada que remetia à infância. O jardim era bem cuidado, diferente da frente da casa. As janelas possuíam vitrais tipo esses de igreja. Pareceu ver um movimento. Bate na porta, esperando ninguém.

“Ninguém” aparece. Uma mulher de cabelos maiores do que os de Giulia, também armado, porém grisalhos. Se

as bruxas existissem, essa com certeza seria uma. Com a voz trêmula Giulia se apresenta.

"Olá. Meu nome é Giulia, tudo bem?"

Ela nem sabia o porquê de estar nervosa, mas algo emanava daquela mulher que a deixava intrigada. A mulher a fitou por um momento. Então, fez algo muito peculiar. Deu risada.

"RÁ! É claro que seu nome é Giulia. E é claro que meu nome é Esmeralda. Entende? RÁ! Claro que não." Ela abre a porta e sinaliza para a garota. "Entre e eu explico".

A garota, desconcertada, não sabe o que fazer a não ser aceitar o convite. Esmeralda fecha a porta com um sorriso satisfeito e entra logo após Giulia.

Grandpa Jones

Era passando por um corredor escuro e uma viagem de elevador que levava Thomas a conhecer o chefão. Eve-Marie já havia se apresentado meses atrás, logo após Thomas voltar do oriente no seu treinamento, e eles haviam se dado bem. As coisas que ouviu, poucas e meio sinistras, sobre o Mr. Jones não iriam se quedar em coincidências.

Thomas não era o espião dignitário da CIA, e sim algo diferente, mas mesmo ele se sentia desprevenido em não ter uma arma em um lugar daqueles e, principalmente, numa situação daquelas. “Torne-se amigo do garoto.” Foram as ordens, que foram cumpridas em menções honrosas.

Ele chegou na porta marcada ‘6’ e bateu. Reconheceu a voz de Eve-Marie dizendo para entrar e assim o fez. Não iria descrever a sala agora.

O cara era grande mesmo. Bem americano. Conversavam em inglês, e ele tinha um bigodão na cara enquanto fumava um charuto. Às vezes um charuto é só um charuto.

“Então. Você é nosso cara. Sente-se. Sou Alfonso.” Ele disse, cumprimentando Thomas.

“É um prazer, Mr. Jones.”

“Como estão as escritas dele?” o cara perguntou sem cerimônias. Ganhou igual resposta.

“Em desenvolvimento.” Eve-Marie disse, seu cabelo raspado e branco brilhando na luz.

“Hum. Eu não gosto. Ele só escreve sobre puta e viado.” Eve-Marie deu risada, e Thomas ensaiou uma também. Alfonso não gostou, ele percebeu.

“Todo mundo escreve sobre puta e viado, Alfonso. Confie em mim. Estão em desenvolvimento. Ninguém é primoroso escritor aos 22 anos.” Ela diz tirando um maço preto de cigarro do bolso, puxando um cigarro preto de lá. Fuck. Thomas queria um. Alfonso estava olhando pra ele.

“Eu acabei de conhecer ele. Ele não me mostrou suas escritas ainda.”

“Ele deveria estar fazendo outra coisa. Algo produtivo. Quantos anos você tem, garoto?” Aquele ‘garoto’ irritou Thomas. O cara era um valentão, logo entendeu. Até parece que ele ia o chamar de ‘Sir’.

“24, Mr. Jones.” Ele disse, querendo mais ainda um cigarro. Ia pedir pra Eve-Marie quando...

“Você é viado também?”

Thomas e seus olhos azuis fitaram o homem.

“Não, senhor.”

“Bom. Não irá se distrair. Marie, o que ele sabe sobre a Família?”

“Quase nada, Alfonso. Thomas será integrado logo, porém ainda não sabe. Em São Paulo nós tínhamos a equipe dos vizinhos para coletar as profecias, porém aqui só temos Thomas.”

Ela falava com desprezo, Thomas notou, e gostou de ver que o homem irritava ela também.

“Está fazendo seu trabalho, Thomas?” Ele falava com o tom de condescendente de bilionários que olhavam os pobres. Mesmo que Thomas ganhasse bem e não lhe faltasse nada, ele sempre esteve mais próximo dos pobres do que dos ricos. A maioria das pessoas está.

“Sim, senhor. Ele só entrou no modo de transe uma vez até agora, quando troquei sua maconha pela raíz-forte. Ele escreveu algumas coisas, mas eu não consegui entender ain...”

“Não é pra você entender. Nós temos uma equipe pra isso. Foque no seu trabalho que é receptar e ser um amigo. Só isso.”

Thomas se preocupou por um segundo. Genuinamente tinha feito amizade com George, mas não eram próximos o suficiente para se considerar um traidor. Isso ia mudar. “Desculpa, mas com quantos anos George começou a fazer isso?” ele perguntou, mas Alfonso parecia entediado. Marie respondeu gentilmente.

“Desde pequeno. Na puberdade, o espírito se assentou e os rabiscos tornaram-se palavras. Foi a mesma coisa com a avó dele, Eleanor.”

Eleanor. Aquele nome. Conhecia parte de sua história, pois era a autora de muitos arquivos de Fênix no aplicativo que mandaram ele se conectar.

“E essa.. Família. O que é?”

“Nada da sua conta. Foque no que tem que fazer e venha com menos perguntas. Marie, não sei não...”

“Alfonso. Lembre-se o que aconteceu da última vez que você não confiou em mim.” Ele olhou para ela com um olhar assustado e tocou numa cicatriz em cima de seu lábio. Aquele cara... Que vibe estranha. Thomas realmente não gostou dele.

“Podem ir.”

“Espera. Trocar a maconha por raíz forte. Eu não sei se consigo fazer isso de novo...”

Alfonso bufou. “É só comprar maconha que a gente faz a troca.”

“Mas ele pega com o Rafa...”

“E você acha que o Rafa pega com quem?”

“Ah.”

“Ah. Então, vá.”

“Vamos, Thomas. Quer ir andando ou quer que eu peça um carro pra você?” Eve-Marie levantou-se, olhando profundamente para Thomas. Ela via algo. Ele também.

“Andar parece bom.”

E eles saíram da sala, do elevador, do prédio.

“Desculpa, Marie, mas eu não tô entendendo...”

Eles andavam pela Corrientes, que era perto do albergue.

“Relaxa. Eu vou inteirar você quando for a hora.”

“A hora do que?”

“Você vai ver.” Ela disse, pegando o maço de cigarro. Ele sorriu. “Você pode me dar um?”

Ela olhou pra ele e depois pro cigarro. “Desculpa, Thomas, mas esse cigarro não é pra você. É uma concentração de raíz forte.”

“Como? Raíz forte não é um alucinógeno poderoso?”

Ela tragou do cigarro e acenou. “Sim, exato. Mas eu tenho constituição para ele. Meu carro chegou. Vou mandar os seus itens. Ritalina, né?”

“Sim. Ou Venvanse. O que for mais fácil.” Ele disse enquanto ela entrava em um Sedan preto.

“Meu conselho, Tom? É que você pare de orgânica e deliberadamente de distrair a si mesmo. Conversamos depois.” Ela disse fechando a porta. Aquela frase. Onde tinha ouvido antes? Comprou um cigarro e andou até o albergue. Mas... que?

Santa Fé

A câmera estava equilibrada no tripé. Aquilo sim tinha sido um bom investimento, um combo do Mercado Livre para futuros influencers. Ele não tinha essa aspiração, ele tinha uma profissão *de verdade*. Frederico adorava dias assim. Dias com ação, novidades, transmutação.

Estava na frente da Câmara Municipal, um prédio com colunas gregas e mega estilizado, destoante da arquitetura da cidade inteira. Quem quer que tenha projetado aquilo, pra Fred, tinha viajado. Ele dá *play* na câmera e começa a falar, seu cabelo extremamente ruivo refletindo a luz do sol, cabelo esse que havia garantido vários apelidos não mencionáveis aqui e agora.

"*Boom dia, Santa Fé. Bem-vindos a mais um "Mundo de Fred", seu repórter investigativo favorito. Primeiramente gostaria de agradecer ao público pela incrível marca de mais de 300 visualizações no último vídeo. É feito com amor e dedicação e é bom ver isso retribuído. Estamos aqui na frente da Câmara Municipal onde um projeto polêmico será votado. É o projeto proposto pelo vereador Fernando Malucci que prevê a divisão da cidade em dois municípios com a divisão feita na Av. 7 de Setembro na altura da estátua do Redentor. O que vocês acham disso? Concordam que a cidade se beneficiará mais com a divisão ou devemos deixar as coisas como estão? Vamos até as ruas descobrir o que pensa o povo de Santa Fé.*"

Frederico pausa o celular e pensa em onde começar a entrevistar as pessoas. Decidiu que iria do limite d'O Redentor e depois entraria nas ruelas da pequena cidade. Ele começa a falar com os moradores, a maioria de vivência humilde, empregados nas fábricas de ração que empesteiam o

ar da cidade. Chegava certa hora da noite que o fétido cheiro - de merda? - assolava os ares.

As pessoas adoram falar de si mesmas, ele aprendeu. É só perguntar. Quando você faz o papel de entrevistador você possui o controle, e ele gostava disso. Ele não controlava quase nada na vida, vivendo refém de uma mãe superprotetora e um pai zeloso por demais. Filho único, Frederico era acostumado com atenção e talvez seja por isso que tinha escolhido a profissão de jornalista – sem formação, até porque não era mais necessário no Brasil – fazendo, de acordo com ele, as suas palavras ecoarem no tempo. Deveria ter sido artista – coitado.

Frederico não tinha uma namorada, mas não foi por falta de tentativa. A gravação é amadora apesar dos esforços do garoto de ser profissional, mas isso não importava. A cada vídeo ele ganhava mais *likes* e visibilidade. As pessoas começaram a parar ele na rua para dizer que haviam assistido seus vídeos. Ele apreciava o gosto da pequena fama, mas não por motivos supérfluos. Ele gostava de sensação de ser visto, de ser escutado, de ser relevante. A comunicação, para ele, era a chave para a evolução social. Tão ingênuo. A verdade é que a importância dos fatos não é nada comparado aos segredos inatos de cada ser individualizado. Individualidade era algo importante para os Deuses, mas ué, claro que o pequeno repórter nunca saberia disso. Ele tinha esse privilégio.

Ele começa a andar pela cidade coletando entrevistas. Ser um repórter investigativo significava ter que conhecer seus respectivos vizinhos. Quando não estava gravando ele fazia o trabalho braçal de passear pela cidade e conversar com seus moradores. Era sua lição de casa, esse *networking*. Desde que fora demitido da *"Gazeta de Santa Fé"* por não concordar com a agenda política do jornal o garoto

havia descoberto o mundo da internet. Ali, seus vídeos atingiam muito mais pessoas do que o mero jornal semanal, que tinha mais anúncios e puxa-saquismo com o prefeito do que notícias. Frederico havia se tornado uma personalidade na cidade devido ao conjunto de esforços *onlines* e presenciais, e ele adorava esse pulo social. Aos 22 anos ele trilha o caminho para o sucesso. Seus esforços podem não render dinheiro em si, mas ele era convidado a comer de graça na padaria e possuía uma *commodity* preciosa: Fofoca. Lidar e negociar segredos era uma arte que ele estava aprendendo. É claro que ele não podia divulgá-los por falta de provas, mas a vantagem de saber sobre a vida de todos na cidade o deixava em lugar confortável para fazer seu trabalho.

O primeiro entrevistado é o senhor que vende verduras de manhã com seu carrinho-de-mão. Frederico sempre acordava com o grito dele. "Veeeeeer-DURA". Era um grito ritmado, e sempre no mesmo horário. Seu nome era Hélio. Seu Hélio. "Seu Hélio, o que você acha do projeto de dividir a cidade em duas?" Hélio olha para a câmera, claramente confuso. Ele tinha a pele enrugada e queimada pelo sol e falava com um sotaque forte comum ao interior.

"É aqui que fala? É?..Eu acho é muito bom porque nossa cidade ficará melhor sem aquele povo do Lado Ruim, um bando de vagabundo e mortos de fome. E tem muito bandido lá, verdade verdade. A chicória tá fresquinha, seu Fred, não vai querer?" diz seu Hélio ainda frente a câmera, causando certo desconforto no jornalista. Frederico agradece educadamente o morador e busca o próximo entrevistado. Seu Hélio queria falar mais, mas Frederico não quis que ele falasse mais. Viu? Controle. Frederico então entrevista Dona Quitéria, a dona do *1,99* mais frequentado na cidade. A loja era enfeitada com máscaras, vestidos, chapéus de vários estilos. Era como uma viagem no mundo de

décadas passadas, décadas essas que estavam cada vez mais longe. Frederico se perguntava como iam chamar, por exemplo, os anos 20 se agora estavam em outros anos 20. Quitéria respondeu a pergunta:

"Eu acho que não tem que mexer em time que está ganhando."

"Então você acha que Santa Fé está ganhando, que nada precisa mudar?"

"Eu acho, eu não vejo problema algum. Esse pessoal d'O Outro Lado não vem para o nosso espaço da cidade, é como se nem existissem. Eu acho que os políticos querem fazer isso pra ganhar dinheiro como tudo nesse país".

Outra entrevista. É a vez de Dona Maria Aparecida, uma das beatas da cidade.

"Tem que dividir mesmo, se livrar daquele povo amaldiçoado que só serve pra diminuir a moral da cidade. Eu já fui pro Lado Ruim e lá só tem gente safada e mau caráter."

Frederico apruma a câmera no tripé novamente na frente da Câmara e conclui o segmento após mais algumas entrevistas.

"É isso aí minha gente, parece que há uma divisão de opiniões aqui na cidade. Eu como bom investigador vou tentar ir até o Outro Lado para descobrir o que pensa o povo de lá. Como eu vou..." Uma mulher o interrompe. Ela está chorando.

"Você é o menino do jornal, né?" Ela pergunta exasperada. Parecia ter saído de casa de pijamas, o cabelo esvoaçado, os olhos inchados de chorar.

"Isso mesmo, eu sou o *homem* do jornal online de Santa Fé, minha senhora."

"Por favor, me ajude. Sou Clarice Goulart e a minha filha sumiu, desapareceu. O nome dela é Giulia. Por favor, por favor, divulgue."

Fred sentiu um solavanco na barriga.

"Se eu não me engano você é a irmã do prefeito, não é?" A mulher assente que sim. Fred pega a câmera do tripé e filma a mulher.

"É isso mesmo pessoal, notícias quentes. A sobrinha do prefeito Arnaldo Goulart está desaparecida, de acordo com sua mãe." Ele aponta a câmera para a mulher. "O que você pode nos falar de sua filha?" Fred se sentia nesses jornais sensacionalistas com um grande furo em mãos, o vento chiava forte pelos cabelos pretos de Clarice como quem anunciasse uma grande tragédia.

"Ela é um doce de pessoa, inocente. Tenho medo de ela estar nas mãos de bandidos do Lado Ruim. Por favor, me ajudem a encontrá-la. Tenho fotos dela no celular e posso passar pra quem for."

Frederico segura a câmera estilo *selfie* para filmar ele e a mulher ao mesmo tempo.

"Pessoal, vou pegar as fotos com ela e divulgar na página do jornal. Vamos ajudar essa mãe a encontrar sua filha sã e salva. Fique tranquila minha senhora, você vai ver o poder da internet em ação."

"Muito obrigado, por favor gente, se alguém ver minha filha, por favor, entre em contato e fale pra ela voltar pra casa."

Frederico foca a câmera só nele.

"Pois é pessoal, notícias de última hora trazidas para vocês no seu canal favorito. Vamos continuar cobrindo a votação mas dando prioridade ao sumiço da garota Giulia, sobrinha do prefeito que está neste momento presente na votação do projeto de lei que discutimos. Fiquem ligados! Até o próximo vídeo!"

Fred finaliza seu vídeo e recebe uma mensagem no celular. A mensagem só contém um endereço e o remetente é um número estranho. Ele tenta adicionar o contato no aplicativo de mensagens mas não há conta cadastrada e, quando tenta ligar, o número ia direto para a caixa postal.

O que seria aquilo? Será que é o endereço de onde Giulia se encontra? Não podia ser. Ele nem colocou o vídeo na internet ainda. A pior coisa para um investigador é ser cutucado com a vara curta. E um investigador numa cidade pequena raramente tem o que cobrir. Quando a oportunidade se apresenta ela deve ser fisgada na hora.

Ele tinha que investigar esse endereço, mesmo que tivesse que se arriscar no Lado Ruim. Afinal, que tipo de repórter não cobre a cidade inteira em que vive? Essa cobrança pessoal sempre passava pela cabeça do garoto. Estar onde está e nunca ter ido ao Lado Ruim da cidade era um erro de amador, de um covarde, uma criança. Ele era um *homem* e iria deixar o medo irracional de lado - afinal, são só pessoas que moram lá. *"Pessoas são apenas pessoas como você"* ele ouviu certa vez em uma música. Usaria a frase como mantra. Iria para o Lado Ruim.

Pikachu

Rafa e George estão no bar, com Rafa do lado da staff colocando um vídeo no youtube. Ele mostra para George. Um cara coloca um óculos de VR e é transportado para uma praia da Tailândia. George não se impressiona e continua sua tarefa de conversar com caras em um aplicativo gay. Está conversando com um usando o chapéu de um Pikachu.

"Presta atenção, clitface." Rafa diz, e George abaixa o celular – ansioso – e fica vendo o vídeo, sem se impressionar de novo. Um beep, checa o celular e marca o encontro. "Vai dar, é?"

"Vou pegar. Olha ele." George mostra o cara chamado de Beto e Rafa gosta.

"Humm, de onde ele é?"

"Rio."

Rafa dá um tapa no ombro de George. "Não me fale que tu veio pra Buenos Aires pra sair com um brasileiro." Rafa diz com John Lennon atrás dele em um pôster, que inspira George. "Querida, a dick is a dick. Is a dick."

"Damn it. Cê tá certo, vai lá." Mais um beep, borboletas do estômago e George vai se banhar. A água é bem quente, ele passa seus cremes hidratantes, seca o cabelo cacheado e a sobrancelha loira e coloca sua roupa, uma calça azul, camiseta branca e sua jaqueta de couro. Um beep e Beto está lá.

Ele encontra o homem na entrada do albergue, ele moreno e peludo com a pele bronzeada, bem bonito, sobe com ele. George aproveita para apertar a bunda dele quando sobem.

Porta aberta, amassos, tira cinto, abaixa a calça, engole, frente e trás, gozo.

Passa um tempo e os dois estão sentados juntos no quarto conversando.

“Então tu veio aprender espanhol?”

“É, eu terminei meu diploma na UFRJ e vim pra cá. E você, tá fazendo o que aqui?” ‘Fugindo’ era o que George ia dizer, mas pensou melhor. “Viajando mesmo. Vou acender um beck. Quer fazer algo?”

“Guarda o beck e vamos fumar na praça. A gente compra um vinho. O Dadá.”

“Dadá? Amei o nome.”

“É ótimo, nunca tomou? Tem várias essências, canela, baunilha e etc.”

Eles se vestem e saem do albergue. A noite é escura, mas iluminada com as cores alaranjadas das luzes dos postes. Eles vão até uma pequena barraca chamada Chino onde um homem chinês está atrás do balcão e vende o vinho de baunilha para eles. Vão até a Plaza Del Mayo, uma praça atrás do cartão postal mais famoso da Argentina. Uma estátua e um policial em frente a ela estão quietos e olham para eles, que se sentam.

“Tudo bem acender aqui?”

“Ah, sim. Aqui o esquema é melhor do que no Rio ou Sampa. No máximo ele pede pra gente apagar e ir fumar em outro lugar.”

A praça era espaçosa e com muito movimento. Algumas pessoas passavam por George com um sorriso, como se aprovasse o que viam – não que ele precisasse da

aprovação. Era estranho. As vezes pessoas na rua sorriam pra ele, mas ele achava que isso era normal no mundo. Não era.

Ele acende o beck enquanto Beto bebe o vinho.
"Gostoso."

"Você que é."

Eles se pegam.

"Feliz de estar indo pra casa?" George pergunta.

"Ah, eu tô sim. Rolou uns dramas com meu colega de quarto."

"Por que ele não consegue dormir no mesmo recinto com você sem se apaixonar?"

"Mais ou menos, hah. Ele é um ex, aí ele começou a causar no Facebook com o meu atual." Tudo bem. Sem surpresas, sabiam o que aquilo era: Uma noite casual.

"Taí uma reviravolta."

"Você é de...?"

"São Pedro D'As Águas", é bem interiorzaço.""

"Interior no estilo "batemos em mulheres e cortamos gays aos pedaços?""

"Exatamente."

George finge ter um ponto na orelha. "Pope And Associates, podemos confirmar que Beto anda pela propriedade de peito pelado com seus namorados fumando um beck cercado de seus cachorros?"

Beto dá risada. "Você é meio especial, não é? Mas sim, eu faço isso."

Eles fumam e bebem, se beijam, fumam e bebem. “E seus pais são de boa?”

“Em relação a que?”

“Você ser gay.”

“Ah, agora eles são. No começo minha mãe chorou muito, meu pai ignorou, foi bem difícil. Demorou uns dois anos até as coisas assentarem. Mas hoje em dia meu pai pesca com meu namorado e minha mãe adora ele.”

“É, esse lance de Bolsonaro e Donald Trump e Rush Limbaugh é contagioso, a gente tem que tomar cuidado.” Disse George sem saber o quão profético ele era. E ele era. George nunca acreditou em monogamia. Alguém acredita, de verdade?

“Sim, ainda bem que os gays chegaram.”

“Pois é. Nós somos lindos, inteligentes, no controle de nossas vidas. Gay não é uma aberração da natureza, mas sua salvação!”

Ele joga o beck fumado fora e acende um cigarro, dando um para Beto que pega.

Eles fumam enquanto George analisa a praça. “É tipo um movimento vivo aqui, não é?” Beto acena que sim enquanto George pega seu celular e abre a câmera. “Levanta e fica aqui na minha frente, com a garrafa.” Beto assim o faz e George tira a foto. *Click*.

Eles andam de volta para Corrientes e Beto sinaliza uma parada. Ele vai atrás de uma lixeira e começa a mijar, olhando para George. O líquido é denso e amarelo, e George só encara. Eles se despedem na Corrientes e enquanto George volta para o albergue passando pelas ruas iluminadas

ele tem a sensação de estar sendo seguido. Estava certo, mas sentia medo então apertou o passo e continuou. Porém cansado, virou-se. A menor pessoa que havia visto na vida seguia ele, com uma tiara de orelhas de coelho. Não sabia se era homem ou mulher – e importa?

"Quem é você? Por quê tá me seguindo?"

"Não se preocupe. Não comigo. Há-há-há!"

"Mas que...?"

"Esquece de mim. Vai atrás do gringo. Essentia Amore! Essentia Amore, menino! Vai vai vai!"

E então ela começou a andar e desapareceu para Deus sabe onde.

–

A festa no Fiesta estava bombando. George já chegou subindo as escadas e vendo seus amigos sentados nos banquinhos, com Rafa macerando um pedaço de maconha num prato de porcelana. Quando o viu, gritou: "E aí, bicha, como foi?"

"Georgelicious." Ele diz, cumprimentando Jane, outra brasileira do Espírito Santos que tinha sardas e cabelão. "Ele é um gostoso, e um garanhão."

"Me mostra!" Jane disse. George mostrou a foto recém-tirada. "Uhh, casamento à vista! Imagina eu no seu casamento tomando vinho, lidando com drama, cozinhando..."

"Não não não, mané casamento, ele tem um namorado e uns 200 ex brigando por ele. Tô de boa."

Eles ouvem música e fumam um beck. Jane começa a falar de Rodrigo. Thomas está lá, olhando pro canto do bar sem ninguém perceber, e não entendendo nada do português dito por Jane e os amigos.

"... e eu falei, eu saí com ele sim porque ele é homem de verdade, me levou pra passear, me tratou bem. Você é um menino, uma criancinha rica cheia de tempo nas mãos que não sabe..." blablabla.

Ela terminou e ao fazer isso buscou confirmação nos olhos dos amigos. Rafa foi o primeiro. "Poxa, isso aí, tá certa..." e George acenando com a cabeça. Rodrigo aparece do outro lado do bar, e ela pega a bolsa. "Não quero lidar. Vejo vocês depois." E ela foi embora, pois ficava em um albergue vizinho mas ia no Fiesta festejar. George resume a ópera para Thomas.

"Bullshit." George fala.

"Né?" Rafa diz.

"Rodrigo é o machista mas ela que fala que o alemão era homem de verdade..."

"Exato, não vem me falar que o cara é machista porque ele gosta de você." Rafa disse, colocando Piaf pra tocar.

"É que nem os Oscars. 2015. Com um discurso feminista, achando que estão revolucionando e tipo é uma corrente que segue os ideais da Academia, Academia essa que explorou as mulheres desde sua concepção, e agora em 2015, tarde demais, acham que podem falar de feminismo como se fosse... cara..." ele disse em inglês. Thomas preparado. "NÃO É VANGUARDISTA, GENTE!" Ele grita para Thomas.

“A Julianne Moore aplaudiu, então acho que é o yin yang da vida.” Rafa disse.

“É a mesma coisa que dizer que a Caitlyn Jenner é uma ótima aquisição para a luta trans.” George diz causando raiva instantânea no Rafa, mas George não o deixa responder. “Ela era uma pessoa horrível como Bruce e nada muda só porque virou Caitlyn. Enfim.”

Todos se olham e George pede um vinho Malbec.

“Eu acho que você tem muito tempo nas mãos, George.” É o que Thomas tem a dizer.

“Prefiro muito mais um Jeffrey Tambor ficcionalizado.” Mal sabia ele.

“Eu vou pra Western Union e depois vou tirar uma soneca.” Thomas diz levantando, e George achava estranho uma pessoa viciada em anfetamina tirar tantas sonecas.

Na ausência de Thomas, Rafa aproveita para questionar o amigo. “Você tá apaixonado não é?”

“Fuck off, Rafa.”

Uma menina de cabelo marrom chega e conversa em francês com Rafa, que apresenta George. Os três conversam a noite inteira até que alguém diz que acabou a maconha e, depois de perguntar a todos ali e aceitando essa triste realidade, George caminha até o quarto derrotado.

–

Flashes de terror da noite de uma figura barbuda. El Diablo. George acorda correndo indo pro banheiro e se cagando e quando coloca a cueca pra baixa ela está lindamente cagada, um tipo artístico, e ele meio que gosta. Ele tira a cueca e entra na água quente.

Quando sai do quarto, encontra Thomas conversando com Ella, a francesa amiga de Rafa.

“Yo, jovem Geeg, você tem que conhecer a Ella.” George olha para os dois e – um pouco de ciúmes talvez? – e então cumprimenta Ella. “Ça va, m apetite?” ele diz e Thomas está confuso.

“Você realmente parece surtado. Tomou o que?”

“Que mais? Uppers.” Thomas responde o amigo e Ella, percebendo a oportunidade, vaza.

“Sabe, ela veio visitar a namorada. Aparentemente ela tem um clitóris gordo, mas isso não é um problema, muito pelo contrário.”

Thomas olha para George com perda de fé. “Você tá falando sério ou..?”

“Tô falando sério.”

Thomas está chateado. “Eu fiquei... horas contando minhas histórias, as melhores no meu repertório...” ele vai falando enquanto George tenta esconder sua decepção. Lágrimas? Mas que merda? Ontem mesmo ele tava gozando. Não, não, isso de novo não.

“Bem, não ocorreu a você perguntar coisas básicas do tipo ‘tu gosta de pinto?’ ou ‘você namora?”?”

“Eu não sei o que aconteceu. Nossa parece que eu sou um homofóbico em negação agora.”

“Que isso, Tommy. Você é só uma baguncinha, relaxa. Então, tava usando o seu melhor repertório?”

“Opa. As armas estavam à mostra.” Ele diz beijando seus braços magrelos.

“Ah, a artilharia.”

“O creme-de-la-creme.”

“The dogs to the Yard?”

"Então, é você, seu exemplo divino de sedução, como foi sua noite?"

"Humf. Foi uma noite difícil. A gente bebeu aqueles shots de gim e tequila, e eu só tinha comido cereal tipo, cinco horas antes do nosso pequeno grito de socorro. Acho que revelei um novo fundo no poço do sofrimento etílico. O gosto de amarelo ainda permanece na minha boca."

"O gosto de amarelo?" Tom pergunta. George já esperava essa pergunta.

"Bom, antes de tudo, obrigado por se interessar. Começa com o hálito de quem não comeu nada, misturado com uma quantidade considerável de bile por causa da bebedeira em si, mais algumas células cancerígenas flutuando na saliva entre um pouco de catarro e só um toquezinho de sangue do pulmão. Aí você apaga, meio que centrifuga todas essas *especiarias*. Combina isso com 24 horas sem escovar os dentes, e pronto. Amarelo."

"Vou lembrar o quão genuinamente fraternal você é por escolher me cumprimentar esta manhã com uma mistura tão intrincada e bem elaborada, cara. Parabéns."

Eles trocam olhares. De repente, George se inclina para a frente e lambe a bochecha de Tom. Valeu a pena.

"Seu pequeno desgraçado." Tom diz, limpando a bochecha com as mãos. Rafa aparece.

"Posso fazer isso?" ele brinca, enquanto Tom se levanta para lavar o rosto.

"Oie. Pega um vinho." George pede.

"Não é meu turno, amor." Rafa responde. "E daí? Pega assim mesmo."

"Não. Pede pra ela."

Ele indica a bartender masculinizada. "Como é o nome dela mesmo? Sempre confundo com aquela outra garota."

"Wessy."

"Certo, sempre acho que é Jessy." O alarme da entrada toca e Wessy verifica a câmera para identificação. Tom está de volta.

"Aquele cara é o cúmulo do ferrado." Rafa diz, apontando para a câmera. George dá uma olhada depois de pedir o vinho para Wessy. "O magrelo?" ele pergunta.

"Esse é o Garreth, australiano e um porco." Rafa conta. Tom já tinha voltado e os três olham para a pequena tela do lado

da recepção, como três velhas fofoqueiras. Garreth tem o cabelo raspado, é bem alto e magro, parece um punk adolescente pelo jeito que se movimenta.

Wessy está no telefone falando com eles e libera a entrada para o grupo.
"Digo, magrelo é pouco. Ele parece que vai chegar de repente e dizer imperativamente..." e George imita com seu melhor sotaque irlandês: "Escolha uma vida, escolha uma carreira. Não tão bonito, no entanto." ao que Rafa concorda com a cabeça.

Eles estão todos comendo doce de leite e bebendo vinho enquanto o assunto passa por eles com um leve cumprimento, a caminho do quarto.

"Já falei com ele algumas vezes. Toda vez que eu acordo, ele ainda está no bar, tipo às sete da manhã, talvez três, não importa, ele tá lá." Rafa diz. George se interessa, absorvendo a informação. Ele se levanta. "Vou lá dizer oi."

Ele dá mais uma colherada de doce de leite e segue em direção ao magrelo.

"Um verdadeiro Hercule Poirot, de tão sutil que é." Tom diz a Rafa.

Marília e o Prefeito

A mulher, no auge dos seus 40 anos, anda impaciente de lá pra cá. Seu cabelo chanel balançando a cada passada. O escritório da mansão é amplo e bem decorado, parte térrea da propriedade de três andares, bem no centro da cidade. Ela discute com seu marido que está sentado na mesa de madeira do escritório. De traços marcantes ele tem dois: o furo no queixo e a pança de muita cachaça.

"O voto é NÃO, quantas vezes eu tenho que te falar?" Ela diz mais uma vez para o cabeça-oca do marido.

"Marília, a Câmara não votou ainda, nem sabemos se será um empate. Talvez ele nem tenha que votar." O marido responde fumando de um cachimbo fedido (aquela merda que a irmã dele providenciava).

"Eu tenho que explicar de novo? O Outro Lado tem metade da câmara, graças a sua irmãzinha, e é óbvio que eles vão votar contra a divisão. Ele tem que fazer o mesmo."

"Se ele votar contra será suicídio político, o povo desse lado vai me odiar por tabela e você sabe o quanto lutei pra conseguir esses votos."

"*Please*. Daqui 2 semanas o povo nem vai lembrar que esse projeto existia, larga mão de ser teimoso. Quantas vezes eu falhei? Zero, nenhuma. Confia em mim. E apaga esse treco fedido, já falei que não quero que fume dentro de casa." Marília diz.

"Vamos ver. Caso o Voto de Minerva seja de Venceslau eu vou orientar ele direitinho. Seja o que Deus quiser. Você ainda me enlouquece, mulher."

Ele dá um beijo na bochecha de Marília.

"E nossa festinha, sai hoje?" Ele esquiva para o assunto prioritário de seu espírito.

Marília dá uma bufada.

"Festinha. Você só pensa na festinha, né Arnaldo? Eu tenho que pensar em todo o resto e você só na festinha." Ele levanta e abraça a mulher. "Você que me acostumou errado."

"*Mea culpa*, viu. *Mea culpa* mesmo. Por falar nisso, eu tenho que trocar um papo com o velho ainda hoje. Negócios. Amanhã ainda tenho que visitar a Dinda."

"Você e seus negócios. Cuidado com ele."

"Você sempre subestimando sua mulher, né? O velho que tem que tomar cuidado comigo, Arnaldo. Aprenda isso." Ela fala, pegando sua bolsinha de couro e colocando o colar egípcio de ouro dado por sua Dinda, anos atrás quando Marília ainda era uma criança, tendo perdido os pais em um acidente de navio aos 7 anos e sendo criada por Margarida.

"Nossa, que mulher mais poderosa, fiquei até assustado agora." Ele dá risada, mas a fala é certeira. Marília, em seu âmago – assim como sua Dinda – era assustadora.

Ela dá uma risada. "Ótimo. Macho bom é macho temeroso."

Ele coloca a mão na cintura dela.

"Macho até debaixo de outro macho, sô." Aqui, até a mulher deu risada. Homens, que piada.

–

Fora o Padre Eusébio quem realizou a cerimônia de casamento de Marília e Arnaldo. Ele sempre foi próximo da família dos Goularts. Um padre que anda com os donos de fábrica e empresários. Ele pessoalmente não tem fé alguma, Marília sabia. Observando a igreja lotada ouvindo o sermão do velho Marília nem prestava atenção, estava apressada para discutir os negócios. Ele provavelmente estava falando sobre Babilônia, Levítico ou qualquer merda do tipo. Velho hipócrita, ela bem sabia. Tudo pelos 20%. Ele a avista no fundo da igreja mas mantém a cara impassível. O local era vasto, ostensivo. As pinturas eram recentes, várias passagens bíblicas figurando o lado esquerdo e direito. No altar, à esquerda, Nossa Senhora Aparecida e do lado direito São José, com o crucificado no meio erguido por duas cordinhas. Tudo reluzia a ouro.

O interesse do (agora) velho padre na mulher era estritamente profissional. O pau dele nem devia subir mais, tão velho que estava. Isso era uma vantagem. O homem é igual aos gatos e cachorros domésticos. Ficam dóceis após a castração e se concentram em prioridades para a sobrevivência. Era isso que velho era: um gato castrado. Ardiloso, interesseiro, focado.

Ela espera mais uns dez minutos até que o padre encerra a missa. As pessoas vão saindo e ela se aproxima de Eusébio.

"Ah, primeira-dama, bem vinda. Faz tempo que não te vejo na missa semanal." Ele diz, dirigindo o coroinha para a sacristia enquanto cumprimentava os fiéis que saíam.

"Eu prefiro vir aos domingos mesmo." O tom formal era necessário, pois o Padre estava cercado das velhas futriqueiras da igreja. Marília não gostava delas, principalmente a líder, Antonieta. Ô velha intrometida. Sempre que via

Marília fazia a mesma pergunta. A primeira-dama tinha certeza que ela havia começado os boatos de infertilidade. A cobrança de ter filhos era forte entre os moradores conservadores – a maioria, senão todos - da cidade, e Antonieta era o parâmetro usado pelo Padre do que anda dominando a cabeça dos cidadãos em relação às figuras públicas, afinal eram as Três Marias as líderes do conselho da Igreja e chefes das rodas de fofoca. Elas eram craques em transformar um bolo e um café na casa do vizinho em verdadeiras palestras do que era apropriado fazer ou não fazer. O único conforto que Marília tinha era de que as velhas tinham pouco tempo de vida e logo aquilo tudo iria acabar.

"Excelentíssima Primeira-Dama, está aqui para se arrepender dos pecados?" Antonieta fala com tom de brincadeira. A boa e velha heresia disfarçada de interação social.

"Ah Dona Antonieta, cada um com seus pecados, não é? Será que a frequência que uma pessoa vêm à igreja corresponde ao montante de pecados que ela tem?" Marília pergunta com um sorrisinho irônico.

"Se fosse assim o próprio padre seria aquele com maior cobrança de expiação, não é?" O padre dá uma risada e responde. "Deixei os pecados no passado, aconselho a todos fazer isso."

"Por falar em pecado, Padre Eusébio, o que vamos fazer em relação à família Ferreira?" Antonieta pergunta.

"Por quê deveríamos fazer algo em relação aos Ferreiras?" Ele bufa, porque esse papo se repetia há mais de três semanas e ele, cansado como era, não tinha a paciência da juventude e sim a pressa dos sem-tempo.

"Eles estão com a santinha há mais de uma semana. As regras são claras, dois dias na semana em cada casa do

bairro." A beata-mor informa, como se ela mesma tivesse estabelecido a regra. E de certa maneira, tinha.

"Por favor, Antonieta, não seja tão ferrenha assim. Vai ver eles precisam mais da proteção da santinha do que os outros, não? Você já tentou falar com eles?"

É cada coisa que essas beatas se preocupavam. Marília não queria esperar mais. Dona Maria Antonieta, claramente irritada, responde o padre mas é interrompida por Marília.

"Desculpa, mas será que eu poderia falar a sós com o padre? Precisamos discutir algumas coisas sobre o Centenário".

"Claro, primeira-dama." Antonieta vira para o padre. "Depois tratamos sobre a santinha, Eusébio." Que familiaridade estranha. "Eusébio". Até os mais velhos perderam o respeito pelas instituições. Antonieta sai escoltada de suas beatas, que pareciam nunca falar nada. Antonieta, que era o problema, não tinha receio nenhum de falar. Esse é o erro de algumas pessoas, achar que devem falar em momentos que na verdade deveriam prezar pelo silêncio. Marília a considerava o tipo de pessoa que fala, fala, mas não fala nada. Marília segue o padre para dentro da sacristia. O padre entra, fecha a porta e o coroinha lentamente começa a tirar sua batina. Ela já estava acostumada com essa intimidade estranha dele.

"Que que você quer?" ele pergunta rispidamente. Era incrível, ele era outra pessoa quando estavam a sós e a batina no chão. Era uma cena que Marília, com muito desgosto, vira com certa frequência. Ele dispensa o menino e faz aquela cara de amargura.

"Que mais? Negócios. A votação está resolvida. Seus homens estão prontos?"

"É claro que estão, mas você já sabe disso. Qual o verdadeiro motivo de estar aqui? Desembucha."

Ela sabia que tinha que relevar as grosserias do velho. Ele sabia de alguns segredos dela, o que o tornava perigoso. Esse é o preço que se paga quando se alia com pessoas descontentes e ambiciosas, mas é o que tinha pra hoje.

"Seus 20%. É muito." O padre dá risada.

"Foda-se. É o combinado. Foi o pervertido que falou abobrinhas pra você, não foi?"

"Ele não tem nada a ver com isso. Consigo formar minhas próprias opiniões sozinha, muito obrigada."

"Em que mundo 20% é muito? Eu tô colocando a mão-de-obra, resolvendo a logística. Eu deveria ter no mínimo 50%."

"Aha. Quem descobriu tudo foi eu e a Dinda. Ela leva 20%, você 20%, os capangas 15% e ainda temos a mão de Venceslau e os outros vereadores para molhar. A conta não fecha."

"E você achou que era comigo que você ia resolver isso que, aliás, é seu problema? Não, senhora. Sem a minha influência você teria um mar de gente descobrindo. Agradeça e saia da minha frente, por favor."

Ele serve-se de vinho bebendo de um cálice dourado.

"Ora, ora. É assim que você trata seus amigos?"

"Amigos são supervalorizados. Você é no máximo uma colega de trabalho. Sua adolescência acabou há muito tempo, Marília. Eu bem lembro, né? Não adianta apelar pro pessoal pra cima de mim."

"Uau. *In vino veritas* levado à potência."

O padre coloca o cálice violentamente na mesa, derrubando um pouco do vinho.

"Eu quero uma casa no campo e uma porra de um ofurô. Não peço muita coisa. E não é você que vai me impedir." Ele bebe mais do vinho e não oferece à ela. Além de caduco o velho era mal-educado. Ela decide por conta própria servir-se.

"Não é uma boa ideia tomar vinho pra quem quer emprenhar."

Ele dá risada. É claro que ele iria provocar seu fracasso latente. Fora ele, alguns anos atrás, que começou toda essa porcaria de falácia de gravidez. "É necessário para manter as aparências." ele disse na época. As aparências são superestimadas, ela sabia – o que vale é o poder. Mas sabia que, de certa maneira, ele estava certo. Odiava quando alguém que não gostava estava certo. Ele usava as Três Marias como termômetro populacional, o que ela considerava um erro. Não é todo mundo que divide a opinião com três anciãs caindo aos pedaços. Mas ele também era um ancião, o que o tornava mais perigoso ainda. A velhice traz o desespero às pessoas. A luz no fim do túnel fica cada vez mais perto e as expectativas diminuem. Tudo aquilo por uma casa no campo e um ofurô era um exemplo disso.

"Não tem nada cozinhando nesse forno, fique tranquilo que eu mesma lido com meu corpo. Mas o que fazer? Reduzir a porcentagem da Dinda seria mal aconselhado, mas é a única opção. É claro que vou ter que explicar o motivo pra ela, o que envolve você."

O velho esmorece na hora. Marília sabia fazer uma boa ameaça. Até ele, com toda sua proteção, tinha medo da Dinda. Era o ás no baralho da primeira-dama.

"Você e seus golpes baixos. 15% e não se fala mais nisso". Marília sorri e pega sua bolsa da mesa. "Espere ouvir de mim pra começarmos. Venceslau deve estar votando nesse exato momento e aí o caminho estará livre."

Ela curva-se como se estivesse na presença da realeza. "Bença, seu padre."

"Vá pro inferno!" ele rispidamente diz enquanto ela vira as costas pra ele.

–

Marília sempre foi uma esposa dedicada. Desde o começo da união ela sabia no que estava se metendo, conhecia Arnaldo desde a escola que frequentaram juntos. Os dois tem a história batida de amor do colégio, mas pra cego ver. Ela é sedenta pelo poder político e sonha um dia ser a primeira-dama do Brasil, ou quem sabe, até presidente. Seu marido não tem a mesma gana e faz tudo por causa do acordo que fez com ela na escola. Ela faria o papel de namorada para a família dele e em troca ele emprestaria seu sobrenome também tradicional na região para que os dois alavancassem uma carreira política. Juntando o carisma e know-how da moça, mais o capital político de sua família e a família de Arnaldo, eles formavam uma dupla imbatível. E tudo estava dando certo. A não ser a dificuldade de engravidar. Já era difícil manter Arnaldo interessado sexualmente, quem dirá conceber uma criança. Era um saco, cansativo e muito simplório.

Marília nem tinha vontade de ter filhos, ela odiava interagir com crianças. Um exemplo disso era aquela pirralha

que sumiu pra trazer mais polêmica ao nome da família. Ela poderia não ser uma criança, mas já foi uma vez. Marília lembrava das poucas interações que teve com ela e o quanto desgostava daquilo. Sempre que a menina chegava perto, Marília acendia um cigarro e dispensava a criança dizendo que criança não podia ficar perto. Para ela, crianças são idiotas, vazias, desinteressantes e só dão trabalho, não oferecendo nada em troca. Pra quê ter uma?

Convencer Arnaldo a diminuir seu contato com ela fora difícil, mas era Marília quem dava as cartas. Detestava crianças mas sabia que precisava de pelo menos uma. O país não era evoluído o suficiente para uma mulher ser quem é genuinamente, muito menos Santa Fé, e ela tinha essa noção desde muito cedo observando a mãe sendo picotada aos poucos pelos desejos de outros, ou seja, homens. Se tivesse nascido homem seria o Presidente do país a essa altura na vida. Mas mulheres livres são uma ameaça, portanto ela tinha que se adaptar ao que era esperado dela. Não deixaria acontecer com ela o que aconteceu à sua mãe. O mundo está cheio de homens velhos brancos, e alguns deles nem brancos ou homens eram. A verdade é que ela era mais homem do que o próprio marido, e isso não tinha nada a ver com orientação sexual ou gênero. O pinto dela era maior, sua mijada mais forte, seus desejos mais intensos. Ela era o alfa e ele o beta. Ha! Se o povo soubesse o quão interessante essa parceria era eles talvez aceitassem. Num mundo ideal. Nas séries de TV e novelas, era surpreendente, mas na vida real? Não, na vida real as pessoas querem o conforto do normal, pelo menos em figuras públicas. As pessoas são muito chatas. Chatas e absortas em suas vidinhas pacatas e entediantes. Marília poderia ser tudo, mas não era entediante. Nem Arnaldo, por falar nisso.

De volta à mansão, Marília bebe um *Earl Grey,* particularmente marcante ao paladar. O celular dela começa a apitar, alertando-a. Ela então faz uma ligação.

"Oi Esther. Isso, Marília Goulart. Preciso pra hoje."

Ela coloca as pernas em cima da mesinha de centro da sala e acende um cigarro. "Manda aquele cafuçu da pegada forte. É aquele loirinho de cara angelical. Não, só os dois mesmo. Me avisa o horário que eu mando o carro. É o mesmo esquema. Até."

Nem Esther sabia qual era a configuração de suas festinhas. Ela deveria achar que Marília se aproveitava dos homens sozinha. Coitada. Não ligava de ter a reputação questionada pela *drag* cafetina, até gostava da ideia. Afinal as aparências deveriam ser mantidas a todo custo, até com quem providencia a quebra dessa tal "aparência". O subversivo também está minado de hipocrisia, sabiam?

Que presumam o que quiserem, contanto que dê certo. Ela estava perdendo a fé. E ela sabia que a culpada não era ela, mas provavelmente Arnaldo. Ela já havia engravidado uma vez quando jovem de um *affair*, mas é claro que esse feto nunca floresceria. Agora ela sabia que seu marido provavelmente estava atirando no festim, e não sabia mais o que fazer. Quer dizer, sabia. Sua Dinda dera o conselho na última visita que fez. Se há uma mulher interessante era a Dinda de Marília. As histórias que ouvia a deixavam arrepiada só de lembrar. Ela é um espelho para Marília. Além de ser uma cozinheira de mão cheia, ela comandava grupos enormes, de maioria masculina. Ela mesma castrava eles com palavras e atitudes. Era uma habilidade invejável que Marília almejava desenvolver. E, porra, ela já tinha começado. Dinda ficaria orgulhosa.

Oh, Estella!

Uns dias se passam e George está em seu quarto deitado na cama olhando para uma janela que fica no topo da beliche. O sol entrava e depois se escondia, mostrando as horas que ele ficou nesse movimento catatônico e melancólico. Tentava lembrar de algo mas era algo que não estava nem nunca esteve ali. Vozes permeiam suas memórias. O Diablo e sua barba ruiva passavam por sua mente. Ele bufou, virou, fumou, masturbou, fumou, virou e então se cansou. Pegou um livro imenso que ficava na sua cama, colocou sua calça e saiu para o bar em frente ao seu quarto.

Ele passa pelo bar. O turno é de Diego, que era doce e um pouco inocente, porém George não estava a fim de trocar, portanto passou reto sem fazer contato visual. Foi até a área de onde vimos ele no palco onde haviam algumas poltronas de descanso e um sofá, onde ele se deitou e abriu o imenso livro. Ficou lendo por algum tempo e então ouviu passos vindos da escada do segundo andar. Era Thomas, com olhos sonolentos.

"Hey. Taí um livro grande." Ele disse, sentando-se na poltrona na frente do sofá.

"É o que todos dizem." George responde com um sorriso malicioso. "Eu sentei aqui pras pessoas me verem lendo."

"Qual seria o propósito de ler em público, né?" Tom entrou na brincadeira, tirando um falso celular do bolso: "Vamos botar no instagram!" e George fingiu estar posando, erguendo suas sobrancelhas loiras.

"Cadê seu amorzinho barbudo?" Thomas perguntou sobre o carioca que George pegou na noite anterior.

“Partiu. Todos eles partem.” Ele disse melodramaticamente e de propósito.

“Pare.” Thomas disse, pegando um cigarro. George pensa. Pensa e fala.

“Tommy... Você já sentiu algo tipo um *crush* mas que... Sei lá que pega bastante dentro de você, que você fica tipo.. quero dizer.. é, o que quero perguntar é: você já amou?”

Thomas fica meio embaraçado na pergunta. Pensa em encontros e desencontros que teve na vida, mulheres novas e mulheres velhas, aquela vez que... é, vamos ver.

“Eu acho que sim. Por quê? Isso é sobre o Diablo?” ele perguntou ao brasileiro, que olhou penetrantemente para Thomas e decidiu mentir. “É, é sobre o Diablo. Olha, vou ler uma parte desse livro pra você. É ‘Grandes Expectativas’ do Dickens, sabe?”

“Ah, eu acho que li no colegial isso, mas não me lembro muito bem.”

“É sobre um jovem pobre e órfão que decide tornar-se um cavalheiro para conquistar o amor de sua queridinha, Estella. Ele passa o livro todo se esforçando só pra descobrir no final que ela vai se casar com um babaca. Nessa parte que vou ler ele acabou de descobrir isso e ela diz algo como ‘achei que eu estava fora de seus pensamentos’. Posso ler?”

Thomas estava incerto, mas a amizade deles havia crescido muito no período em que ficaram no albergue curtindo. Ele assentiu com a cabeça. “Manda bala.”

George se preparou. E então, começou a ler em voz alta:

"*Fora dos meus pensamentos! Você é parte da minha existência, parte de mim mesmo. Você esteve em cada linha que eu já li, desde que vim para cá, o rude garoto comum cujo pobre coração você feriu mesmo então. Você esteve em cada paisagem que já contemplei desde então — no rio, nas velas dos navios, nos pântanos, nas nuvens, na luz, na escuridão, nos ventos, nas florestas, no mar, nas ruas. Você tem sido a personificação de toda fantasia graciosa com a qual minha mente já teve contato. As pedras de que são feitos os mais fortes edifícios de Londres não são mais reais, nem mais impossíveis de serem removidas por suas mãos, do que sua presença e influência têm sido para mim, ali e em toda parte, e sempre serão.*

Estella, até a última hora da minha vida, você não pode deixar de permanecer parte do meu caráter, parte do pouco bem em mim, parte do mal.

Mas, nesta separação, associo você apenas ao bem, e fielmente a manterei assim para sempre, pois você deve ter me feito muito mais bem do que mal, por mais que eu sinta agora esta dor aguda.
Ó Deus te abençoe, Deus te perdoe!"

Os dois pausam e se olham. Thomas não esperava aquilo. Será?

"Triste." Thomas diz. George ri. "Triste? Tá brincando? É uma coisa linda. Você, meu amigo, ainda não amou."

Thomas não gosta da insinuação, mas droga, ele estava certo. Ele nunca tinha sentido algo parecido, talvez meio agora que... não, não, esquece.

“Desculpa. Talvez você tenha sentido sim, mas diferente de mim.” George disse ao perceber que havia atingido algo em Tom, porém Tom não falou nada. Encantamento, perseguir, ser acharmado, sim. Mas amor, desse que a arte expressa tantas vezes e que as pessoas falam? Nunca. Só.. é.

George já estava pensando em outras coisas, meio catatônico de novo. Eles ficam em silêncio por alguns minutos até que o brasileiro corta:

“Você não acha estranho a gente ter desenvolvido consciência em alguns milhares de anos e dispensamos a noção de que algo mais velho, como um planeta ou até árvores, fizeram o mesmo? Hum...” Tom não sabe o que responder. “Talvez até melhor que nós. Talvez até seja por isso que eles sejam discretos. Rá! É...”

George acende um cigarro e senta-se no sofá, olhando os azuis no olho do amigo, que decide falar.

“Geeg.. isso é por causa do Diablo?”

Desconcertante para George, que decidiu mentir de novo. “Ah, é... é sim...”

“Entendi. E qual era o nome dele?”

George sorri. Começa a cantar: “Can you hear the drums, Fernando?”

Mas Thomas já sabia, é claro. George levantou-se, dispensando Thomas com um soquinho no ombro, e se direciona até o bar, onde está Garreth, que o vê e fica entusiasmado.

“Hey, meu latino favorito. Tá acordado às sete por quê?” Ele pergunta, e George dá uma olhada nele. “Eu perguntaria o mesmo, mas vou pôr em voga meu poder de presumir.”

O australiano usava uma touca rasgada, uma pequena camiseta e meias furadas. No tornozelo, uma ferida aberta. George usava sua camiseta de Sasha Grey e sua calça skinny azul.

“Você parece mais magro do que terça-feira.” Ele disse sentando-se no banquinho ao lado de Garreth pedindo uma cerveja para Diego e acendendo um cigarro.

“Parece certo, já que eu não comi desde terça.”

“Que? Tá fazendo jejum para aumentar o efeito das drogas? Porque isso eu entendo.” O gringo deu risada.

“Não. É que acabou meu dinheiro e eu não tô conseguindo entrar em contato com minha mãe.”

Deus. Que falta de proatividade. “Como assim, Garreth? Liga pra ela, oras. Pega o telefone aqui e liga. Ou sei lá, vai no seu consulado. Não estamos no século dezoito.”

Garreth olhou para George intrigado, mas sorriu. “É, é verdade. Mas é que eu tento falar com as pessoas aqui e elas me olham como se eu fosse... Sei lá...”

“Alien, interrompido?” George brinca com a referência. Mal sabia.

“Que? Alien é você. Não, eles me olham como se...”

“Você fosse um pedofilo alucinado.”

“É!”

Garreth não era pedófilo, mas tinha um perfil estranho e seu sotaque australiano não ajudava na comunicação.

“Eu posso imaginar isso. Sabe, eu trabalhei em um festival de filmes com legenda e uma vez o filme era um documentário chamado Pervert Park, que era uma área suburbana onde moravam só os predadores sexuais dos EUA. Eu posso te imaginar lá, tomando sua xícara de chá e se apaixonando pela vizinha, e ela por você – por quê não? Mas não daria certo porque você é um homem crescido e tem pelo pubiano, né..”

Garreth não sabia o que falar. Esses discursos longos de George eram super inspirados, e ninguém sabia de onde vinha. “Você é um estranho filho da mãe, George. Você é especial, né?”

“Ah, dizem que sou. Gosto de pensar que sim.”

Eles fumam e bebem.

“Vou te mostrar uma coisa.” Garreth diz.

“Seu pau?” George respondeu num sotaque australiano forçado.

“Cala a boca. Olha aqui..” Garreth diz com o celular em mãos. Ele estava mostrando uma foto dele e de uma mulher ao lado de um corpo de um homem mais velho num hospital. Presumindo...

“Você, sua irmã e seu pai recém falecido?”

Garreth parecia animado. “Isso.”

“Legal. Você mostra isso pra todo mundo?” George perguntou, sem julgar. “Claro que não. Só pra quem eu gosto.” E George acenou com a cabeça. “Deixa eu te mostrar uma.” Ele disse pegando seu celular Nokia e achando uma foto de alguns anos atrás: uma versão enorme dele com uma amiga gordinha em Londres, ao lado de um pedaço do muro de Berlim.

“Geeg, caramba, que isso? Gordão e Gordoletta!”

George deu risada. “Cala a boca, ela é linda.”

“Eu não disse que ela era feia, só que era gorda. Uma coisa exclui a outra?”

“Touché, meu amigo.” George guardou o celular. “Caramba, Georgie, não volte a isso ein.”

George deu risada. “Não vou voltar.” Ele meio que voltou – depois.

“Mas você não era feio, George. Você parecia uma lésbica bonita.”

Isso era importante na história, esse momento. Guarde.

“Ah, valeu.”

“Será que você pode me ajudar?”

“Com seu pau? Claro.”

“Há, cala a boca. Em entrar em contato.”

“Consigo. Espera um pouco, já volto.”

George matou a cerveja e abriu a porta de seu quarto, passando pela pequena lousa onde havia vários desenhos de antigos hóspedes. Ele deitou na cama, bateu uma, fumou um cigarro e depois voltou ao bar para ajudar Garreth.

A Casa de Esmeralda e A Noite no Lado Ruim

Parafernália. Organizada mas, ainda assim, parafernália. Era essa a impressão que se tinha quando entravam na casa de Esmeralda. A decoração era estranha, uma mistura de rosa e verde que deixava a pessoa enjoada e montes de desenhos e símbolos, bem, estranhos ao olho nu e destreinado de quem entrava. Giulia nunca tinha visto uma casa com lareira, a não ser em filmes, mas lá estava uma lareira no centro da sala, frente ao sofá e a pequena mesa de centro da, o que, quem era? Em uma das paredes havia um mapa com vários post-its colados em praticamente todos os continentes. De fotos, nenhuma a vista. Será que a mulher tinha um retrato envelhecido dela mesma no porão? Giulia quase deu risada ao fazer essa pequena hipótese na cabeça mas, diferente de Dorian Gray, a mulher não era jovial e charmosa. Não era velha também, mas usava o cabelo de maneira desgrenhada e as roupas pareciam ter sido doadas, pois eram largas e de cores destoantes. Ao lado da lareira havia várias estatuetas do que Giulia não entendia quem ser pois, de santos católicos, ali não tinha nenhum. Mas era sim um tipo de altar, a menina pensou, pois havia algumas velas apagadas ao redor dos ídolos. A casa tinha um cheiro peculiar, uma mistura de canja de galinha e Palo Santo. Os móveis também não eram planejados e pareciam todos com quinquilharias e velharias coletadas ao longo de uma vida inteira. O clima da casa era... Bem, Giulia não entendia, mas sentia algo estranho. Um pressentimento. Infelizmente, Giulia marcaria seu destino aqui quando decidiu ficar. Atenção.

A mulher sentou-se no sofá cinza e sinalizou para a garota fazer o mesmo. Ao lado da parede do mapa havia uma enorme estante com vários livros e, se Giulia tivesse

prestado atenção, veria que alguns títulos eram suspeitos de estar ali na casa de uma aparentemente bom-vivant idosa.

"Como posso ajudar, jovenzinha?" Esmeralda pergunta, de uma maneira estranha, meio que entretida com a presença da sobrinha.

"Ahm... Bom..." Giulia diz, mas não sabe como completar. Estava estupefata como se a visão da mulher fosse justamente isso, uma visão. "Essa casa está no nome da minha bisavó. Primeiro, quem é você?"

Esmeralda, de certa magreza que beirava uma anemia subdesenvolvida, olha a menina de cima a baixo com curiosidade. Era uma curiosidade de caça para caçador, exceto que a caça tinha entrado na caverna do urso sem medo – perigoso, mas com coragem da juventude. "Rá! Você é minha sobrinha. Sou irmã de Clarice."

Sim! Agora Giulia via a semelhança. Esmeralda tinha o mesmo tom de pele que a sobrinha, o cabelo era descuidado mas da mesma textura e – bah! – até tinha o mesmo espaço entre os dentes da frente que Giulia carregava com vergonha, exceto que o dela era amarelado de café. Giulia não sabe o que dizer e seu olhar desvia para um dos – santos? – do altar, fazendo a tia virar o rosto para entender o que a intrigava tanto.

"É meu altarzinho. É sempre bom acender uma vela aos Deuses, não sabe? Você deu sorte, acabei de fazer café, você toma?" ela pergunta levantando para ir onde Giulia presumia que era a cozinha.

"To-tomo sim. Deuses? Não é só um?" Giulia inocentemente pergunta ao que sua tia engata em desnecessária gargalhada. Era uma piada bem contada, bem sabemos. Giulia acha de má tom.

“Para uma cidade em que o cartão-postal é Jesus Cristo não vejo espaço para mais de um Deus, você acha?” Giulia rebate, achando que tinha ironicamente vencido o debate. Isso só causa uma certa bufada – o que? raivosa? – de Esmeralda.

“Jesus Cristo! Rá! Posso te contar histórias de Jesus Cristo que fariam você mijar na cama de noite.”

É aí que Giulia não sabia responder mesmo. Não entenda errado, ela não era uma religiosa fervorosa, mas até ela em seu cinismo adolescente gostava de ter uma figura messiânica feito Jesus. Deus na terra ou judeu revolucionário, considerava sua importância. Sua resposta é o silêncio, que Esmeralda quebra com um sorriso quase gentil.

“Vamos beber um café, sobrinhazinha. Sabia que eu te vi na barriga da sua mãe? Pois é. E olha você aqui! Toda crescida! Maldito tempo. Bondoso também, mas na maior parte maldito. Aliás, como foi que Clarice deixou você debandar pra esse Lado?” Esmeralda pergunta levantando-se indo até a cozinha, seguida por Giulia.

“Ela não deixou. Vir pra “Esse Lado”, digo. Eu peguei minhas coisas e saí quando achei a escritura. E... nossa!” Giulia parou de falar porque a cozinha, apesar de ser simples, tinha uma enorme pintura por cima da mesa de um homem torneado, preto e completamente nu. O pênis da pintura até ereto estava. Parecia grego, mas Giulia não tinha conhecimento de Deus grego da cor negra. Ao ver a surpresa da sobrinha, Esmeralda dá uma risadinha.

“Ninguém que você conhece. Ainda. RÁ!” Ela diz, pegando a garrafa de café e duas xícaras branco-azuis. Para um sujeito tão estranho, a tia tinha uma louça delicada e – que palavra cabe? – chique.

“Então pegou suas coisas e deu o fora? Uma rebelde na família. Puxou a tia aqui. Os nossos sempre acham uma sarna pra se coçar, entende. Sarna divina, digo eu!” e dá mais risada. “Rir de tudo é desespero”, Giulia ouviu uma música, mas a tia não parecia desesperada. Encontrará Giulia uma pessoa genuinamente - bah! – contente?

Esmeralda senta-se na cadeira de arco longo amadeirada e Giulia segue o exemplo. “Pois bem, está aqui. O que você quer?”

Giulia não entendeu. Para ela, suas intenções eram claras.

“Quero saber o porquê de nossa família ter uma casa no Lado Ruim. Q-quer dizer, desse Lado.”

“Pode falar Lado Ruim, a gente acostuma. E a história é longa, e aparentemente secreta. Eu não sei. O meu pai comprou essa casa antes da fundação da cidade, visto que ele mesmo foi um dos primeiros Patronos e transformou a vila no que é agora. O grande Coronel Ernesto Goulart!”

Giulia toma um gole do café, forte e com pouco açúcar. A tia acende um cigarro.

“Meu pai disse que na época dele não existia essa divisão. Lado Bom ou Lado Ruim. Você sabe por quê teve disso?”

Esmeralda olhou curiosa para Giulia, e a garota não entendia o porquê. Claro que não entendia. Mas o que Esmeralda estava olhando era além do conhecimento e olhar noviço da menina, que não tinha ideia da cadeia de eventos que começara a partir do momento em que bateu na porta daquela casa. Esmeralda via, e até supunha, mas também iria acabar surpresa com o resultado.

"É... é, enfim, não sei quando a divisão ocorreu. Pode ter sido por causa de uma partida de futebol, uma briga de bar, uma rincha entre fazendeiros. Vai saber! Só sei que na época de minha mãe isso já acontecia. Entenda, eu sou meia-irmã de Clarice e Arnaldo. Temos mães diferentes." Esmeralda mentiu. Não seria a primeira vez.

"Mas tem que ter algo, um diário, um historiador que saiba, um..."

"Não, não tem. Não estamos em um lugar importante, Giulia. Já não entendeu isso? Ninguém marcou no diário oficial o porquê de uma cidade ser dividida em facções. Você acha que cariocas se perguntam qual é a origem da sua favela? Simplesmente aconteceu, oras." Ela diz e se dá conta que foi ríspida com a menina, se arrependendo. "Olha, são muitas perguntas e minha cabeça não é a mesma. Esses cabelos brancos não são tingidos, né? Me fala, você vai ficar por aqui? Porque então arrumo direitinho o quarto de hóspedes pra você."

Giulia acena que sim, resoluta em conseguir respostas de algo ou alguém, mesmo que não fosse a tia. "Vou ficar sim, se não for incomodar, é claro."

"Incomoda nada. Faz companhia pra uma velha caduca feito eu! Rá!"

"E outra, se puder me mostrar os arredores, quero bem saber o que é tão Ruim desse lado."

É aí que Esmeralda deu um sorriso bem grande. Gostou da menina. "Eu vou te mostrar. A única coisa ruim aqui é que a noite acaba. Afinal – ela pisca – *a noite é nossa*."

Giulia, mais uma vez, dá que entendeu tudo o que a mulher falava.

“Pode crer. Será que eu posso dar uma deitadinha? É que não dormi e queria estar mais desperta quando fomos sair.”

“Mas é claro, menina. Vou só trocar a roupa de cama e *mi casa es su casa*. Vem comigo.” Ela diz, voltando para a sala e pegando a escada – que por sinal não tinha corrimão (um perigo!) – com quadros disformes e abstratos pendurados no caminho. Chegam no segundo andar da casa, que é escuro e possui um quadro de Charlie Chaplin no filme “O Garoto”. Giulia passou a saber porque sua mãe adorava Chaplin.

Esmeralda leva a garota até um quarto simples, quarto esse que era tão sem graça que nem valia descrever. Uma cama, um guarda-roupas e o ventilador de teto. Esmeralda pede licença, sai e volta com um lençol novo e fronhas dos travesseiros.

“Eu te acordo quando for a hora certa.”

“Beleza... Tia. Posso te chamar de tia?” E Esmeralda sorri mais uma vez. “Claro que pode! Me deixa feliz! Olha só, sou a tia de alguém. Rá!”

Giulia retribui a gentileza da mulher e dá um espontâneo abraço nela, que ela realmente não sabe corresponder, ficando imóvel e com os braços abertos enquanto Giulia demora um, dois, três...

“Muito obrigada, tia.”

“Vou te deixar sozinha. Como é que fala? ‘Durma com os anjinhos’, né não? Pfft!”

“É isso mesmo. Minha mãe sempre me fala isso ao dar boa noite.” Giulia diz, deitando-se quando tia sai e apaga a luz do quarto e a escuridão domina o recinto, muito do

agrado de Giulia que entretanto ouve a tia murmurando do lado de fora: “Tão educada.” e dando uma risadinha.

–

“Psiu”

Giulia acorda de maneira afoita, urgente. Tinha sonhado algo importante, mas no minuto que começa a pensar não consegue mais lembrar. Ela conseguia tocar o sonho, mas ali ele já não estava mais. A noite caída do lado de fora era acompanhada por movimentos e barulhos, e ela espia a janela. Vários carros ficam enfileirados na rua, um atrás do outro. Eram carros antigos e da mesma cor de laranja queimado, um tipo de caramelo. De dentro dos carros, pessoas disfarçadas por trás de máscaras e roupas também antigas. Os cidadãos-de-bem.

Como já estabelecido aqui, Giulia era curiosa. Seu modo de operar era de questionar e, se assim o fizesse, talvez entendesse que ali não era o seu lugar. Uma tia estranha, que levantava mais perguntas para o repertório da menina com certeza era suspeito. Mas ela não achou isso. Uma pena. Não confiar na sua desconfiança foi o ponto fraco de Giulia. Tinha uma tia, oras! E agora descobriria os prazeres e desprazeres do Lado Ruim.

Saiu da janela e teve vontade de lavar o rosto, mas não sabia onde era o banheiro. Desceu as escadas (perigosas) e achou a tia ajoelhada de maneira esquisita em seu altarzinho sussurrando o que Giulia achou que era uma reza. Era como se tivesse encontrado a tia pelada, esse momento de reza alheio.

“...Tia?”

Um pulo. Olhar suspeito.

“Acordou, é? Dormiu bem?”

“É, dormi sim. Desculpa interromper...” Giulia começou, arrependida.

“Que isso. Eles que esperem. Rá!” Ela disse enquanto Giulia reparava em um prato de – sei lá, argila – com dois copinhos (um com café e outro com um líquido transparente) e três cigarros acesos alinhados um ao lado do outro. Esmeralda se levanta e apaga uma vela verde que estava ao lado do pratinha.

“Pronta pra ir?” ela disse enquanto aprumava a camisa (social) que só aumentava a magreza da mulher.

“Eu acho que preciso de um banho. Sabe, tirar a nhaca.” Giulia sorri. “Ah, a nhaca é o que eles mais gostam, Giulia!”

“Eles?”

A tia olhou para a inocência da menina e ignorou a própria piada mal-entendida. “Vou pegar uma toalha pra você.” E assim ela o faz. “Vê se lava atrás da orelha. E a escondidinha também.” E era a vez de Giulia dar uma boa risada. “Pode deixar, tia, pode deixar.”

Banho era sagrado. A água quente pelo corpo, a fumaça, a privacidade. O banho era lugar de epifanias, de relaxamento, de pureza. Enquanto Giulia tomava seu sagrado banho, alguém lia algo de suma importância.

Arquivo Fênix / Entrada: 253452

Por: Eleanor Oliveira Goulart

“A Origem”

É de conhecimento da organização que sua própria origem vem de Gaia. A origem de Gaia também tornou-se conhecida através dos procedimentos ritualísticos na base de Iroko. O planeta nasceu através de uma guerra. A Deusa Agrath bat Mahlat, conhecida na Terra como Lilith, travou uma guerra milenar contra Dea Triformis, conhecida aqui como Hécate, e seus lobos ferozes. Sabemos que Magrath venceu e tornou-se a dona de Gaia, populando o planeta primeiramente com os espíritos dos animais que, em si, criaram seus descendentes. De diferença aos humanos, os Gaianos tinham pouco. A estrutura geológica sempre foi pangeanista, com a sobrevivência das futuras vilas possíveis por lagos e rios nas rachaduras do imenso continente. No começo dos tempos, uma profecia que se cumpriu: A luta entre a reencarnação de Agrath bat Mahlat e a criatura conhecida como Indesejável. O fim de Gaia resultou desse último encontro a partir do momento que os espíritos animais de Gaia decidiram sair do planeta e rumarem à Terra. Com ajuda de Alfiana, Fênix fez o mesmo. Na Terra, quando nem Fênix nem os espíritos habitavam, a Pajé Solitária – exilada de sua tribo – conversava com as folhas, os bichos e as sementes. E foi uma semente que ela plantou em solo terráqueo que, mais rápido do que acontece normalmente, floresceu A Grande Árvore, Iroko. Usando as ferramentas que só a Pajé conhecia, convocou os Cavaleiros Originais. E assim, iniciou-se o domínio d'A Família. Quando a Pajé retornar, a Terra finda-se.

–

Refrescada, Giulia vai com seus cabelos molhados até o quarto e se troca. De elementos estranhos – que ela havia esperado encontrar – o banheiro nada tinha. De novo, pela janela, Giulia via os inúmeros carros quadrados parando na

esquina da casa de Esmeralda e seus passageiros saindo aos montes.

Descendo aquelas escadas, Giulia encontra a tia na cozinha com uma garrafa de cachaça nas mãos e dois copinhos americanos em cima da mesa.

"Antes de tudo, um brinde!"

"Mas... Eu não bebo."

"Não bebe, não bebe. Hum..." Esmeralda diz após ter servido as duas doses. "Mais pra mim, então! Rá!" ela entorna as duas doses em velocidade impressionante.

Giulia considerava o álcool um mal investimento. O gosto era horrível e a graça só vinha a partir da repetição da bebedeira, tudo pra no fim meter o dedo na goela e vomitar no fim do ritual. Ela nunca se sentiu bem bebendo, nem quando Josy comprava aqueles vinhos doces – horríveis – para acompanhar o beck delas. Esmeralda interrompe o saudosismo de Giulia.

"Vai assim? De cabelo molhado? E essa roupa?" Agora, Giulia sentiu-se ofendida. Que é que tinha demais com a roupa dela? Uma camiseta, um jeans. Simples. Giulia gostava de ser simples.

"Eu gosto que o cabelo seque naturalmente. Usando secador deixa muito armado."

"E armado é ruim? Rá! Tô ferrada!"

E então elas saíram da casa, rumo à esquina onde todos aqueles sujeitos com roupas estranhas também rumavam. Era como "Meia Noite em Paris" onde o personagem visitava várias décadas, mas a diferença era que Giulia via pessoas de outras décadas todas ao mesmo tempo. Não

havia carruagens mas os carros pareciam bem antigos. Ao virarem a esquina, Giulia ficou boquiaberta.

A esquina dava a um enorme cul-de-sac. Várias construções uma ao lado da outra, e muitas mas muitas pessoas por ali. O primeiro prédio parecia uma igreja gótica vinda da Europa, mas pelas luzes e barulho que vinha de lá era claro para Giulia de que o lugar era um tipo de boate. O beco possuía luzes brilhantes além de postes antigos com lâmpadas alaranjadas. Em todo o espaço livre, mercadores vendendo tipos de coisas que Giulia não entendia. Um até anunciava pastel de sorvete.

Do lado extremo da esquerda havia um enorme prédio com vários andares. Como era possível ter um prédio daquele tamanho e ninguém conseguir vê-lo d'O Outro Lado? Quem morava ali?

Enfim. Do lado da igreja, havia um casebre de dois andares sem sinalização mas com uma porta medieval. Na frente, uma mulher. Do lado do casebre, um estaleiro. Um estaleiro! Mas o que?

Havia também um lugar que era o único com uma placa. "Jarbas – Coma aqui". De repente, um ciclista cuspindo fogo passa por ela e Esmeralda. As ruas lotadas de disfarçados gerava um murmurinho estranho e o ar estava – bem – diferente. Giulia se sentia aluada. Para além do prédio no extremo, várias lojinhas estranhas.

Foi até o casebre estranho, com uma mulher mais estranha que Esmeralda, e levou Giulia.

"Esther, essa é Giulia." A velha drag queen avaliou Giulia de cima a baixo, talvez procurando um sinal de caráter. Nada disso. Ela fumava uma cigarrilha e usava um casaquinho branco de pele falsa, com uma maquiagem pesada.

“Filé novo, Esmeralda?”

“Respeito, Esther. Minha sobrinha, acredita?”

A drag abriu um sorrisão.

“Ah, virgens são raras. Sobrinhas de canastrões feito essa aqui, então, podem entrar. O mundo lhe espera, pequena...?”

Giulia tinha ficado enrubescida com a palavra virgem, mas mesmo assim respondeu.

“Giulia, senhora Esther.”

Esther, olhando para Esmeralda, gargalhou.

“Senhora... Tamo no bico do corvo mesmo, ein, Esmeralda.”

“Fale por si só, velha amiga. Eu tenho Giulia aqui pra sugar a juventude dela.”

“Ah, se fosse tão fácil.”

Na verdade era, e sugar a juventude não era exatamente onde estamos encaminhando esse relato, mas pode ser a primeira dica do que as ações de Giulia levaria. Foi pela porta pequenica que entraram no Bar de Esther e Giulia não pode evitar ficar meio boquiaberta. Uma porta pequena geralmente não daria em lugar como aquele.

Fumaça, música, falatório e um espetáculo de roupas, máscaras, drinques em mãos, cigarros brancos e pretos. Era espaçoso pois tinha que ser espaçoso para aguentar tanta gente. Tinha uma luz e uma decoração – qual seria a palavra? – psicodélica, isso. Nas paredes, pintadas de cores escuras, vários escritos e citações (não só em português) e alguns desenhos artísticos e também desenhos meio caricatos

de personalidades. Ela não reconhecia a maioria das pessoas ali descritas, reconheceu Chico Buarque e Clarice Lispector – e só reconheceu Clarice porque leu "A Hora da Estrela" com a famosa foto da escritora. Tinha grafite, e também pichação.

Uma bartender segurando uma bandeja de drinques pegando fogo passou por ela e Giulia percebeu que seus peitos estavam expostos com a exceção de fita isolante em seus mamilos (devia doer pra tirar). No meio do salão haviam algumas mesas espalhadas e em uma delas um bando de marinheiros se divertiam com copos de bebidas, fumo e mulheres – e também homens – em seus colos. Giulia estranhou o tipo de uniforme, que foi como sabia que eram marinheiros, pois eles eram dos tipos de uniformes de marinheiros de filmes americanos retratando guerra. Outro grupo, ao lado dos marinheiros, pareciam aqueles motoqueiros de heavy metal de barbas grandes e roupas pretas de couro também – parecia, né – se divertindo. Eles também tinham um ar... Forjado? Imaginado?

Ela estava sendo observada, de longe, mas não sabia ainda. Menos de cinco minutos ali e já ganhara um admirador secreto, que não seria secreto por muito tempo. Ainda andava com a tia que parecia ser conhecida por todos os estranhos dali, que faziam questão de levantar e cumprimentar ela. Giulia estava absorvendo a loucura imagética enquanto se perguntava várias coisas. Sim, ela viu muitas pessoas nas ruas em direção ao beco, mas aqui dentro parecia ter o triplo do movimento lá fora. Como essas pessoas chegaram aqui? Será que tudo isso de gente morava ali mesmo? E outra, e os cidadãos-de-bem d'O Lado Bom, como faziam para se esgueirar de noite e chegar em carros – carros iguais, vale relembrar – pra dirigir até aqui? E que tipo de bar boêmio aceita crianças? Sim, pois essa era a última descoberta de Giulia. Uma criança, fu-man-do um cigarro,

passou por ela. Outras, com bebidas nas mãos, circulavam por ali. Não eram muitas, mas ali estavam. Não há um limite pra curtição? Esses projetos de pessoas deveriam estar na cama mortas para os adultos pra ir pra escola quando amanhecesse. Giulia teve um pressentimento de que não havia escolas d'aquele lado. Talvez algumas coisas fossem ruins ali mesmo. De trás, uma voz pegou Giulia de solavanco. "Olá."

Ele era lindo. Careca, pele branca, alto e com tatuagens que cobriam seus braços e a parte direita de seu pescoço. Um corpo esguio e um sorriso malandro, coberto de uma barba e um bigode loiro. Giulia quase suspirou. Percebeu que estava sem a tia, que tinha debandado pra sei lá onde enquanto ela observava as crianças fumantes. "Ah, hm, oi." Ela disse, discreta. Que timidez era aquela? Animais, todos eles, claro. Eles – os homens. "Você gosta deles?" Ele perguntou, com uma roupa estranha – uma camiseta branca coberta por um macacão de jeans, e botas pretas. Ela faz uma cara de que não entende e ele acena pra parede logo ao lado, onde um cartaz de um – sei lá – vinho? Planta? Como se fosse um rosto sorrindo com uma flor na boca e dessa flor saia uma cobra. Escrito, estava "Mutantes" em letras psicodélicas.

"Ah. Não conheço. Mutantes? Não são os Beatles brasileiros?" Ele dá uma risadinha divertida, como se ela tivesse dito uma besteira e, pra ele, era. "Não, eles estão anos luz dos Beatles. Bem, bem melhor. Você é d'O Outro Lado, né?"

Ela deu uma risadinha, não pelo que ele disse, mas porque o jeito que ele falava era charmoso. Caramba! Que facilmente levada ela estava sendo, mas não dava pra evitar. Às vezes é assim.

“Pra nós, aqui é O Outro Lado. É a minha primeira vez aqui.”

“Primeira vez, é?” Ele disse, com a intenção de soar malicioso. “Vou te dar um apelido. ‘Folha em Branco’. Bora escrever nela?” e Giulia ri do absurdo dito. Por ela, eles poderiam escrever uma trilogia inteira se ele quisesse. “Você é engraçado. Você mora faz tempo aqui?”

Ele faz uma cara esquisita, e Giulia não entendeu, mas era uma cara de frustração e tristeza com um disfarce de jovialidade. “Ah, desde sempre. Um tempão, né?”

“Imagina, você é novo. Nada disso, você deve ser um adolescente.” Ela brinca. “Ei, eu tenho pelo facial, página-em-branco!”

Depois das risadas de Giulia, ele fica um pouco mais sério. “Às vezes me sinto tão velho. Você tem essa sensação?”

Giulia sente um frio na espinha, e um quentinho no coração.
“O tempo todo.”

De repente, aquele solavanco no coração de novo, com uma visão estranha: Um senhor de barbas que vão até o chão olha rapidamente com ela, e sobe umas escadas bem no canto do bar com a criança que fumava, uma menina de talvez nove anos com cabelos enrolados em tranças. “Eu conheço aquele cara!” Ela diz apontando, mas não deu tempo de seu novo amigo ver.

“Quem?”

“Nada. Esquece. Para onde vão aquelas escadas?” ela pergunta, com um gosto estranho na garganta de que testemunhara o início de algo muito errado.

“Ah, lá em cima é mais exclusivo. É para assunto sério.” Ele diz, e ela compreende amargamente a realidade do que tinha visto.
“Vamos lá comigo.”
Ela disse decidida a parar o que estava acontecendo, mas ele a segurou.

“Menina, lá não é qualquer um que entra não. A Esther tem que autorizar.”

“Mas que... Que que tá acontecendo nesse lugar?” Ela astutamente fala alto, e é quando Esmeralda chega. “Guilherme, tá incomodando minha sobrinha?”

Foi estranho. Ao ouvir a voz de Esmeralda, o rapaz que agora Giulia sabia que se chamava Guilherme ficou um pouco enrijecido. Já não parecia tão charmoso. “Não, Esmeralda! A gente tava conversando normal e aí...”

“Tia, eu quero ir lá em cima. Acabei de ver algo que você tem que saber.”

Esmeralda olhou para as escadas e de volta a Giulia.

“Presumir sempre é um erro, minha sobrinha.”

Quando Giulia pensou em protestar, sua tia já falava com o garoto, “Pega uma caipirinha de kiwi e leva ela pra dançar, seu *punk*. Isso é jeito de tratar uma moça tão dengosa?”

Ele se afastou imediatamente das duas e foi em direção ao bar, que consistia em um balcão laranja cheio de pessoas transitando.

“Que foi que ele te falou?”
A tia perguntou quando percebeu o estado de

inquietação da garota.

"Não foi ele... É que..." e Giulia percebeu que estava soando tola e não confiava em mais ninguém. Ver aqueles dois subindo a escada para um lugar "exclusivo" a deixou enojada e ela queria ir embora. Foi então que Guilherme chegou com a caipirinha. "Escuta só, Esmeralda, dei um apelido pra sua sobrinha. 'Folha-em-branco'" ele diz, talvez tentando agradar a mulher.

"Ah, folha-em-branco. E você vai ser a caneta a escrever nela, é isso?"

Guilherme parece não gostar muito da pergunta e fica sem jeito de novo, mas se recompõe. "Imagina, quem dera ser uma caneta que nem você. Sou apenas um lápis. O autor me apaga rapidinho." Ele diz e Giulia sorri, pois achou a resposta um tanto que espirituosa. Ele dá o copo de caipirinha pra Giulia que experimenta, faz uma careta – álcool nunca é um bom investimento – mas gosta do saborzinho de fruta. "Leva ela pra dançar, animal. Tá tocando Queen." Esmeralda diz apontando pro palco que Giulia não tinha percebido, com um cantor caracterizado como Freddie Mercury.

"O Silvio se supera a cada apresentação, né?"

Guilherme comenta com Esmeralda. Ela acena que sim e acena mais ainda para reforçar sua última – o que? – ordem, e Guilherme assim o faz.

Enquanto eles dançam, Giulia ainda tenta observar o máximo que pode e se perguntar o que estava acontecendo naquele lugar, mas Guilherme puxa papo com ela e é um papo bem agradável. Ele conta para ela que as pichações, desenhos e pinturas nas paredes foram feitas por ele e os

amigos, e como ali todo mundo cuidava um do outro. Ele contou histórias que aprendeu em livros, músicas e filmes. Eles trocaram figurinhas de vida, e ela deu bastante risada com ele. Em certo momento, ele começou a dançar mais coladinho com ela, e ela nunca tinha sentido aquele... Aquele... Calor. Mas foi bom sentir aquilo. De longe, alguém chamou a atenção dela. Não foi alguém. Foi um queixo, um queixo com um furo particular. Ela olhou, mas continuou dançando. O dono do queixo estava sentado com uns figurões andrógenos e tinha um jovem rapaz no colo, trocando carícias e risadas com ele. Não era possível. Ou era? Muita coisa fazia sentido agora. Ela se desculpou a Guilherme dizendo que ia no banheiro e caminhou até o homem, que estava com uma máscara nos olhos. Ele não a viu se aproximando até que estava do lado dele.

"Oi, titio."

--

O Pó do Jimmy

Tem umas dez pessoas no bar do Fiesta, incluindo Juanchi – o chefe das drogas do albergue que sempre carregava um boné, uma barba por fazer e drogas de todos os tipos em sua mochila, que estava vazia e servia como travesseiro no bar duro do albergue. Rafa e George conversam energeticamente.

".. de cagar.."

"Ah, vamos cheirar?" George pergunta, animado. Algo o lembrava... é.

"Bora! Vê se o Juanchi tem".

George cutuca Juanchi que acorda de bom humor. "Tienes Coca?"

"No, mano, tengo ketamina."

George olha para Rafa. "Quizás?"

"Ah, não, quero padê."

"No mano, gracias." George portunhola para Juanchi, que volta a dormir.

Tom aparece, só de shorts e camiseta. "Shit, não tá com frio não?"

"Isso é verão pra mim."

"Claro, se você tiver ligadão em heroína."

"Ei, eu sou um ardente norte-americano redblood. E não acho que vou usar heroína na minha vida. Tenho amigos que usaram, alguns que morreram, e eles falaram que é a melhor sensação do mundo. Eu não vou estragar tudo, até sexo, por uma droga."

“Daí quando você for idoso...” George começa...

“Daí eu chegue a um ponto que diga ‘okay, agora vou experimentar’. Mas antes? Acho que não.”

“A gente vai cheirar, quer ir?”

Tom pensou, e pensou. Ele queria, mas essa amizade estava perigando e seu trabalho estava cada vez mais difícil. Sentia-se como um traidor já.
Tira uma pílula do bolso e engole.
“Bora.”

Eles saem do albergue no entardecer e seguem para o apartamento de Jimmy, amigo colombiano de Rafa. Quando chegam, Jimmy – muito bonito – informa a eles que não estavam mais vendendo, mas que ele tinha um pouco do seu estoque pessoal.

Eles entram no prédio e é muito estranho e escuro, e sentam-se na cadeira de ferro no meio do prédio enquanto Jimmy buscava a cocaína. Voltou com um MacBook e vários saquinhos de pó branco. George estava animado, assim como Rafa e Tom.

Fizeram a primeira. Nada.

...

1h30 dentro da brisa. George não sentia nada, nem Tom. Que pó era esse? O prometido adormecer dos lábios que deixam um cigarro afrodisíaco não veio, nem a sensação boa e animada de cocaína. Jimmy e Rafa conversam bastante em espanhol e Thomas e George ficam se olhando. O cigarro acabou. A ansiedade batendo. George até tenta. Jimmy fala com ele.

“Tá curtindo? Você e o Tom estão quietos.”

“To sim. Acho que esse pó é mais introspectivo.” George diz para a maravilha de Tom.

“Preciso ir ao banheiro.” George diz e Jimmy indica o caminho. Ele anda até o banheiro, fecha a porta e joga água no rosto.

“É droga nova, você não tá acostumado, tá tudo bem.”

Ele lava mais o rosto e quando volta os meninos estão de mudança.

“Vamos pro telhado pegar um ar.” Rafa informa. Era uma ótima ideia.

Eles ficaram no alto do prédio por um tempo fumando. Foi então que Rafa deu um saquinho para George. “Acaba com esse você e o Tom porque tá acabando.” Graças à Deusa.

Tom e George vão até o banheiro dentro de uma cabine. George estira as carreirinhas e sinaliza para Tom, que demora mas dá a dele. George segue.

Lavou o rosto de novo. Então, decidiu se abrir. “Tom, vamos embora? O cigarro tá acabando,...”

“Vamo!” Tom nem deixou ele terminar.

Ao voltar ao telhado George disse aos meninos para eles voltarem ao Fiesta, o que causou mal estar. Rafa discute com Jimmy, que pega seu MacBook e vai embora.

“Qual o problema dele?” George pergunta. “Ele brigou com o pessoal do albergue e achou que você só queria ir embora porque acabou o pó.”

“Porque acabou o pó?” eles estavam na rua já. “Desculpa, meu amigo, mas aquilo não era cocaína nem aqui nem na China.”

Tom dá risada e concorda.

“Sinto como se a noite fosse viva de novo. Eu tentei.”

“Acredita em mim Geeg, você tentou. Você chamou de cocaína introspectiva. Não vejo ninguém indo para os clientes se gabando do Pó do Jimmy que te deixa introspectivo e triste. A noite realmente está renovada. Espera! Talvez seja isso: Esse é o efeito do pó do Jimmy. Te faz sofrer pra depois curtir.”

“Meu Deus, é isso! Eu vou escrever isso.”

“Claro. O Manifesto do Garoto Pretensioso para Usar Drogas.”

“Vou ter uma fanbase japonesa que me faz cartaz de papelão. Eu amo os japoneses.”

“Você não ama os japoneses, você assiste Naruto e acha que tá entendendo.” Rafa diz.

Eles estão na rua comprando cigarro em uma banca chamada ‘QUIOSCO 24H’.

“E eu entendo. O significado implícito pelo menos.”

Eles estão perto da pizzaria. “Vamos no Ugi’s.” Thomas diz, e lá vão eles comer uma pizza de mozzarella. Rafa decidiu seguir para o albergue e então Thomas e George ficaram sozinhos. Depois de assegurar a larica e, sentaram no limiar da casa vizinha ao prédio da pizzaria rústica, dividindo um refrigerante. George come e olha pro céu. Ele engole um pedaço da pizza e aponta pro céu.

“Sabe aquelas três estrelas alinhadas?”

Thomas, mastigando, toma um gole do canudo da bebida. “Hum? O Cinturão de Órion?”

George acena. “Sim. Mas no Brasil a gente chama elas de As Três Marias.”

Thomas olha para as estrelas e pensa um pouco. “E quem são essas Marias?” ele pergunta.

“Sei lá. Tem tanta Maria no mundo. Só sei que é assim no Brasil.” George explica, terminando seu pedaço de pizza e bebendo do canudo dele.

No Segundo Andar do Bar de Esther

Emiliana não conseguia esconder a animação com a chegada da menina. Seu companheiro, quem ninguém conhecia por nome e era chamado de Tiso – exceto por Emiliana que sabia quem ele realmente era – também estava animado.

Eles estavam em uma das salinhas protegidas por uma cortina naquele ar repleto de fumaça de opióides e qualquer coisa que os seus vizinhos estavam usando. Ali, tão perto de Esmeralda, parecia perigoso falar sobre o que falavam, então cada um deles comeu um damasco seco e sentaram-se na cama. Bom, na verdade Emiliana com suas tranças loiras e longas sentou-se na cama, Tiso sempre preferia o chão.

Demorava um pouco pro damasco fazer efeito, mas suas pupilas já estavam dilatadas e a escuridão já permeava a visão deles, com as sombras verdes do inconsciente começando a aparecer em torno. Para disfarçar, eles acenderam o narguilé da sala. *"Estamos aqui."* A mensagem veio para os dois habitantes da sala e, por mais prática que se tivesse com o damasco, o coração sempre era assombrado pela voz deles.

Tiso, sempre que estava naquela situação, tinha mania de alisar a barba branca que ia até o chão e Emiliana suas longas tranças. *"A menina está aqui aqui..."* Emiliana comunicou, pois mesmo depois de tantos anos de prática, ainda não dominava a arte da comunicação deles como Tiso. Talvez algo em seu cérebro não tenha se desenvolvido por ser uma criança. *"Não tem nada a ver com meu cérebro cérebro, Tis-tiso"*.

Sombras verdes voavam entre eles, impacientes, sabiam. *"Desculpa. A menina cruzou a fronteira. Não sabemos como proceder. Ele não está aqui, vocês disseram..."* interrompido com um empurrão que fez Tiso quase cair deitado no chão. *"Ele estará. Deixe-o dormir. Quando for tempo, ele aparecerá. Mas não será fácil, não mesmo. Onde está Eve-Marie?"*

O coração dos dois habitantes da sala já estava acelerado. Não tinham muito tempo. *"Da última vez que veio veio ela só tratou-tou com a vevelha"*.

"Dê tempo a ela. Esperem O Viajante. Amanhã estará aí. A menina está bem amparada. Desconectem."

"Ma-mas..."

"Acabou o tempo."

A luz verde virou fluorescente, invadiu a sala e Tiso e Emiliana desmaiaram, o narguilé ainda saindo fumaça da essência de maçã verde.

A conversa não tinha durado nem dez segundos em nosso reino, incluindo o longo momento em que Tiso e Emiliana ficaram desacordados, afinal, não estavam no bar de Esther. Quando retornaram, a brasa do narguilé ainda estava em seu pico. "Quem é O Viajante?" Emiliana perguntou. "Um velho amigo."

"E agora, esperamos mais um pouco." Emiliana diz ainda um pouco atordoada levantando-se da cama e guardando a caixinha de madeira onde guardava os (poucos) damascos que ainda tinha. "E quando acabar?"

"A gente vai conseguir mais com Marie. Só não podemos irritar *eles*."

–

Arnaldo Goulart tinha poucos prazeres na vida – chata – que tinha em Santa Fé. Ir ao bar de Esther era a apoteose de sua vivência. Sentia-se livre, conversava com quem o entendia, explorava seus prazeres. Mas ter Giulia ali, olhando pra ele parecendo confusa, desarmara o homem de maneira a fazer com que ele quisesse parar o tempo e sair correndo. Ele não tinha esse poder.

"Você... cresceu." Foi o que ele conseguiu dizer, com Serginho ainda em seu colo dando risada com os outros. Giulia olhou pra ele de maneira de que qualquer um olharia naquela situação, com dó.

Ele deu um tapinha na perna de Serginho, que olhou pra menina e pra ele sem entender, mas se levantou mesmo assim. "Pequena..."

"Não precisa explicar nada, titio. É só que... como?"

E ali estava. O momento de explicação. Explicar porque fingiu, porque mentiu, porque *performou*. Ele sorriu, gentilmente. "Assim. Eu sou assim. Faz tanto tempo, né?"

Giulia pegou uma cadeira vazia da mesa ao lado e sentou-se ao lado dele. Ela deu uma risadinha. "Sua mulher não gosta de mim."

"Minha mulher não gosta de ninguém, Giulia. Da Dinda, e olhe lá." Antes dele dizer mais alguma coisa, Giulia deu um abraço nele, sentada mesmo. "Você não tem que explicar nada. Eu te amo." E foi assim que uma meninoca fez um adulto lacrimejar. "Giulia, sua mãe tá..."

“Tio. Eu deixei um bilhete dizendo que voltava. Eu também tenho os meus motivos pra não contar tudo pra todo mundo.”

Touché.

“Ok, minha menina. Eu já to indo mesmo...”

“Não, tio, fica em paz. Sou eu quem vai embora.” Ela disse, dando um beijinho na bochecha dele e voltando para a companhia de Guilherme. “Queria sair daqui.”

“Bora.” Foi o que ele disse, pegando sua mão (boom!) e saindo do bar de Esther, que estava na porta negando entrada para algumas meninas de aparência, sei lá, idiota.

Ali fora, em meio a barracas e pessoas andando, um casebre chamou atenção de Giulia. Literalmente chamou sua atenção e, deixando Guilherme para trás na barraca de pastel de sorvete, ela caminhou até a porta que tinha um aviso: “Cuidado. Não Entre.” E é claro que ela abriu a porta.

No limiar da porta havia uma espécie de pó alaranjado. O lugar era lotado de estantes e coisas no chão. Em uma estante de pedras e cristais de todo o tipo, uma chamou sua atenção. Era no formato de um coração e de uma cor preta translúcida que ela pegou nas mãos e sentiu sua cabeça rodando.

“Cuidado, criança.” Uma voz feminina falou. “Não segure por muito tempo. Isso, deixa onde achou.” A voz disse quando Giulia colocou o coração de onde tinha tirado. Ela tentava seguir a direção da voz por entre as quinquilharias da – loja?

Em outra estante, vários cilindros estranhos com relevos por cima, uns de prata e outros dourados. Giulia não entendeu se eram bandejas ou sei lá o que. Finalmente,

avistou a mulher. Era uma senhora de cabelos compridos, lisos e bem escuros.

"O que é esse lugar?" Ela perguntou ao ver a mulher por detrás de um grande balcão que continha alguns vasilhames vazios, aqueles do tipo que você vê na TV em laboratórios de cientistas malucos. Do outro lado do balcão, um grande vaso contendo várias espadas de São Jorge. Atrás da mulher potes com pós diferentes, ervas, objetos peculiares.

"Aqui é um lugar pra se encontrar o que busca. Falando nisso, o que você busca?"

Pergunta estranha. A mulher não só não respondeu o que queria saber, como estava oferecendo seus serviços (não explicados) à ela.

"Eu só... eu tava passando e senti vontade de entrar aqui. Eu não sei o que busco. A verdade talvez. Tudo aqui d'Esse Lado parece ser misterioso e ninguém fala nada."

A mulher dá um risinho misterioso, misterioso pra Giulia, claro. "Vem aqui." Ela diz. "Meu nome é Vanda. Eu sei o que você precisa." Ela começou a mexer nos materiais atrás dela e pegou um pequeno frasco vazio. Começou colocando um pó escuro no frasco. "Pólvora." Ela respondeu o olhar inquisitivo de Giulia.

Giulia só percebeu agora que havia uma música tocando ao fundo, um tipo de blues ou jazz ritmado. "Geléia Real." Vanda disse ao despejar um líquido espesso no frasco. Ela abriu uma gaveta, tirou um saquinho bege e abriu, tirando de lá dois ossinhos. "Coruja-mãe". Ela disse, colocando os dois ossinhos no frasco. "Por último, vem aqui. Sopre." Ela disse quando Giulia se aproximou, mas Giulia não entendeu. "Sopra aonde?"

“No frasco, criança, rápido.” E assim Giulia o fez e, num movimento muito rápido, Vanda fechou a tampa do frasco e o chacoalhou. “Hoje, quando for dormir, coloque embaixo do seu travesseiro e durma. Talvez você veja a verdade.” Ela disse, dando o frasco – que era mais pesado do que parecia – e sorriu. “Eu não to com dinheiro comigo.”

Vanda acenou com a cabeça e abaixou-se, pegando uma espécie de vaso vermelho grande com o que parecia ser hieróglifos. “Cuspa aqui e está pago.” Gente, que mundo estranho. Cuspe como pagamento? Giulia cuspiu, mas não sabia o que tinha feito. Ainda bem que não sabia. Será que aquele vaso estava cheio de cuspe? Nojo. “Agora vá. A noite vai acabar logo logo.” Vanda disse e Giulia saiu com certa pressa daquele lugar.

Ela foi em direção do bar de Esther e a drag queen a informou de que sua tia tinha ido pra casa e tinha passado o recado de que era pra ela fazer o mesmo. Chegando lá, sua tia estava na cozinha com alguns colegas jogando pôquer, um deles o engraçado anão Tonho que só falava piada suja e fumava charutos fedidos e grossos. Giulia pediu licença e foi-se deitar. Colocou o frasco estranho embaixo do travesseiro e fechou a janela. Escuridão. Ficou só de roupa íntima e deitou-se, cansada. Percebeu que não teve a chance de se despedir de Guilherme e que impressão iria causar? Mal educada, pensou. E foi no pensamento em Guilherme que Giulia adormeceu.

Ela não entendia a ordem espacial do que estava vendo, mas via nitidamente os participantes da conversa. Estavam discutindo. O primeiro, altivo preto e com um pano vermelho na cabeça, parecia familiar a Giulia. Ele fala.

“Eles querem trazer o sol pra cá. Seria o fim. Seu pai...”

A mais jovem, ou é o que Giulia pensava, aprontou-se para ouvir. Ela era branquela e tinha cabelos... Como descrever? Eram como dreadlocks rosados, mas eles vinham da raíz e Giulia tinha a sensação – não, certeza – de que ela e eles não estavam no mesmo lugar.

"Meu pai venceu, José. Eles venceram. Não conseguiremos segurar por mais tempo. Os mat'almas.."

"Os mat'almas não importam!" A mulher ao lado da moça de dreads rosados disse. Ela tinha os olhos e lábios completamente negros que contrastavam a pele perolada, porém essa pele era tingida de preto nos ombros, no peito, nas pernas. Era como se ela estivesse usando uma sobrepele de couro, mas era parte da pele dela. "O que importa são eles. Se eles conseguirem trazer o sol, e migrarem pra cá... Aí sim Ananda, aí sim seu pai triunfará."

"Não é o meu pai, eu já disse, não é! Foi ela!" Ananda dos dreads rosados disse virando-se ao que chamavam de José.

"Não culpe os pecados de minha prole no progenitor, Ananda. Nossa família..."

"Causou tudo isso, quer queira, quer não." A mulher de lábios pretos disse, resignada. Houve um momento estranho, Giulia sentiu. Que sonho era esse? Ela sabia que estava num sonho – não, não estava! Era uma visita! SIM, SIM - e os três viraram-se para o que Giulia entendeu ser uma estátua. Com certeza era uma estátua, cinza, pedrosa, e viva! Sim, viva! A estátua não se mexia, mas Giulia sabia que a voz que procedia vinha dela.

"Os humanos já mataram dois planetas. O nosso é o próximo. Essa guerra está perdida. Só há uma solução."

“Precisamos de Órfico.” José disse.

“Se meter no fundo do mar para decidir parece um atraso e um risco que não podemos tomar. Vocês devem ser protegidos.” A menina disse.

“Ananda. Doce menina. Você não vê? A miscigenação. Precisamos de alguém lá, que seja daqui.” A estátua disse.

“Nunca. Isso nunca vai acontecer.” Lábios negros disse.

“Drusilla...” Ananda começou.

“Ananda, não! Você não vai!”

“Eu preciso.”

O preto familiar observava e finalmente abriu a boca de novo. “Irmã, cuido dela. Em todos os mundos, em todas as instâncias. Afinal, já aconteceu.”

“Aconteceu? Que quer dizer?” Drusilla dos olhos pretos pergunta. De repente, José olha pro lado. O coração de Giulia acelera, acelera, acelera. Ele estava olhando pra ela. De repente, todos estavam.

“Tem alguém olhando.” Ele disse olhando direto para Giulia, e o homem então estendeu seu polegar até ela e Giulia sentiu o meio de sua testa queimando.

Foi como se Giulia submergisse do fundo do mar afogada por uma onda grande demais para a própria maré quando ela acordou completamente suada na cama da casa de Esmeralda. No momento em que levantou a cabeça do travesseiro, a pequena quantidade de pólvora no vidrinho estourou. Uma labareda que logo apagou e centenas de penas do travesseiro voavam enquanto Giulia tentava lembrar do sonho.

“Que infernos foi isso, menina?” sua tia irrompeu pela porta com Tonho, o anão, com uma metralhadora em mãos. Giulia tentou explicar o que aconteceu no apotecário, mas ao mencionar Vanda, Esmeralda ficou extremamente mexida. “Você mexeu com coisa que não devia. O que aconteceu?”

Giulia não falou do sonho. Não sabia o porquê, mas achou que foi só para os olhos dela. Foram para a sala onde a tia havia dito que ia fazer um chá pra ela se acalmar. Ficou conversando com Tonho, que contava histórias de quando viajava com um circo e de todas as donzelas que conquistou, incluindo a mulher barbada. Esmeralda chegou com o chá e, com ela, luzes azuis e vermelhas permearam a janela. Era a polícia. “Rápido!” A mulher disse, empurrando Giulia atrás da estante de livros, na escuridão.

O mais estranho é que Giulia ouvia e sentia a respiração de outras... coisas ali. Ficou com medo e começou a tatear a parede em busca de um interruptor. Achou. A sala era... Meu deus, o que era aquilo? Numa estante, livros surrados e sem título. Vasos com líquidos e materiais orgânicos incluindo – e aqui Giulia desviou o olhar – pedaços de um feto. Objetos de metais e madeira, coisas que Giulia não sabia identificar (quando não se pode dar nome às coisas, você realmente fica perdido). Pós roxos, vísceras, ossos. Giulia, escondida atrás da estante, tentou colocar a orelha na parede para ver se ouvia algo, mas nada. Continuou examinando o recinto. Havia um tridente enorme dourado. Quer dizer, enferrujado e dourado. Giulia foi em direção a ele, porque era o que ele pedia, mas no caminho – em uma mesa – viu um retrato. Decidiu olhar. Atrás do retrato, uma palavra: “Lira”. Na foto (boom!) algumas pessoas sorrindo e, por mais que Giulia não queria acreditar, a terceira

pessoa da esquerda para a direita causou certa náusea. Era ela própria.

--

Maria Antonieta

O correto é o correto. E é assim que a suposta beata se comportava corretamente. Muito do ensinamento correto para ela veio de criação. Ser correto não é ser bobo, veja bem. Sim, ela ia pra igreja com frequência, tratava o outro com respeito, descartava o lixo do banheiro propriamente. Aliás, era isso que estava acontecendo agora. Ela pegou o cestinho do banheiro cor-de-rosa e colocou, no quintal, em um grande recipiente. Jogou álcool e botou fogo. Foi ensinada por sua mãe isso. Além do papel higiênico, havia também os absorventes que ela queimava. Desde os quinze anos, por algum motivo não descoberto pelos médicos, parara de menstruar mas, oras! Era uma mulher e o correto é uma mulher usar absorventes, independente das (muitas) rugas em sua cara.

Livrar-se do lixo dessa maneira já causou certa confusão com os vizinhos que, com suas belas piscinas, reclamavam das cinzas. Estava em sua casa e o lixo era dela, ué. Às vezes ouvia a filha da vizinha imitando seu forte sotaque italiano. Tendo sido criada por sua mãe e por sua nonna, que só falava italiano, não tinha a mínima vergonha de falar como falava. E outra, se fosse ligar para coisas banais tipo reputação não sairia de casa, pois sua juventude foi (graças à Deus) aventurosa e agora sentia nostalgia do que não pode voltar. Tem gente que só espera morrer, mas Antonieta não era nem nunca foi assim. Antes achou que iria desaparecer ao morrer, mas nem a praia que se esconde sob a maré desaparece assim. Concluiu que desaparecimento da vida não existe. Ela poderia usar-se de adjetivos e superlativos para descrever a sabedoria, mas um sábio nunca faria isso. Eles guardam para si.

Quando era jovem era esperta, disposta. Trabalhou na mercearia, numa lojinha de antiguidade e no posto da

cidade, conseguindo realizar seu primeiro sonho, comprar um Maverick. Era nele, ainda, que ia às missas da igreja e em suas andanças pela cidade coberta de praças simpáticas e árvores cheias e frutíferas. Lembrou-se do primeiro beijo com um rapaz da escola, com apenas nove anos, ao lado do pé de tamarindo que continuava lá. Foi no Maverick que ela perdeu sua virgindade e, falando nisso, lá estava ela chegando na Igreja Matriz.

O sermão veio como sempre, enfadonho, longo e incoerente. O Padre Eusébio falou sobre as supostas sombras, comparando homens como Hitler e Mussolini com Che Guevara e até o presidente. Em Santa Fé era assim: política e religião reinavam sob os pés dos falsos conservadores e eles não temiam represália. Eles sabiam que os maltratados não sonhavam com o que eles tinham, e sim com quem eles eram. Um cachorro fiel a seu dono mesmo quando o mesmo lhe nega comida por motivos de preguiça. O cachorro não está consciente da preguiça do dono e, então, espera. Os humanos acham que estão conscientes e que são diferentes dos animais que dizem ser irracionais mas, irônico não? Os animais são mais organizados. Isso não estava nos pensamentos de Antonieta, desculpem-me. Passara-se o sermão e Antonieta tinha uma luta para ser travada.

Veja bem, após alguns anos de frequência e participação, tinha-se tornado líder do conselho da igreja, encabeçado por ela e outras duas beatas. Poderíamos dizer que Antonieta almejou o cargo pois era temerosa a Deus, mas não. Deus não era muito presente nos pensamentos dela. Ela gostava do controle e, claro, do correto. Tinha um ar de condescendência ao povo que frequentava ali, tendo lido as escrituras quando jovem com sua nona e ter uma perspectiva muito mais aberta sobre os ensinamentos. O antigo padre, Enúbio, dava de mil ao presente Eusébio. Eusébio não

prestava, disso Antonieta sabia. Cresceu com a criatura, foram ao mesmo colégio e sabia que de caráter dele era zero, daquelas pessoas vazias e desesperadas pelo mundano. Logo ele, um padre! Se contassem a ela naquela época, rir-se-ia. Às vezes se pegava nisso, rindo do que vê no dia-a-dia quando tomava seu costumeiro chá (sozinha) em casa. Ela geralmente só ia às missas de domingo depois que o antigo padre morreu, mas Eusébio havia convocado as beatas para algum tipo de anúncio e Antonieta tinha sua própria queixa a fazer.

Quando crianças, Eusébio sempre fora um peixe fora d'água. Estranho, de uma quietude até assustadora e na época ostracizado pelos outros pequenos. Pequeninos são cruéis e Antonieta não era, e assim tornou-se amiga dele. Mas ao crescer viu a transformação da timidez para alguém ardiloso, de olhares esquivos, intenções carregadas de interesse. Não bastou muito para que se afastasse até porque... até porque nada.

A pé que os crentes deixavam a igreja, a mulher já se posicionava na pequena salinha que havia do lado oposto da sacristia, fazendo o sinal da cruz ao passar por São José. Aquela estátua de santo tinha uma cara de estar de saco cheio. Entre os participantes ela nota um homem estranho, nunca o tinha visto e não gostava disso. Geralmente era ela quem conhecia todo mundo antes do mundo conhecer ela. De características proeminentes, ele tinha um bigode fraco e um nariz bem torto.

"Minhas boas senhoras, esse é Carlos, o novo cantor dominical de nossa paróquia."

Isso foi demais para Antonieta, que não gostava das decisões unilaterais do padre. E outra coisa, nunca tinha visto Carlos pela cidade. E ela sabia da cidade inteira, pois

um sobrinho era delegado e o outro o único corretor de imóveis de Santa Fé. Se ela não sabia desse cantor novo, com certeza ele era d'Outro Lado. "Me sinto muito sortudo por fazer parte desse grupo e mal espero louvar com fé as palavras de nosso Senhor." O tal Carlos disse. Antonieta o achou forçado.

Era estranho. Não havia moradores novos em Santa Fé havia anos e, quando alguém se mudava, Antonieta ficava sabendo. O delegado era seu sobrinho, os corretores velhos amigos, o escrivão ex-aluno da mesma turma que ela na escola. Quem era esse Carlos com seu nariz torto? Azar dele é que Antonieta tinha tempo nas mãos e havia lido muito Agatha Christie na vida.

Depois da igreja, decidiu seguir o cantor secretamente em seu Maverick. Mas a história dele batia: ele morava em uma casinha laranja n'O Lado Bom. Sabia o que tinha que fazer: ir ao Lado Ruim. Os motivos ficam escondidos por enquanto.

Vai até a loja de um e noventa e nove da Dona Quitéria, que vendia as máscaras e looks para os cidadãos de bem irem até O Outro Lado. Não passa muito tempo lá, até porque não gostava da velha Quitéria, e o oposto podia ser dito também. Espera escurecer.

No cul-de-sac do Lado Ruim, Antonieta parece saber onde ir, indo parar na frente do bar de Esther. A velha andrógina fumava um cigarro preto. Olhou para Antonieta mascarada e sorriu.

"Ah. As rugas enganam um pouco, mas é um prazer te ver de novo, Antonieta." Droga.

“Só me deixe entrar, por favor.” Disse Antonieta tentando ajustar a maldita máscara da maldita Quitéria, que não adiantou de nada para manter sua anonimidade.

Esther abriu a porta e lá estava Antonieta mais uma vez dentro do espaçoso bar. Desquitadas, homossexuais, luxuriantes. Mas algo estava diferente no ar e... que? Crianças! Que isso? Crianças bebendo e fumando. Que falta de noção. Onde estavam seus pais ou tutores?

No palco, uma mulher diferentona imitando Rita Lee. Antonieta lembrava dos festivais em que ia quando jovem onde uma jovem Rita Lee se apresentava junto a Gilberto Gil, Caetano, Gal. Lembrou de sua época de Clara Nunes. Lembrou de muita coisa. Bebericando seu Porto, olhava para os lados, e até pediu um cigarro para um estranho. A mulher no palco continuava a cantar Rita Lee. Mas... Espera. Não era mulher. E outra coisa: O nariz torto. Era Carlos!

Decidiu fazer um vídeo com o celular que seu sobrinho havia lhe dado, mas nada feito. Não sabia mexer naquele treco. Mas tirou algumas fotos.

Quando o cantor se despediu da plateia e saiu do palco, ela foi atrás dele. “Te peguei, Carlos.” E ele olhou pra ela, olhou pros lados e pra ela de novo. “Como que é?”

“Não adianta fingir. Mesmo de maquiagem e peruca dá pra ver que é você.”

Um jeito jocoso, uma feminilidade antes não vista no cantor, mas mesmo assim era reconhecível os traços do rosto. “Desculpe, senhora, mas...”

“Eu te peguei! Nem vem!”

“Oxe. Me pegou? Foi bom pra você? Quer um cigarro?” ele disse acendendo um baseado.

“Você acha que isso dura até quando? Eu vou te denunciar pra igreja.”

“Ah, não! Tudo menos isso, eu mero cantor ser banido pela igreja, não faça isso minha senhora.” Ele disse, brincando obviamente. Quando ela ia retrucar, ele saiu andando.

–

Antonieta ficou três dias seguidos de tocaia na casa de Carlos esperando ele sair pro Outro Lado performar, mas nada. Mas ela iria descobrir o que ele fazia pra ir. Afinal, era o correto.

O Incidente Australiano

Rafa, Kenny – uma brasileira charmosa de cabelo curto e com o pé quebrado – Garreth e Tom estão dando um tempo no terraço. Uma coisa poderiam concordar: Ficaram muito tempo dentro do albergue. Aí, então, chega George usando um shorts de seda, o cabelo armado de cachos de óculos escuros entonando com suas sobrancelhas loiras.

"Good Morning, Buenos Aireees" ele grita rodando, o que faz Garreth sorrir. "Menino louco."

O dia estava ensolarado mas numa friaca imensa. Kenny não falava inglês, porém entendia um pouco. Objetos relacionados a bolar um baseado estavam espalhados pela mesa, sendo usados mais por Kenny, que era uma grande maconheira.

Kenny é gaúcha e fala com um sotaque cantante para George. "Tá usando esse shortinho por quê? Tá pior que o americano aqui." Ela diz apontando para Thomas, que tinha seu traje de sempre de um casaquinho de algodão e um shorts. Ele dá um beijo na bochecha de Rafa e Kenny, dá um soquinho na cabeça de Tom e empurra Garreth levemente.

"Ele tá de shorts porque é uma meretrizinha" Rafa diz e George só dá risada. Ele está curioso com o sotaque de Kenny.

"De onde tu é, Kenny? Meu tio é gaúcho também." Ele diz se servindo de vinho.

"Bah, sério? Eu sou de Caxias do Sul, depois de Porto Alegre." E George fica exaltado. "O quê?! Ele é de lá! Eita!"

"Sério? Onde em Caxias?"

“Ah, aí eu não sei. Ele foi pra lá quando tinha uns 22 anos, porque é de Good Hope na verdade, onde minha família paterna e materna moram. É no interior de São Paulo.”

“Ah, saquei. Experimenta isso aqui, ó.” Ela diz, dando um copo de limonada sem açúcar ao garoto bebendo vinho às 9h da manhã. Thomas intervém.

“In english, motherfuckers!”

George reconhece a referência. “Shieeeeeeeeeeeet.”

Ele bebe da limonada. Depois, bebe mais um pouco.

“É bom. Sem açúcar funciona.” Ele diz dando o copo de volta à Kenny e seu pé quebrado. George decide traduzir ao inglês quando Garreth também intervém: “De que estamos falando, Pelé?” e é a deixa para Rafa dizer o que já disse tantas outras vezes.

“Foda-se o Pelé.”

“Como assim, ele não é o Rei no seu país?” Garreth pergunta, também tomando vinho.

“Primeiramente, eu tenho muitos países. E não, Pelé não representa nenhum deles. Pelé é o cara que deixou a filha fora do casamento morrer de câncer sem reconhecer ela na justiça e no velório dela mandou uma coroa de flores em nome das Empresas Pelé. Pra mim, isso não é coisa de rei.”

“Ok, mas precisamos respeitar sua arte no futebol, né não?” Garreth diz, sua touquinha mal lavada destacando o cabeção australiano.

“É que nem o Hemingway. Ele era um babaca. Você tem que separar a arte do artista.” Thomas diz em voz sábia.

“É, mas o Hemingway sabia que era babaca e bebeu até morrer, ou botou uma bala na cabeça, sei lá.” George fala, sentando-se entre Thomas e Garreth.

“Desculpa, futebol pra mim não é arte. É diferente. Fuck Pele.” Rafa conclui.

“Que vocês estavam falando antes de Pelé?” Thomas pergunta. George explica a coincidência de Caxias do Sul.

“Ah, isso explica o porquê vocês dois são os mais bonitos da mesa.” Thomas diz e Rafa faz um barulhinho que acaba com a vaidade de George. “Seu *dimwit*, ela não ent (ende seus flertes patéticos em inglês.” Ele diz a Thomas.

Uns segundos se passam e, como disse, Kenny fingia não entender. Thomas não era feio, mas definitivamente não era seu tipo.

“Vamos fazer o que?” Garreth pergunta.

“Let’s fuck.” George diz e Rafa acende um cigarro, as cadeiras de tábua antiga do terraço brilhando ao sol tímido entre as nuvens de Buenos Aires.

“Só tem uma mina aqui, não dá pra fazer uma orgia. Pelo menos é um bangfest pro Rafa.”

George se ofende.

“Por que Rafa? Por que não eu?” e Garreth olha pra ele com estranheza. “É que você não é gay.” (BANG)

Todos se entreolharam, até que Kenny riu. Thomas tomou a frente. “Dude, ele é gay. Super gay.”

“Que? Claro que não.” Garreth diz. George pega na coxa dele (bang).

“Garreth, I am young, gifted and fag. Super gay. Me sinto feliz quando há pênis no recinto, preferencialmente dentro de mim. Uma bundinha também até que vai. Com pelo.”

Garreth parece confuso.

“Ah, erm, desculpa. Eu não sabia.”

“Agora sabe. E divide o quarto comigo, então continue o show matinal de ficar pelado pra se trocar que eu aprecio.”

Garreth está um pouco encabulado. George aponta para ferida molhada no tornozelo de Garreth.

“Você não vai tratar disso não? Parece uma DST não cuidada.”

“Fuck you, é só um machucado. Não é uma DST.”

“Como você sabe? Fez exame? Dúvido. E do jeito que você lança seu pinto por aí...”

“Eu não lanço nada.”

“Sei. Como anda o sexo por aqui, Australiano Master?” George brinca, também acendendo um cigarro. Kenny fumava um baseado, prestando um pouco de atenção, mas nem tanto. Garreth também não era seu tipo.

“Ah, bem devagar. Uma aqui, outra ali.”

“É bom tratar desse HIV aí no seu tornozelo.” Rafa diz, de brincadeira.

“Cala a boca, eu não tenho AIDS. Eu só transo com mulher.” (?)

Silêncio. George olha para Rafa, para Kenny, e enfim para Thomas, que parecia preocupado desde que viu George

indo pra cima de uma mulher por causa de um rato amassado. George encara Thomas e pergunta: “Que isso, ‘*Angels In America*?’” e Thomas só acena que não.

“Como assim, você só transa com mulher? Você realmente acha, em 2015, que você só pega HIV se transar com um cara? Você é tão ignorante assim?” George começou, tomando um golão de vinho e fumando, olhando para a nova vítima. Ele era sádico com burrice.

“Que? Não, quer dizer, não... não é?”

“Não, Garreth, não é. Você está pensando feito um conservador nos anos oitenta. Você pode pegar HIV com qualquer um, com seringa, com mulher homem travesti, o que for. Google é seu amigo, sabia?”

Garreth está muito sem jeito e se sente centralizado.

“George, eu não sei, eu não sabia, não tinha amigos gays...”

“Não é questão de ter amigo gay! É questão de assistir TV, ler um jornal, ler um livro, ser vivo na sua época! Meu Deus, até hoje isso?”

Garreth triste.

“Georgie, me desculpe, por favor. Eu não quis dizer isso, eu só não sabia..”

Era um ponto fraco de George. Um professor, artista, gay, jovem. Viaja para uma capital internacional para ouvir preconceitos de que nem se ouve na roça, de um cara oriundo de um país dito desenvolvido. Estavam perdidos. Mas se acalmou.

“Garreth, use camisinha. Fique tranquilo. Você não sabia, agora sabe.”

Garreth respira aliviado e arrisca tomar mais vinho.

“Eu vou tirar uma foto toda vez que for usar uma camisinha, Georgie.”

George gosta da indireta.

“É só me mandar mensagem que eu vou lá e coloco pra você. Agora, mais vinho! E foda-se o Pelé!”

Ele acende mais um cigarro e vira para Thomas, sussurrando. “Rum hoje à noite?” E o gringo acena que sim.

–

É tarde da noite e George está com Thomas em sua cama, abraçados e com as pernas entrelaçadas. George não lembra como acabaram nessa posição, ficaram tomando uma garrafa de Rum e ouvindo música a maior parte da noite. George está acariciando a cabeça de Thomas, seus dedos finos, brancos e longos, sua barriga peluda. George está no céu. Thomas está de olhos fechados, mas está bem acordado (!). Os dois estão bem bêbados. Será essa a noite? George acha que sim. Ele calcula os próximos passos. Ele acaricia o caminho do diabo de Thomas, pelos negros na pele pálida, e vai descendo até o limiar da calça do americano. Começa então a tirar o cinto dele.

“Que que você tá fazendo?” Thomas de repente pergunta. Merda. Fuck, Fuck.

“Eu... eu queria, eu achei que você queria. Achei que você tava gostando.” Ele diz enquanto Thomas ergue a cabeça.

“Do carinho, sim, mas... Que que cê tá fazendo?”

“Eu achei que você tava meio ereto... O volume...”

“Não, cara, é só assim mesmo... Você pode acariciar, mas não vai mais pra baixo.” Ele disse, recostando sua cabeça de volta na cama. Estranho. Estranho, né? Carícias podem, mas nada mais? Quão hétero ele era na Escala Kinsey?

George continuou a carícia, excitadíssimo. Ele hesita um pouco, uma notificação no celular de Thomas – que ele checa e nota o nervosismo de George. “Sério, relaxa, não foi nada de mais. Pode continuar.” Estranhíssimo. A verdade, que sabemos agora, é que Thomas não pensava em seu emprego naquele momento. Ele pensava... Ele pensava. O carinho era bom e... Deixa pra lá.

De repente, da porta de madeira velha, surge um Garreth com os olhos estalados e corpo enrijecido. Claramente drogado. Ele vê a cena mas ignora totalmente a presença de Thomas ali e pergunta pra George: “Georgie, quer me chupar?”

Que?! A Deusa devia estar de brincadeira com o menino. Acariciando o amor de sua vida, que acabara de o rejeitar sexualmente, e o ápice do fetiche o chamando para cama ao lado. Decidiu. Mas sussurrou para Garreth, esperando que Thomas não ouvisse. “Não... Agora.”

Garreth não pareceu chateado e deitou-se na cama ao lado, com os olhos fechados, mas claramente frito. Deu um tempo e Thomas se levantou. “Tô muito bêbado, vou dormir. E relaxa, você não fez nada de errado.”

“Te vejo amanhã?” George pergunta, ansioso.

“Claro. Té mais, Geeg.”

Assim que Thomas fechou a porta velha, George levantou e cutucou Garreth, que abriu os olhos na hora. “Você ainda quer?” Garreth acena que sim.

–

Um pequeno recorte sobre o que Thomas fez ao sair do quarto de George: Furioso ao ver aquela mulher no espelho de novo, ele contornou o bar para chegar até o objeto e chutá-lo com força, indo embora pisando nos estilhaços.

–

Ao tirar o shorts de Garreth, uma surpresa: Uma rocha. Impressionante. Mas as habilidades de George também eram impressionantes.

"Caramba, Georgie, eu ainda gosto de mulher, mas faria isso de novo... ah... com certeza" e ele ficou repetindo isso num loop. Até que... "Quer transar?"

Agora, entenda uma coisa. George estava acordado desde manhã no incidente do HIV, bêbado, cansado. Mas não podia perder essa chance. "Sério?"

"Aham."

Garreth abre sua mala e tira uma camisinha, orgulhoso. Coloca, George de quatro, PA!

"Ouch, não não, assim não Garreth."

A pouca experiência de George e a ansiedade de Garreth deixariam os dois em uma situação precária. Bom, principalmente George (depois). Eles tentaram mais algumas vezes, mas sempre PA! Até que George desistiu. Em face a isso, Garreth propôs: "Quer o contrário?"

Quê?! Deusa brincalhona.

"Garreth, eu até quero, mas estou muito cansado. Vamos deixar pra próxima?"

E George aliviou Garreth da maneira que podia – um dedo e uma língua – e se aliviou também depois de acabar.

“Você pode tirar? (o dedo) Agora parece que eu vou cagar,”

“Boa noite, Garreth.”

Sentindo a umidade na sua parte traseira, George vai ao banheiro. Uma mistura de merda e sangue, artístico. Agora uso o meu eu-lírico para o mais destoante dos clichés: Mal sabia ele.

--

Giulia e O Cul-de-Sac

Impossível. Se tivesse deitada, Giulia teria a cabeça estourada pela pólvora. Esmeralda havia entrado no quarto assustada e com perguntas, que Giulia teve de responder. Não ia ficar assim. Ia lá, de dia mesmo, tirar satisfação da apotecária dolosa. Ela iria até o casebre e confrontaria Vanda.

Disse à tia que iria só dar uma volta, mas caminhou em direção ao cul-de-sac na esquina. Quando chegou lá, deserto estava. Não só deserto mas qualquer vestígio das dezenas pessoas que festejaram ali no outro dia tinham desaparecido. Incluindo os prédios e as barracas e o casebre de Vanda, que tinha um tapume na frente, como se não fosse aberto nunca. A porta do bar de Esther não estava lá – mas o que?

Ela tentou ir na frente do apotecário e chamar por Vanda, mas ninguém atendeu. Então, sentiu uma presença.

"Quem tá aí?"

Ele apareceu do nada, branquelo e com os cabelos na altura dos ombros usando uma camiseta dos Rolling Stones. Seus olhos eram azuis, não como um oceano mas como – o que? uma praia cristalina? – sim, talvez.

"Olá, Giulia." Solavanco. É claro que ele sabia o nome dela. Pouca paciência e ainda com Vanda na cabeça ela responde rispidamente.

"Quem é você? Onde tá todo mundo?"

"Ah, 'onde'. É o que todos perguntam. Não é melhor 'como' ou 'quando?"

Giulia ficou pensativa. Quem era aquele cara? Ele tinha uma aura meio, sei lá, estranha?

“Como? Quando? Como assim?”

“Está claro que você vislumbrou algo que não existe. Pelo menos não agora.”

“Eu fui pro futuro?”

Jolo hesita. Mas responde.

“Quem disse que não foi o passado?”

E Giulia pensou. A verdade era que ela não tinha visto ninguém que conhecia no bar, ninguém com seus smartphones. Será? Quando foi responder o estranho, que se identificou como Jolo, ele havia sumido. Inferno. (!!)

–

Frederico já estava no Lado Ruim, tendo passado a mata da 7. Não foi difícil achar o endereço que Clarice passou e ele logo tocou a campainha. Para sua surpresa, foi Giulia quem atendeu. Ele logo a pegou pelo braço. “Vamos!”

Ela deu um puxão da mão dela contra a dele. “Que isso, menino? Tá louco?”

Ele fica perplexo.

“Eu... Sua mãe...”

“Que tem minha mãe?”

“Ela me pediu pra encontrar você e levá-la pra casa.”

Giulia olha ele de cima a baixo. Um meninoco.

“Eu to bem aqui.”

E, então, apareceu Esmeralda.

“Educação, Giulia, ninguém te ensinou? Você é o repórter, né? Pode entrar.”

Sem saber muito o que fazer, e já estando ali, Fred decide aceitar o convite e entra.

Ele havia passado o tempo antes de ir pr’Aquele Lado postando o vídeo em que informava que o projeto de lei de dividir a cidade tinha sido abatido, e então pegou a rota para o Lado Ruim, levando seu celular e ainda fazendo vídeos mesmo que off-line, tendo explicado ao público que iria sumir um pouco para investigar ‘algumas coisas’.

Sim, ele tinha fotos de Giulia mas – nossa – era tão mais encantadora pessoalmente.

Ele não sabia o que era mais estranho, aquela casa ou a dona dele. O conjunto da obra, talvez. Ela dava risada de tudo que ele falava, mesmo quando sua intenção não era ser engraçado. Algo dizia que ele não deveria confiar nela, mesmo tendo recebido ele com uma xícara de café e alguns biscoitos de nata. "Então minha irmã te mandou aqui pra buscar a menina?" Giulia estava tomando banho e o garoto sentiu sua falta. Ele queria saber mais da garota e o porquê ela havia continuado ali, correndo perigo, mas assim que ele entrou ela o dispensou e disse que ia se lavar. "Sim, ela está desesperada. Na verdade ela me assustou bastante, parecia que Giulia estava em perigo de morte. Acho que ela não gosta muito de você." Ele pega mais um biscoito da bandeja de prata em cima da mesinha. Ele queria parecer adulto e confiável, mas estava com muita fome e, caralho, aquele biscoito era gostoso. Você comia um e a vontade era sempre de mais. "RÁ, se não gosta. Temos nossas diferenças, mas ela sempre teve asco de mim. Só quem tem irmã sabe do que falo. E olha que ela é meia-irmã. Imagina ter uma inteira,

RÁ! Você tem irmã?"

"Tenho um irmão, mas ele mora em São Paulo. Ele é bem mais velho do que eu então não somos muito próximos."

"Sorte a sua! RÁ!"

Frederico estava começando a odiar aquelas risadas da mulher. Ninguém em sã consciência acha tudo engraçado. Coisa de gente louca.

"É, talvez... Você que fez esses biscoitos?"

"Ah, gostou dos biscoitos, é? Não fui eu não, cozinho merda nenhuma. Quem fez foi minha prima que é especialista nisso."

"Caramba, que gostoso. Ela vende? Antes de ir pra casa quero comprar pacotes. Podia viver só disso, sem zoar".

E ele dá risada, mas pela primeira vez a mulher não o acompanhou. Quando ele tentava ser engraçado não tinha sucesso, não entendia aquela mulher. Orgulho ferido. Mas, a fome o segurava naquele lugar. Ficou triste ao ver que os biscoitos estavam acabando. Ela leu seu pensamento.

"Tenho mais na despensa, se quiser. Ou podemos comer fora se você for ficar por esses lados."

"É, na verdade até queria verificar algo com você, já que mora aqui e deve conhecer. O que tem nesse endereço aqui?"

Ele pega o celular e mostra a mensagem para Esmeralda. Ela parece estranha e surpresa ao mesmo tempo.

"Ah, nesse lugar não tem nada."

"Nada?!"

"Bem, pelo número, eu suponho que seja pra lá do bosque, mas nunca vi nada por lá. O que tem esse lugar?"

"É aí que tá, eu não sei. Alguém me enviou. Você sabe como chegar lá?"

"É claro que eu sei. RÁ! Se não soubesse, tava melhor morta. Eu te explico".

E assim ela o fez. Ele pergunta se pode deixar a mochila dele em casa e voltar para pegá-la assim que terminasse a investigação. Ela dá risada e diz que sim.

–

Frederico andou no bosque sempre em linha reta, como instruíra Esmeralda. Realmente, não havia nada ali. Seria um trote? Ele decide andar até a mata acabar. Quando está quase fora da floresta ele começa ouvir um barulho de maquinário. Epa. Tinha alguma coisa ali sim. Ele acaba numa clareira, mas a vista é poluída. Onde quer que se olhasse no horizonte havia uma máquina. Eram instrumentos gigantes e mais pareciam brinquedos de um parque de diversão. Uma plataforma abrigava elas, que tinham uma espécie de gancho em cima de uma estrutura reta, era como se fosse um monstro de dois braços. A parte de cima ia de cima para baixo enquanto a parte de baixo rodava como um moinho e perfurava a terra. Estava extraindo algo. Ele pegou o celular e começou a filmar.

Frederico não percebeu o movimento por trás, o que aumentou ainda o choque do chute proferido em suas costas. No chão e sem ar sentiu mais alguns chutes e socos. Ele ficou tonto, sua visão embaçada e os golpes continuavam.

Seria o fim? Morrer fazendo seu trabalho não parecia um destino tão cruel. Mais dor, gritos e chutes. Ele apaga.

–

Tudo doía. Havia terra na sua boca e sangue pisado no rosto inteiro. Um rosto se aproxima dele. Já era noite e Frederico levou um momento para relembrar e entender o que tinha acontecido. Foi uma bela surra. Meter o nariz aonde não é chamado foi o ditado que passou pela sua cabeça. Podia ouvir sua mãe balançando o dedo e dizendo "Mas eu não avisei?!". Ele pouparia ela disso. Sua visão se estabiliza aos poucos e ele sorri com o rosto aflito que lhe encarava. O gosto de ferro dominava sua boca.
"O que aconteceu?"
Giulia perguntou.
"Uma bela surra, pelo visto. RÁ!"
Aquele "RÁ" deu nos nervos de Frederico. Quase morto e aquela escrota dando risada. Frederico levanta e avalia os arredores. As máquinas estavam paradas e nenhum sinal de seu algoz. Estilhaçado perto dele estava seu celular. Merda.
"Quem fez isso?!" a garota questiona.
"Eu não tenho a mínima ideia, eles vieram por trás." falar doía. Se movimentar também.
"Eles? Mais de um?" "Com certeza. Me lembro de pouco, mas eram duas figuras me dando chutes e socos."

"Covardes. Violência gratuita é odiosa. Ou você estava fazendo alguma coisa?" Giulia perguntou.

"Não, não estava fazendo nada, apenas observando. Essas máquinas estavam ligadas. O que será que é?"
Esmeralda olha para as máquinas e responde na hora.
"Petróleo", mentiu.

Que cliché, Frederico pensou. Extração de petróleo escondida da população. Seria essa a história ali? Fred percebeu que estava mexendo com forças maiores, com peixe grande. Era um sinal de que estava no caminho certo. Agora mais do que nunca ele se perguntava quem havia enviado ele até ali. Será que sabiam que era perigoso? Será que a intenção era machucá-lo? Não. Não fazia sentido. Ele não conseguiria voltar para casa naquele estado e não abandonaria a história, mesmo com seu material destruído. Ele decide recolher mais material e é Esmeralda que dá o próprio celular para ele continuar, já que ela nem usa o objeto. Deveriam ter matado ele. Agora ele já sabe o porquê, falta descobrir o 'quem'. E, porra, ele ia descobrir. Agora mais motivado do que nunca. Nada como uma surra em nome da verdade para dar ao mártir motivo de revolucionar. O que ele mais se perguntava era: O mandante da surra seria do Lado Ruim ou do Lado Bom? Ou ambos?

Ficaria de cama por uns dias pela lesão nas pernas, mas voltaria.

A fênix sempre volta.

–

Os dias se passaram e Giulia ajudou a cuidar de Fred. Ele obviamente tinha uma queda por ela, mas ela só pensava em Guilherme. Ele finalmente podia cuidar de si mesmo e Esmeralda os tirou do isolamento, como se estivesse os protegendo dos bandidos. Mas ela própria saia todos os dias. Vai entender.

"Fred, quer comer a comida da minha prima?"

"A dos biscoitos? Com certeza!"

"Pois vamos ao Restaurante do Jarbas. Ela não trabalha lá, mas os pratos são dela".

–

Eles vão andando até o restaurante, que fica a três quadras da casa. O movimento é enorme. Na frente do comércio havia uma van com um símbolo estranho, uma espécie de pássaro. Uma águia, talvez. Eles entram.

Se Giulia tivesse que descrever aquele odor maravilhoso ela chamaria de "cheiro de felicidade", por mais cafona que soasse. O lugar tinha um constante barulho de conversas animadas, talheres em movimento, de grelha fritando. A cozinha ficava à esquerda, onde havia uma espécie de janela mostrando os cozinheiros. O que mais se movia era um italiano alto com os braços peludos e um bigode grosso.

Giulia comeu como se estivesse na maior larica de sua vida. Ela não parava de mastigar e a comida não parava de chegar, de tipos variados. Comeu um cheeseburger, fritas, um prato de risoto funghi, três casquinhas de siri. Três. E ela ainda tinha fome, e era como se a garçonete lesse seu pensamento pois sempre chegava com a comida que Giulia desejava. Ela olhava para Fred e ele estava num ritmo maior ainda de comilança. Depois das casquinhas de siri, ela ficou com vontade de doce, e encontrou quase que imediatamente um pedaço de cheesecake servido à sua frente. Era incrível, Giulia comeu como nunca na vida. Foi só após seu segundo pedaço de cheesecake que ela percebeu que estava sendo observada esse tempo todo. Duas mesas à frente deles estava Guilherme, com uma xícara de café na mão e um sorriso no rosto, entretido pela cena da garota se debulhando em comida. Que vergonha. Ela logo se aprumou na cadeira e decidiu que já havia comido o suficiente. Ele vêm até a mesa, é claro. Fred não perde um detalhe sequer.

“Mas já parou?!” Ele pergunta, sentando-se ao lado de Giulia.

“Como, já? Comi mais do que a vida inteira.” Ela diz, a vergonha passando. E daí que ele viu ela comendo feito uma porca? Um parceiro ideal não levaria isso como defeito. Ele chama Giulia para o balcão do restaurante.

“Giulia, algo importante. Sobre onde você está.” Ele diz que ela é rápida na resposta.

“Onde ou quando?”

Algo brilhou nos olhos de Guilherme.

“Você entende a expressão “Panis et Circenses?”

Conversaram sobre. Giulia não entendeu o porquê daquele papo, mas Guilherme podia falar o que quisesse e ela prestaria atenção. A intenção de Guilherme era alertá-la, mas não conseguiu. Ela havia ingerido muita comida de Margarida, a dinda, ali no Jarbas. Estava em transe e não se lembraria do que Guilherme falou sobre Esmeralda – uma pena.

Ao voltar a sua mesa, Giulia reconhece a mesma criança fumante que subiu com o velho no segundo andar do bar de Esther. Pergunta pra tia o nome dela.

“Emiliana.”

Giulia tentou contar o que viu, mas levou uma represália.

“Não presuma, Giulia. É deselegante.”

Ela disse, ficando pensativa no porquê Emiliana e Tiso se encontrariam sozinhos no bar. Ali marcava-se a rivalidade e o jogo se abria. Lira estava próxima, sentiu.

Ao chegar na casa da tia, Giulia sentiu-se melancólica. Pela primeira vez desde que fugira tinha saudades de casa, de seus pais, até de seu videogame.

"Psiu."

L'Chaim

George está concentrado jogando pebolim e gritando de raiva. Ele joga contra Yonul, um loirinho israelense que era baixo, mas muito bonito. Ele marca. "*Oy Gevalt*!" grita George.

"Aha, muito bom." responde o loirinho. Ele falava inglês como quem estudou numa boa escola bilíngue. Mal tinha sotaque.

"Estou lutando pela Palestina, então. Cuidado." provoca George.

"A-ha, agora vou acabar com você."

"Ei, ei, vamos com calma, não me faça puxar a "Declaração Universal dos Direitos Humanos" pra isso. Você não vai gostar."" Yonul ri, divertido.

"Ah, isso não tem graça, vai se ferrar." George sorri.

"Certo, você está rindo porque a tristeza é tão divertida. As duas primeiras foram só aquecimento, eu te disse que tudo que eu precisava era me aquecer bem." Yonul marca um ponto e dá risada com a ironia do momento. Os dois aproveitam para tomar um gole de seus respectivos drinks.

"Vai precisar de muito mais que isso pra me derrubar." Ele desafia George.

"Por favor, me informe o que é necessário para te pegar. Eu compro qualquer coisa."

"Ha, você que tem que descobrir, cara, continua me dando qualquer coisa que você vai descobrir."

"Bom conselho, Yonul, o próximo é cachaça então."

"É aquela coisa brasileira de cana-de-açúcar?"

"Uau, alguém andou transando com brasileiras. É, como você sabe?"

"Bem... Eu estava comendo uma brasileira." Os dois riem.

"Eu sabia. Bem feito!" ele grita girando com força os bonecos e marca, comemorando exageradamente.

Pausa pro vinho, George acende um cigarro.

"Onde está seu melhor amigo moreninho delicioso?" ele pergunta sobre aquele outro cara israelense. Ele dava calafrios no George, de tão gostoso. Um dia George estava subindo as escadas rumo ao terraço e o cara estava no chão fazendo flexões de manhã. Puta merda. Às vezes ele queria ser uma garota.

"Yessel? Provavelmente está se drogando por aí. Vou dizer pra ele que você o acha gostoso." responde o loirinho, rindo docemente.

"Se vale de algo, eu acho você mais bonito, não se preocupe. Eu sei que você fica com ciúmes." Ele provoca.

Yonul suspira. "Como você sabe tanta coisa? Você é incrível."

George fingiu estar ofendido. "Ooh, quer falar de sarcasmo. Cuidado agora, pequeno *yamaka*."

"Aha, você é tão obcecado com a minha terra, por que isso?" Ele está realmente curioso.

"Bom, não conta pra ninguém, mas tenho quase certeza que quando eu decidir me estabelecer vai ser com um cara israelense. No mínimo judeu. Eu simplesmente sei." Ele sorri maliciosamente e pisca.

"Ah, agora entendi tudo. Você está investigando o terreno antes de se comprometer."

"Exatamente, você marcou mais alguns pontos agora. Eu gosto deles afiados, mas não a ponto de me ofuscar, então você tem uma boa chance." Ele provoca, e Yonul acha que foi ofendido por George, o que é verdade, mas não levou pro lado pessoal. O cara era engraçado, só isso.

"Porra, você ainda está me testando? Que dificuldade. Ha. Você fala inglês muito bem, cara, sem ofensa, mas

normalmente meus amigos brasileiros ou latino-americanos não têm esse sotaque americano. Onde você morou?"

George pensa um pouco antes de responder, sorrindo lisonjeado.

"Ahm, um pouco em Sunnydale, depois Stars Hollow. Nova York, Jersey, Manhattan, Brooklyn, Rhode Island, Coney Island, Fantasy Island e Baltimore – tanto as esquinas quanto o produto de cabelo Baltimore."

Ele diz e Yonul fica impressionado com a variedade de lugares mas não entende a última parte, ficando confuso. George dá risada.

"Não cara, tá brincando? Eu fui criado em São Paulo na maior parte, mas meu pai é americano e também moramos numa cidadezinha chamada Good Hope. É uma colônia americana que produzia borracha para carros. Além disso, assisti a um monte de televisão, então isso também ajudou no aprendizado."

"Uma colônia de americanos no Brasil? Nunca ouvi falar."

"É, as pessoas nunca ouvem. Acho que a gente mantém isso entre nós."

"Então você é praticamente americano."

"O quê? Nem fodendo. Não dá pra ser mais brasileiro que isso, garoto."

"Concordo totalmente, concordo totalmente. Quer jogar outra?"

"Claro. Quer apostar quem vai ser o ativo e o passivo?" Ele provoca de novo.

Yonul ri, quase tímido. "Vamos apostar duas garrafas de vinho e aí se você me deixar bêbado, quem sabe."

George gosta da reciprocidade nas palavras do cara.

"Yay, gostei do som disso. Não me sacaneia, judeu. Espera... sacaneia sim, na verdade." E ri do próprio humor.

Eles riem juntos quando Garreth se aproxima do bar, contente pelo alívio da noite anterior.

"Ei, ei. E aí, Georgina. E aí, Yonul." Eles estão tão à vontade quanto sempre, amigos para a vida toda e tudo mais.

"Oi, Garreth. Você vai ao clube hoje à noite?" Yonul pergunta, referindo-se ao clube no andar de baixo do albergue do outro lado da rua.

"Aham, talvez, mas não vou ficar muito tempo porque tô realmente acabado, acho que vou ter que beber um pouco de água com minha cerveja no albergue hoje à noite."

"É, eu nem ia mais, então acho que a gente vai ficar todo mundo aqui. Vamos chamar aquele cara da mochila e pegar todas as drogas que pudermos." Yonul está animado com a perspectiva da mochila mágica.

"Juanchi. Ele é incrível, faz amizade com ele e não vai se arrepender. Não só pelas drogas, ele é uma pessoa realmente legal." George afirma, meio que defendendo o cara que todo mundo só queria as drogas.

"Então chama ele." Yonul diz mostrando sua ansiedade para planejar a noite direito.

George ri de maneira arrogante.

"Ah, criança doce de verão, a gente não precisa chamar ele. Ele vai aparecer, acredita. O albergue chama ele nessas situações, fica tranquilo. Ele provavelmente já está recebendo o instinto de vir agora."

Garreth ri, concordando:

"Ele está aqui todo fim de semana, então vai aparecer rapidinho."

"Você tem certeza?" Yonul dúvida.

"Tão certo quanto meu membro estava quando te viu pela primeira vez, amor." George sexualiza a situação mais uma vez.

Yonul olha para Garreth, rindo da frase.

"Beleza. Drogas garantidas. Yessel está me chamando, já volto." O amigo mencionado, Yessel, realmente está chamando com um gesto de mão. Yonul vai até ele, deixando Garreth e George sozinhos pela primeira vez desde que eles transaram.

"Você já está tentando pegar ele, né?" Garreth pergunta em tom íntimo.

"Pode me culpar?"

"Pervertido safado." Ele diz numa frase que George achou sexy porque ele meio que baixou a voz.

"Fica tranquilo, Garreth. Eu não sou fofoqueiro." Ele declara de forma bem decidida.

Garreth dá um meio sorriso.

"Não achava que você fazia isso, George. Não achava."

Logo depois de Garreth sair, George entra num quarto onde Rafa e Jane estão conversando e declara em português:

"Eu transei com o Garreth ontem à noite!"

"Mentiroso." Rafa diz.

"Quuuuê? Ai meu Deus, eu pensei que ele fosse hétero." Jane diz, muito surpresa, tendo sido uma das alvos da paquera do Garreth.

"Talvez ele seja. Eu sou simplesmente tão bom."

"Coitada. Nem sabe o que é cunete de verdade." Rafa brinca. George levanta o braço direito no ar, dizendo "Coitadíssima".

O albergue estava lotado naquela noite. Isso sempre acontecia de forma orgânica. Claro que todo dia havia a chamada festa planejada, mas todos sabiam que ela ia acontecer, então ninguém realmente se dava ao trabalho de, por exemplo, criar um evento nas redes sociais ou coisas do

tipo. Isso simplesmente não funcionaria. Mensagens eram enviadas, sim, mas não como uma ação coletiva planejada. Amigos de amigos, novos hóspedes, interesses amorosos ou sexuais, o que você quiser. Todos estavam lá naquela noite e alguns ainda estavam a caminho.

Jane está no fim do bar começando a contagem regressiva com um sorriso empolgado. 4, 3, 2, 1. Os dois israelenses começam a correr pelo albergue só de roupa íntima. Yonul com uma cueca branca, Yessel uma preta. Eles passam por George e Rafa, que não deixam de olhar para aquele tecido macio e delicioso.

Juanchi chega. Palmas por toda parte. Ele grita cumprimentos com sua mochila cheia e todo mundo sabe que a diversão vai aumentar rápido agora. Os dois israelenses voltam correndo, esquecendo da linha de chegada (que não existia) e se juntando à comemoração.

Estamos com duas horas de festa. George está no banheiro espaçoso, uma bolsa transparente com cremes e itens de higiene está na pia meio aberta.

Há um cinzeiro ao lado, na altura do vaso sanitário. George adorava fumar no banheiro. Não só quando estava cagando, mas também quando tomava banho. Ele está fumando agora e se senta no vaso começando a cagar.
Jane entra animada. “Abra a boca.” Ela diz, sem se importar com os barulhos e o cheiro de merda. Eles já estavam acostumados com aquilo. Garreth não estava errado quando chamou seus amigos de “família espanhola”, porque isso acontece entre viajantes em lugares assim. Ele atende ao pedido e ela coloca uma pílula na língua dele.

“É balinha.” Ela revela.

“Eita. Nunca fiz isso antes. Tô com medo.”

Ele brinca, dando uma tragada no cigarro e puxando a fumaça. Ele vinha fumando o saco de flores que Juanchi

tinha trazido nas últimas horas, então estava curioso para saber como aquela mistura de estimulantes e calmantes ia funcionar. Essa é a coisa com usuários de drogas, sem medo, sempre apostando. Às vezes dá ruim, mas nada que você já não tenha passado e sobrevivido. Exceto quando você morre.

"Eu também nunca fiz. Ai, eu te adoro, George. Meu, acho que o loirinho é bi-curioso. Ele beija bem." Ela diz muito efusivamente.

"Eu sei, né? Você acha que eu posso transar com ele?"

"Acho que qualquer um já pode transar com ele agora. Vamos pegar ele juntos. Você já assistiu *Sense8*?"

"Não, mas todo mundo fala. Quando eu chegar em Sampa vou assistir. Não conta nada, deixa eu descobrir sozinha."

"Tá, tá."

Ela entrelaça os dedos nos dele. "Negócio fechado no loirinho. Juntos. Escuta, eu tenho que terminar aqui, preciso que você saia porque eu vou jogar água... Por dentro." Ele diz sem querer reclamar do ânus machucado e do quanto doía. Ele não se importava, já estava acostumado com a dor. Ela o abraça apaixonadamente, agacha perto do vaso e depois o deixa sozinho.

–

Jane e George estão interagindo e rindo com o loirinho, ambos obviamente flertando em esforço coletivo. Quer dizer, o que é um peido para quem já cagou? George pensava toda vez que flertava com os chamados caras héteros. Ele ainda estava meio apaixonado por Fernando, agora meio apaixonado por Tommy e ainda lembrava de alguns ex com carinho. Então, sim, o que é um peido? Enquanto flertava com Yonul, ele pensava "Estou ferrado para a vida

toda." Ele não estava totalmente errado.

A festa explode para um nível que a maioria não vê, mas que os poucos escolhidos veem frequentemente. É um privilégio, e George estava ciente disso. Rafa é o DJ colocando música. Jane e George dançam com o loirinho, o cara no meio dos dois. Todos estão muito sedutores entre si e Yonul estava surpreendentemente muito homoerótico. George usa um pouco e Jane murmura para ele: "tira isso" referindo-se ao seu cardigã, e ele faz, deixando para trás seus problemas de autoestima. Não era hora para isso.

Rafa está no computador de novo e procura "Habits (Sabotage Remix)" da Tove Lo e coloca para tocar. Ele abaixa as luzes quase até a escuridão total, a tela do computador ilumina seu rosto e o cabelo azul.

Pessoas estão por toda parte. Estão esmagando pílulas, tomando pílulas, cheirando K em chaveiros, Juanchi dança estranho com óculos escuros e boné, abraçando pessoas e rindo. Rafa tem seu próprio lance rolando, ele e o ar e os deuses. Ele gira ao ritmo, levando-se para o outro lado do bar e desligando completamente as luzes enquanto o refrão toca.

Yessel começa a envolver uma garota magra com seus braços enormes. As coisas ficam cada vez mais intensas e íntimas. Alguns só fumam baseados, outros cheiram cocaína em qualquer lugar e por toda parte. George pega um baseado de *flores* de um Rafa sonhador e fuma um grande volume em uma tragada. Volta para Jane e Yonul, que estavam se beijando. Estão claramente se esfregando e ambos agora beijam Yonul, Yessel se aproximando deles depois de terminar seu compromisso anterior e agora focando em Jane, que está observando George beijar a boca do amigo, e começa a tocar Yessel com suas unhas roxas escuras na barriga dele enquanto ele se aproxima com um sorriso sugestivo.

Em algum momento, e ninguém poderia dizer quando porque o tempo era realmente relativo nessas situações intensas, Garreth aparece de repente no meio da multidão, fodido como sempre, avaliando o que estava acontecendo e rapidamente entrando na vibe dançando com a cabeça balançando para todos os lados. George – agora desconectado do loirinho – está conversando e rindo com Garreth, que pula e acena energicamente.

A festa estava quase no fim e o destino de todos estava traçado: Yessel está no banheiro transando com Jane, que está erguida pelos braços dele e pressionada contra a parede. É bonito o jeito que ele a envolve.

O loirinho Yonul desmaiou no sofá com a Cougar, uma frequentadora estranha do albergue de cinquenta anos que gostava dos jovens, também dormindo ao lado dele com a mão dentro da cueca branca agora molhada.

Rafa está fazendo cocaína no balcão do bar junto com Juanchi. Thomas está beijando desajeitadamente a bartender lésbica, claramente tendo sido atacado.

George está de volta ao seu quarto penetrando Garreth forte enquanto o australiano geme de prazer a cada vez que sentia o pau de George entrar. Depois de um tempo ele reclama: Sente que vai cagar e fica preocupado, não conseguindo mais aproveitar os prazeres do sexo anal. George entende e não tenta convencê-lo do contrário, dizendo que a sensação era normal, porque se fosse para cagar, seria nele. É melhor parar quando se está ganhando. Eles se masturbam mutuamente e adormecem com substâncias no cérebro misturando o sexo, as drogas e a bebida em um delicioso descanso, ambos na mesma cama.

A festa acabou. Flashes do rosto, bochechas, lábios de Tom. Enquanto George adormecia, lembrou de uma frase de uma música: “Amor é prosa, sexo é poesia”.

O Redentor

A estátua do Redentor sempre esteve ali, desde a inauguração da cidade. Ela recebia diversos tipos de oferendas, tanto do Lado Bom quanto do Lado Ruim. São flores, velas, e até comidas e bebidas em pratos de barro decorados. Um homem da prefeitura tem o trabalho de todos os dias recolher essas oferendas para manter o lugar limpo. Seu nome era Francisco. Francisco recebia apenas um salário mínimo por sua função e não tinha ambição de mais dinheiro. Ele levava uma vida simples, mas alegre. Seu salário rendia na cidade. Ele fazia compras no mercado, pagava o aluguel de sua casa e ainda sobrava um pouco pra fazer um churrasquinho com os amigos. Limpar a estátua e seus arredores não exigia muito dele. Sim, Francisco era contente. Tinha percebido algo estranho nos últimos dias na estátua. Sua base estava rachando. Como o bom funcionário que era Francisco reportou-se à prefeitura com a informação, mas ninguém parecia se importar. É claro que não se importavam. Pessoas importantes sempre têm assuntos mais urgentes do que qualquer coisa que Francisco poderia dizer. Só o ouviriam se achasse um corpo na estátua, e às vezes nem assim. Os campeões sempre ignoram os humilhados.

Francisco não ligava de ser considerado menor, seu contentamento era raro na vida de tal pessoas, e ele tinha essa noção. O mais simples é o mais difícil de se conseguir, mas Francisco conseguira. Ninguém tiraria o sorriso de sua cara, mesmo limpando merda de cachorro e embalagem de comida que os porcalhões importantes jogavam das janelas de seus carros. Francisco às vezes se perguntava quem fazia esse tipo de coisa, pessoas do Lado Bom ou do Lado Ruim? Ele foi condicionado a presumir que seriam os bandidos do Lado Ruim, mas na sua experiência as pessoas ali deixavam os outros em paz. Poderiam ser o que fossem, ninguém

escutava algo sobre os moradores de lá. Já no Lado Bom o falatório era extenso. Fofoca era a moeda de troca, e até Francisco ouvia algumas com certo interesse.

Seu Francisco estava incomodado. Ele não acreditava nessas coisas, mas não conseguia tirar essa ideia da cabeça. Andava tendo sonhos, estranhas coincidências, via sombras e luzes. Teve o ímpeto de fazer uma oferenda, como aquelas tantas que limpara em seu tempo na prefeitura. Era madrugada quando ele acordou após um sonho buscando por ar e foi ligeiro para a pequena cozinha de casa. Pegou um prato de vidro mesmo, pois não tinha o de barro que tanto vira. Pegou algumas velas e uns cigarros do maço de emergência que guardava – às vezes acordava de noite e fumava um, mas bem às vezes mesmo.

Ele pegou os itens da cozinha, um isqueiro no bolso e saiu para a cidade. Chegou na estátua. Ele colocou o prato na base da estátua, bem em frente a sua rachadura. A noite estava estranha, e o céu estava relampejando muito. Às vezes relampejava tanto que o céu ficava branco por uns segundos. Colocou a garrafa de pinga no centro do prato, acendeu as velas e as colocou formando um círculo ao redor da pinga. Eram sete velas, todas que tinha em casa. Ao acender a sétima, tudo mudou.

Um grito horrível de gato assustou Francisco, que deu um pulo e caiu para trás, bem a tempo de ver uma estrela cadente caindo à esquerda no céu. No momento que a estrela desapareceu ele ouviu um estrondoso trovão, seguido do raio que caiu bem na cabeça d'O Redentor. A rachadura na base começou a se expandir para cima e para os lados, tornando a estátua um espetáculo quadriculado de rachaduras e, nas frestas das rachaduras, uma luz forte e amarela emanava para os arredores. Uma explosão enorme atirou pedras em todas as direções, numa velocidade tão grande

que uma delas atravessou o crânio de Francisco como se a cabeça dele fosse um pudim.

O corpo de Francisco caiu de lado e ele perdeu a chance de ver a criatura passando por cima dele, uma coisa humanoide de cabelos longos até a cintura, melado por uma gosma preta que cobria seu corpo por inteiro. O Redentor cambaleou para trás e começou a andar em direção ao Lado Ruim.

–

O Delegado tinha largos braços, parecia que frequentava a academia, um armário. Ele analisava o corpo de Francisco, um furo redondo em seu crânio. Pedras que formavam a estátua estavam espalhadas pelo local, como se tivessem sido lançadas violentamente. Ele segue para avisar a prefeitura. O prefeito fica chocado. Quem será que fez isso e por quê? Como ele lidaria com aquele escândalo frente aos cidadãos. O que iria dizer? Uma investigação deve ser instaurada. Os moradores começam a acordar para seguir sua rotina e a notícia logo se espalha pela cidade. As acusações voam por todos os lados, principalmente contra os moradores do outro lado. Dona Maria Antonieta tem certeza de que Carlos está envolvido, ainda obcecada – ela era tia do delegado Júlio. Ela divide sua opinião com as outras duas beatas que já não dão tanta credibilidade para a velha desde toda essa história com o cantor. O Delegado está no local e tenta fazer um tipo de perícia, mas não encontra nada. Que mistério. Ele percebe que as pedras por dentro estão manchadas de preto. Seria piche? Ele decide ampliar sua investigação. Irá verificar moradores dos dois lados e também os moradores que se aventuram no Lado Ruim. Para descobrir quem são. O Delegado vai até a loja de Dona Quitéria em busca de alguma informação relevante. A mulher não é muito solícita com ele, com medo de represália.

"Dona Quitéria, por favor, eu sei muito bem que você vende."

"Eu já falei que não sei do que você está falando."

"Eu prometo que não vou fechar sua loja e nem confiscar nada, eu só preciso da sua lista de clientes. Ou eu posso ir até o juiz e conseguir um mandado de busca e apreensão, e aí não posso fazer promessas. O que prefere?"

É claro que só alguns pagam com o cartão e são facilmente identificados, mas são poucos. A maioria paga em dinheiro e não há câmeras de vigilância na loja para ele fazer uma relação de nomes, e o Delegado duvidava que Quitéria fazia notas fiscais dos clientes que compravam disfarces. O que fazer? Por onde começar? O Delegado já estava cansado daquela história e mal tinha começado. Primeiro a garota desaparece e agora o símbolo de esperança da cidade é destruído. O que aconteceu com os dias calmos de Santa Fé? Até um ladrão estava agora agindo em Santa Fé, algo que não acontecia há anos. Até a sorveteria tinha sido assaltada.

Ele não contava com a colaboração de Quitéria, nem previu o que viria a seguir.

"Sabe, seu Delegado, a última pessoa que veio aqui atrás disso é uma senhora respeitada na cidade. Acho que você gostaria de saber quem".

Quitéria não gostava de Antonieta, e isso era fato. A mulher se colocava num pedestal moral que Quitéria não concordava, tendo a conhecido quando jovem e sabendo de alguns de seus podres. Essa rivalidade começou na escola, quando Antonieta, além de negar uma vaga no grupo de estudos, chamava Quitéria de "Qui-qui-bosta". A justiça divina falha mas não tarda. O Delegado então descobre que Dona Maria Antonieta, a respeitada 'beata' e sua tia, compraram uma máscara. Por que será que ela fez isso? Ele já

estava por aqui com a senhora desde toda aquela história com o cantor. Agora teria que falar com ela mais uma vez sobre sua possível ida ao outro lado. Ele não achava que ela tinha alguma coisa a ver com a destruição da estátua, mas uma pista é uma pista e ele teria que checar todos os nomes que conseguiu. A maioria é de jovens que têm o costume de ir para o outro lado por curiosidade juvenil. Só o nome de Dona Antonieta destoava da lista. Ele vai até a casa da mulher. Ela atende a porta mas parece outra pessoa: Seu cabelo está emaranhado e oleoso, suas roupas sujas de comida e a casa fedia.

"Delegado... O que o senhor quer?" Ela parecia fragilizada e o Delegado sentiu um pouco de dó da mulher. "Tia, tá tudo bem? Você tá diferente."

"Tá, tá, tudo bem. O que você quer?"

"Posso entrar?"

"O - que - você - quer?" A mulher parecia impaciente e agitada. O Delegado decide falar na lata.

"Eu sei que você foi pro Outro Lado. Posso entrar?" Ela hesita por um momento mas não vê saída. Ele entra na casa da mulher. O Delegado fica abismado: Louça suja pra todo lado e na sala os móveis foram afastados da parede para dar lugar a um grande painel cheio de fotos e tabelas de horário sobre o cantor Carlos da igreja. A mulher estava claramente desvairada. Ela percebe no olhar dele um requinte de pena e curiosidade.

"Se você não faz seu trabalho, eu tenho que fazer."

Ela senta-se no sofá e surpreende o homem mais uma vez: Começa a chorar. "Nada faz sentido...."

Ele entende então o motivo da máscara: Ela se aventurava no outro lado para investigar esse tal cantor. Realmente havia fotos do cantor no bar do outro lado, mas isso não justifica tamanha loucura. E se fossem irmãos gêmeos? Aquela história seria fácil de resolver. Ele não tinha mais pistas sobre a estátua, então decidiu ir para o outro lado tirar essa história do cantor a limpo e ajudá-la. Já é noite e ele entra no seu carro e pega a estrada de terra, um atalho para o outro lado. Ele se prepara para fazer a curva, mas quando vira o carro um borrão preto aparece bem na frente, fazendo-o desviar e bater violentamente em uma árvore. Atordoado, ele olha para trás e vê a figura nua e manchada de preta, os olhos redondos e brancos se aproximando dele, os cabelos grandes e sujos. Tudo fica preto.

Não Chore Por Mim, Argentina

George acorda numa cama vazia, grogue. A porta está aberta e ele percebe que é de manhã cedo. Garreth não estava lá, nem suas coisas. Era o dia da partida dele, George sabia disso. Então ele vê o australiano passar pela porta com a mochila nas costas e ele olha para George, que acena tentando chamá-lo, mas é ignorado. Não só é ignorado, mas Garreth olha para ele como se fosse uma bruxa a caminho da fogueira, cercada pela fúria da multidão. A multidão furiosa, neste caso, era o próprio Garreth.

George confere o celular e se levanta ajeitando o cabelo, saindo furtivamente para o bar. Tom e Rafa estão lá e puxam conversa quando ele senta. Tom está falando:

"... ela parecia eu chapado."

"Jane? Não, era a não-balinha do Juanchi. Olha isso." George diz, apontando para o celular. A tela mostra dezessete mensagens não lidas dela, a última dizendo: "Por favor, só me diga que você está bem".

Como as mensagens estavam em português, Tom pede para que ele traduza com um gesto enquanto George começa a rolar a tela.

"Ela está dizendo tipo 'George, você está bem? Por favor, me diga que você está bem, estou na minha cama e tive uma sensação terrível, não sei, acho que o Juanchi é um policial disfarçado...'" — todos caem na risada — "'... e ele quer pegar todos nós. Você está aí, está aí, Georgeee.' Ela me mandou umas doze mensagens. Você acha que ela ainda está no país?"

"Provavelmente. Quero dizer, a essa altura a gente já teria ouvido alguma coisa, suponho. Você está triste que seu colega de quarto foi embora??" Tom pergunta.
"Sabe, ele não se despediu, na verdade me ignorou quando

tentei." George explica.

"Por que ele faria isso?" Tom pergunta, intrigado.

"Porque ele tem medo da habilidade inata do George de chupar." Rafa brinca.

Tom age como se tivesse entendido a razão óbvia.

"Acho que ele me ignorou porque eu realmente o fodi um pouco ontem.

“Ei, vamos comprar cigarros e comer algo." Ele pergunta, tranquilo com a afirmação feita. Todos concordam com a linguagem corporal, mas continuam no assunto descendo as escadas. Rafa vai na frente.

"O que você quer dizer com ‘realmente fodi ele’?"

"Eu. Fodi. Ele. A bunda dele, toda fodidamente fodida." George ri da própria piada. Faz um gesto com os dedos, sorrindo em êxtase.

"Isto é precioso, cara. Nem consigo imaginar o Garreth sendo fudido no cu." Tom afirma.

"Eu consigo." Rafa responde, também sorrindo.

Eles estão na rua, um sol tímido os cumprimenta. George está com sua jaqueta de couro, Rafa com seu suéter preto e Tom com camiseta e calça.

"E ele pediu, cara, eu não fui implorar ou algo assim. Ele queria desde a primeira vez, mas não rolou. É tão difícil ser ativo às vezes." George confessa e Rafa concorda na hora.

"Não é? Eu odeio, nunca faço." Diz, para surpresa de Tom.

"Você está brincando." Tom diz, tomando uma pílula.

"*Ne-ver*." Rafa responde revirando os olhos.

"Eu fiz só porque agora consigo usar camisinha e meu pau não amolece na hora. Antes era um circo. As duas

vezes." George conta. Tom se inspira:
"Quem diria que os ativos têm uma tarefa tão difícil pela frente. Todo mundo acha que o passivo tem o trabalho mais difícil porque leva o pau, mas a verdade é que ele só leva o pau e fica lá. Essa não é a parte difícil."

"Eu não fico só lá, e olha que você é um expert. Estou com inveja de quem te deu tanto insight sobre ser ativo." George provoca.

"Você sabe o que eu quis dizer..." — faz um gesto com a mão — "... *cazzo*."

Chegam a uma lojinha minúscula que parece um armário, com uma placa de led pendurada: 'QUIOSCO - 24H'. Um garoto magrelo os cumprimenta com familiaridade.

"*Hola. Dos Philip Morris rojo, por favor."* George repete para o mesmo cara.

"*Y dos Marlboros blancos."* Rafa completa o pedido. Rafa entrega dinheiro para o cara, que pega os cigarros no topo da prateleira. George dá um dos maços para Tom, que disse estar quebrado.

"Não suporto Marlboro Light aqui, é doce ou algo assim. É tipo Free no Brasil, sabe?" George pergunta para Rafa.

"Free é horrível, é tipo aqueles aromatizados."

Finalizam a compra e se despedem educadamente, voltando para a rua. Há um movimento morto de ressaca geral nas pessoas.

"Não é Gauloise, mas dá pra se matar suavemente com essa canção." George brinca e Tom ri.

"Boa."

"Certo? Ser ativo me faz bem, fico todo de risadinha e satisfeito." Ele tem uma revelação. "Talvez este seja um ponto de virada no meu legado de vida." Ele diz.

"Agora um flashback do dia em que o Geeg tentou ser ativo com um cara pela primeira vez, falhou e assumiu para si a missão de..." Tom começa, mas é interrompido por George:

"Para com isso, Tom. Flashback no primeiro episódio é muito preguiçoso. Eu esperava mais, você é de Jersey. Qual é o próximo, narração?" Tom fica irônico.

"Certo, volte a ficar satisfeito por ser ativo." Rafa fala sabiamente.

"Bem, é uma velha história, Tom. Terra sem sexo é só 'meh'." Todos riem juntos na bobagem coletiva.

"Não acho que seja assim." Tom responde, mas Rafa fala confiante.

"Tenho certeza que é assim."

Agora o tempo está chuvoso e cinza e os garotos florescem nele. Chegam a uma barraca de choripán, suja, com paredes brancas simples e combos escritos em espanhol em folhas coloridas na parede. Entram.

Um homem aparentemente sem-teto, com uma garrafa de bebida, passa em frente ao estabelecimento correndo freneticamente atrás de uma pomba. Ele tenta agarrá-la, mas erra. Se recompõe, concentra-se e tenta de novo. Outro erro. Decide pular violentamente em direção a ela e cai de cara numa poça d'água, xingando o animal. Há uma explosão de fogo e o homem desaparece dentro dela.

Os garotos saem do restaurante, suados e com cara de cansados, mas satisfeitos. Cada um com um pão com linguiça na mão, o de George explodindo de condimentos.

"Vamos sentar aqui, eu tenho um lugar." Tom diz, já tendo feito essa refeição muitas vezes.

"Acho que não cabe comida para George aqui." Rafa

brinca. George morde um pedaço do pão.

"Uh, ele tem um lugar."

Tom os leva para a esquerda do restaurante e senta no limiar de uma casa pequena e fechada. Todos sentam e comem.

"Você traz suas três namoradas diferentes aqui e as conquista?" George pergunta a Tom, que responde na hora.

"Shhh. Vamos aproveitar isso. Três amigos vieram hoje comer comida processada depois de uma noite de vislumbres estranhos no “algo humano.”"Ele parecia hipnotizado e a inspiração o abandonou.

"Eu realmente gosto disso. Acho que é o que vou sentir mais falta em Buenos Aires..." George começa e ambos os amigos dizem ‘Awwn’,

"... choripáns. Meu Deus, esses choripáns." Ele diz dando uma mordida, o recheio escorrendo pelas bordas no prato de papelão.

Decidem voltar caminhando, passando pelo monumento de Evita, uma foto dela com um microfone antigo estampado em um prédio. Isso desperta uma história de Tom.

"Então, um dia eu estava saindo com uma garota do outro albergue, ela também era australiana, e a gente estava passando aqui e ela olhou para o prédio e perguntou ‘Ei, por que aquela mulher está comendo um hambúrguer?’” ele diz.

"Ah, vai, isso não pode ser verdade." George duvida.

"Sério. Eu falei ‘Essa é a Evita Perón, blá blá blá.’"

"O que ela disse?"

"Ela disse algo como ‘tanto faz, por que ela está comendo um hambúrguer?’. Não fazia ideia de quem era, eu falei que era um microfone, mas ela nem ligou mais."

"Nem depois da Madonna?" Rafa pergunta.

"Nada."
"Oh, uau." E isso realmente chocou Rafa.

Tom joga seu prato de papelão em uma lixeira que passava.
"Eu queria conhecer um australiano esperto e fofo como Josh Thomas ou Thor. Eles não saem da Austrália?" George pergunta.
"Alguns saem, você não pode ser pessimista." Tom responde.
"Certo. Entendo. Não é homogêneo como os norte-americanos: Burro em qualquer lugar." George brinca e Rafa levanta os dedos em protesto:
"Ah não, você não disse isso." Rafa diz girando o dedo imitando um meme de uma americana preta.
"Aham, sim, acho que disse." George responde, também mexendo os dedos como o meme.
"Os Gays Racistas. É o próximo do Tarantino." Tom comenta.
"Não é racismo. É imitar personalidade engraçada. Vê como você é americano?" George rebate.
"Doce mamãe, você só fala de pau e americanos?" Rafa diz para deleite de George, que responde rápido:
"Por que você acha que o Tom está aqui?"

Tom sorri enquanto George coça o ânus por cima da calça, sem vergonha. Eles caminham pela *9 de Julio*. Tom observa o esforço de George e pergunta. Rafa balança a cabeça em repulsa, já sabendo a causa da coceira, algo que George não estava totalmente confortável em contar para Tom, mas que podia brincar a respeito.
"Vai se foder, está doendo. Tenho quase certeza que vou ter hemorróidas de novo."
"Merda, de novo?" Tom pergunta e George suspira.

"Sim, eu tenho um histórico, digamos assim. Começou quando eu tinha dezessete e era meio gordo, mas era pequeno. Depois voltou tipo uma bola de demolição. Fiz um procedimento não invasivo quando era mais velho um dia com um médico muito bonito."

Rafa provoca.

"Por que aqui? Por que agora? Por que é importante mencionar que o médico era bonito?" George ignora.

"Eu tive que esperar um tempo antes de transar pela primeira vez com meu primeiro namorado porque, quando fui para a cidade dele no Sul pra fazer isso, elas voltaram no ônibus a caminho."

"'Elas' agora? Coitado do jovem Geeg. 'Garotinho virgem meio gordo com várias hemorróidas."

"Eu estava mais magro na época, foi tipo dois anos atrás. Me imagino no ônibus praticando mentalmente como explicar para meu primeiro amor porque ele não conseguiria tirar minha virgindade."

"Espera, você tinha vinte e um? Não compro isso. Você provavelmente transa desde os doze." Tom diz, se virando para Rafa. "A coragem dessa salafrária."

"Mais uma vez você não sabe de nada, sou virgem como ninguém. Transei umas 10 vezes na vida, incluindo as duas com o Garreth."

"Claro, você é romântico." Tom diz, mas no fundo acredita.

"Talvez seja por isso que você tem hemorróidas, é um castigo da Deusa por não transar o suficiente." Rafa fala.

"Isso parece bem possível, amor, se eu tivesse poder eu me castigaria totalmente."

"Ah, preciosa. A gente sabe que você se castiga todo dia." Rafa diz, rindo, e George o pega pelo pulso e sussurra:

"*Me ajuda*."

George tira um baseado do bolso e leva aos lábios enquanto continua a história.

"Então cheguei na cidade dele, a rodoviária lotada de..." ele se vira para Rafa.

"Ei, posso acender isso aqui?"

Rafa está fumando e não responde na hora, apenas olha com teimosa indiferença.

"Posso?"

Então Tom provoca: "Cagão."

George acende, pegando no bumbum do Tom enquanto continuam andando.

--

Era a última noite de George em Buenos Aires e ele estava aproveitando do jeito que gostava: Ele e Tom bebendo de uma garrafa de bebida enquanto ouviam algumas músicas no celular do gringo. George vinha ensaiando o que ia dizer para Tom. Era um pedido, na verdade. Um pedido ousado.

Tom está cantando “Tiny Dancer”, do Elton John.

“Qual é o nome daquele filme em que cantam essa música no ônibus? É bom.” George pergunta, preparando o terreno.

“*Almost Famous*.” Tom responde.

“É, esse mesmo. Eu adoro a cena do avião. Coisa engraçada.”

Eles estavam sentados na cama de George, lado a lado, sem pernas entrelaçadas dessa vez. Ainda não tão bêbados. George via isso como uma vantagem, porque precisava da mente lúcida de Tom para o que ia pedir. Era um pedido

estranho e ele não ia mais adiar.

"Tommy... Você me beijaria?" ele finalmente pergunta.

Tom fica pensativo.

"Quer dizer... Não agora, ou coisa assim, mas antes de eu partir." George diz, tímido.

Tom sorri, o que surpreende o garoto.

"Sim." é tudo o que ele diz.

George quer garantias.

"Mas, tipo, um beijo de verdade. Não um beijinho. Língua e tudo." Ele ri da estranheza do momento, mas não consegue evitar.

Tom também ri, dando uma risadinha.

"Tá bom. Língua e tudo. Antes de você partir." Ele sorri maliciosamente. Obviamente lisonjeado. Isso tranquilizou George.

"Dedos cruzados?"

"Dedos. Cruzados." ele faz um gesto com a mão. George fica aliviado.

Uma nova música começa a tocar no celular. É "Just Like a Woman", do Bob Dylan. George se levanta e estende as mãos para Tom.

"Quer dançar?" ele pisca para o gringo.

"Eu não sei dançar." Tom diz, rindo, meio bêbado.

"Eu também não, cara. Vamos só nos mexer desajeitados pelo quarto pisando nos pés um do outro."

"Tá bom, mas não ri dos meus esforços ou eu paro. Respeita minha vaidade."

Eles riem, a dopamina inundando o cérebro de George.

Começam a dançar devagar e George demora, mas aproxima seu corpo do de Tom. Está duro, e Tom percebe, mas não se afasta ou algo assim, e George não esfrega a ereção no Tom como um tarado, mas eles ficam bem próximos. George apoia a cabeça no pescoço de Tom, respirando pesado, fecha os olhos e escuta a música, movendo-se devagar com o americano. Ele cheirava bem. Isso parecia certo. Parecia extremamente certo. Decidiu que não ia se perguntar se aquilo era só a passividade de Tom cedendo aos seus pedidos estranhos, e só ia aproveitar.

Havia algo em Tom que George simplesmente não conseguia identificar. Algo bloqueando, impedindo que ele fizesse o que realmente queria. Alguma negação. George sentia que estava bem diante disso, mas não conseguia visualizar. Claro, poderia ser só a projeção de um coração amassado e cheio de expectativas. Ele não pensaria mais nisso. Só ia aproveitar, pela primeira vez. Sim, Tom realmente cheirava bem.

Chegou a manhã, e com ela a azia. A física e a poética, pelo menos para George. Tom não estava lá, mas a promessa permanecia. Ele decidiu que não ia forçar nada, afinal já tinha feito a parte difícil de pedir. Mas a expectativa lhe dava borboletas no estômago. Era adorável, na verdade. Ele achava que Tom ia surpreendê-lo.

Começou a arrumar suas coisas. Suas roupas estavam todas no beliche de cima da cama e ele primeiro tentou só jogar tudo na mochila, mas não deu certo.

Preguiça sempre traz bagunça, era o que sua mãe sempre dizia. Lição aprendida. Então ele tirou tudo e começou a dobrar, apressado para encontrar Tommy e ter mais

tempo para o beijo acontecer. Precisam ficar a sós. Ou talvez Tom fosse com ele até o aeroporto e eles teriam uma cena romântica de beijo hollywoodiana na partida do garoto. Tinha 10 horas antes do voo. Isso teria que bastar. Quando terminou de arrumar percebeu que não tinha fumado seu cigarro de acordar, tão ansioso estava. Isso era inédito em anos.

Abre a porta do quarto e vai para o bar. Rafa e Kenny estão lá e Juanchi está desmaiado no banco. Nenhum sinal de Tom. Eles cumprimentam George e começam a fumar. As *flores* de Juanchi acabariam até o amanhecer. George pergunta sobre Tom depois do primeiro baseado, mas ninguém tinha visto ele naquela manhã. Só Rafa, que depois do turno da noite ouviu ele aparentemente discutindo ao telefone com alguém. Isso era estranho porque George nunca tinha visto Tom interagir com alguém no celular quando estavam juntos. Ele recebia algumas mensagens, mas nunca checava, e de qualquer forma não sabia a rotina do garoto quando estava sozinho no quarto, então não presumiu nada. Provavelmente falando com família ou coisa assim.

Segundo baseado. Alguns cigarros, um pouco de vinho, brinde com doce de leite. Terceiro baseado. Mais cigarros, mais vinho. Nada de Thomas. George sentiu um vazio no estômago. Será que tinha estragado tudo? Será que Tom estava evitando ele por causa da promessa feita sob pressão emocional? Todas as possibilidades passavam pela cabeça de George. Ele ficou triste. Algo estava errado, ele sabia.

O grupo ia sair do hostel para comer umas milanesas. George não quis e recusou o convite, mesmo com fome. Preferia ficar por perto, talvez bater na porta de Tom. Sim,

estava decidido, esse seria seu passo. Afinal, só tinha algumas horas antes de partir. Merda.

Fumou um baseado sozinho. O pico da droga seria a contagem regressiva para agir. Um verdadeiro maconheiro sente o momento exato em que o efeito passa. Passou, e ele foi para as escadas em direção ao Quarto Quinze.

O coração batia forte e ele se sentia ridículo. Suspira e bate na porta. O tempo passou lentamente naquele momento. Nada.

Decide bater de novo. Três batidas. Era íntimo o suficiente para abrir a porta, afinal Tom já tinha entrado no quarto dele várias vezes assim. Mas a coisa é que, e George só percebeu agora, ele nunca tinha entrado no Quarto Quinze. As reuniões sempre aconteciam no território de George.

A porta se abre e Tom está na frente de George, usando um shorts pequeno e sem camiseta. A barriga peluda era a definição de perfeição para o garoto brasileiro. Tolo.

"E aí, jovem." ele diz, sorrindo ternamente.

"Oi, você. Noite pesada?"

"Nem tanto. Acabei a bebida." Ele aponta para uma garrafa vazia ao lado do que George supõe ser sua cama. Indica para George entrar.

O quarto tinha uma luz amarela e duas beliches. A de Tom era na parede da direita. Sentam-se na cama dele, um travesseiro amassado e um livro enorme ao lado.

"Que horas você acordou?"

"Ah, faz pouco tempo. E você?"
"Há algumas horas."

George demorou, mas soltou de repente:
"Quer ir comigo para o aeroporto? Eu te pago o táxi para voltar, ainda tenho uns pesos."

Tom responde na hora:
"Claro, claro. Te acompanhar até lá."

"Sim, com uma rosa branca e música clássica tocando ao fundo."

Ele quase disse algo como "e uma cena de beijo romântico", mas pela dinâmica do momento decidiu não falar.

Bem, estava feito. O cenário estava armado e George quase tinha certeza de que o cara não tinha esquecido a promessa. Mas ele não contou com variáveis, porque quando desceram, Rafa estava lá e se convidou para ir ao aeroporto com eles. Merda. Quanta intimidade teriam que ter na frente de Rafa? Será que Tom ia desistir? Se ao menos George soubesse.

Presumir é pecado. O garoto tinha marcado o táxi para 20h, o voo era às 22h. Todos concordaram em se encontrar no bar para ir juntos.

20h. 20h10. 20h15. Nada de Thomas. George e Rafa esperaram o máximo que puderam. George sentia borboletas de novo, mas não de um jeito bom. Será que a promessa foi demais para ele? Talvez ele nem estivesse pensando nisso. Talvez tivesse esquecido, mesmo George tendo certeza de que Tom não estava bêbado demais para prometer aquilo.

No táxi, George lutava contra o impulso de chorar na frente de Rafa. Ele não entenderia e George não queria explicar. Sentia-se patético por isso.

No aeroporto, fizeram check-in, fumaram um cigarro com Rafa, comeram um hambúrguer e George foi para o portão. Deu seus pesos restantes ao amigo de cabelo azul. Dentro do avião, ao lado da janela, as luzes alaranjadas de Buenos Aires beijavam suavemente seus olhos. Finalmente, sozinho, ele chorou.

--

A Dinda

Não era nada disso. Eles não estão entendendo nada. Margarida já se frustrara antes com esses tipões joviais que acham que o mundo é sua ostra. Tolos. Ela culpava essa tal da internet. Eles estão cheios de discursos rasos e formação zero de caráter. Respeito é uma coisa incompreensível para essa geração. O dever de Margarida era manter tal respeito, principalmente para uma mulher em sua posição. As ordens foram dadas e logo, logo, o culpado estaria cara a cara com ela. Mal podia esperar, ela admitiu a si mesma. Ela era uma mulher franzina e conversadeira. Seus quitutes, bolos e queijos eram famosos na região toda. Pessoas de outras cidades viajavam até seu sítio só para comprar suas gostosuras. Ela se orgulhava de sua cozinha, e se orgulhava de sua posição. Não era uma mulher vaidosa, e sua verruga preta no nariz havia lhe dado o apelido de "bruxa" pelas crianças dali, mas ela não se importava. Ela respeitava bruxas, desde criança quando sua madrinha Carolina costumava a reunir as crianças e contar estórias cheias de bruxarias, espíritos, folclore. Ela sempre torceu pelas bruxas, mesmo pequena. Ela estava fechando a última das coxinhas quando ouviu as palmas de Hugo. Ela sabia que era ele não apenas pelo combinado mas pelo ritmo em que bateu as palmas. Ele sempre batia duas vezes rápido, uma vez lentamente e mais duas vezes rapidamente. Cara estranho. Estranho o suficiente pra poder lidar com o trabalho. Ela coloca a panela de óleo para esquentar e desce as escadas da cozinha para o quintal do sítio. Atrás de um alambrado as galinhas já estavam recolhidas. O chão era coberto de pedrinhas, mas Margarida não se importava em andar descalça ali. Ela gostava da dorzinha de seus pés andando vagarosamente pelo terreno. Dor é algo especial. Dor, ela aprendeu, é algo que o ser humano

entende. Atrás do portão, duas figuras esperam pacientemente por ela. "Noite, patroa."

Era o mais alto que havia a cumprimentado. Seu cabelo brilhava com excesso de gel para pentear, escovado no formato de um topete. Coisa feia aquele topete. "Noite, Hugo. Noite, César". César, o baixinho, murmura um cumprimento quase silencioso, surpreso que a mulher sabia o seu nome, olhando para o chão aparentemente sem saber como se comportar. O novato ainda não conhecia Margarida mas, sabia de sua reputação. Ali, a reputação fazia carreiras e esse não era um fato que a mulher ignorava. Era necessário manter a reputação, manter o respeito. Ela sorri para si mesma ao ver o baixinho atordoado com sua presença. É disso que ela estava falando. Respeito. Ela abre o portão.

"Cadê ele?" Ela pergunta com seriedade.

"No carro." Hugo responde, abrindo a porta do Sedan preto estacionado atrás dos homens.

"Traz pra dentro e cuidado com as flores, tô com panela no fogo."

Ela caminha para dentro da casa novamente, pegando a pilha de coxinhas cruas. Coloca uma de cada vez na frigideira. O chiado e o cheiro de fritura dominam a cozinha ampla no momento que Hugo e César aparecem na escada segurando um homem com a cabeça coberta com um saco, sem camiseta e se debatendo tentando gritar mas impedido pela mordaça em sua boca. As coxinhas fritam e Margarida puxa uma cadeira da mesa de jantar para perto dela.

"O filho da puta mordeu meu braço quando a gente amarrou ele." Hugo diz.

Ele tira o saco da cabeça do homem que revela uma cabeleira loira e lábios vermelhos e finos. Ele vê Margarida e começa a se debater em desespero na cadeira.

"Você sabe que se você gritar acabou, né?" Ela ameaça. O jovem acena que sim com a cabeça.

"Pode tirar" Ela ordena. Hugo assim o faz.

O garoto, que não parecia ter mais de 20 anos, começa a suplicar.

"Por favor, Dona, eu não vou fazer mais nada, eu prometo..."

"Cala a boca e escuta". Ela diz rispidamente enquanto tira as coxinhas já fritas e coloca em um prato coberto de papel toalha. Ela coloca a outra leva dos salgados na frigideira, caminha até a mesa e pega uma folha de jornal que estava ali em cima. O cabeçalho lê: "Gazeta de Santa Fé". Ela começa a ler o papel.

"'*Aparentemente, temos, após anos de crime zero, um ladrão que ronda os limites de Santa Fé. Pequenos furtos e assaltos foram reportados ao 1º DP nessa última semana e todos descreviam um homem encapuzado armado com uma pistola assediando os comerciantes e moradores de nossa cidade. O Delegado Júlio, ainda no hospital, informou à Gazeta que o caso já está sendo investigado pelo Sargento Humberto Diaz, que diz não ter provas suficientes para prender o bandido, apenas uma gravação da farmácia do "Seu Antônio na Rua dos Rios....*'". Margarida suspira e coloca o jornal em cima da pia enquanto retira mais coxinhas da frigideira de óleo quente.

"Não preciso continuar, preciso?" Ela pergunta ao rapaz loiro.

"Dona, por favor, eu só fiz isso porque minha filha precisava de.."

"Ah!", ela o interrompe. "É sempre assim, 'meu filho precisa de fraldas', 'minha filha precisa de material escolar', 'eu não sabia que não podia' e blábláblá. Não me importa as suas motivações, filho. O fato está consumado. Quantas vezes você ouviu falar de mim? Quantas vezes você ouviu a

frase 'SANTA FÉ É FORA DOS LIMITES'? Eu aposto que algumas vezes. Parabéns, você saiu no jornal. Tá feliz agora?”

"Não, Dona, eu imploro, eu nunca mais vou.."

"Sem promessas, filho. Chega de falar. Seu desrespeito me deprime e me enoja ao mesmo tempo. Você e seus amiguinhos que ficam no posto 24h falando merda, bebendo cerveja e falando das mulheres dos outros. Há um delicado equilíbrio nessa região que faz as coisas funcionarem propriamente. Eu sou responsável por esse equilíbrio, assim como o Hugo e assim como o César. Assim como você. Tudo tem uma consequência e há exemplos a serem postos. Você, filho, será um desses exemplos. É o seu dia de sorte mas também de lamúria. Conhece essa palavra? Não? Joga na internet."

Ela dá uma gargalhada, tirando as últimas coxinhas da frigideira e apagando o fogo. O rapazola tenta mais uma vez clamar por sua vida.

"Por favor Dona, não me mate, eu tenho família." ele implora.

"Não se preocupe, não vou te matar. A morte é simplesmente uma fuga, não é castigo. Você não vai fugir, você vai sentir o que é respeito. Na pele."

Em um movimento brusco a mulher pega a frigideira de óleo quente e lança o líquido no peito do jovem. Ele urra de dor, o óleo atingindo grande parte de seu tronco e queimando sua pele, o cheiro fétido de carne queimada enchendo a cozinha, a pele dele borbulhando. Ele desmaia pela dor.

"Acorda ele." ela ordena aos capangas.

Hugo dá uns tapas na cara do assaltante mas sem sucesso. Ele então vai até a pia e pega um copo d'água e joga na cara dele, o fazendo acordar. Por um momento ele fica desorientado, mas então a dor o acomete de novo e ele continua a gritar.

"Tira ele daqui e depois limpa essa merda." Ela diz apontando para o chão cheio de óleo.
"E esfrega bastante com detergente e desinfetante quando limpar".

Além da dor, respeito é algo que o ser humano também entende. E se não entender, fazer que se entenda era a missão de alguns. Dor. Dor e marcas todos entendem. Margarida conhecia bem a dor e sabia o poder das marcas. Ela mesma possui uma em sua barriga que não a deixa esquecer do passado. Todo dia um lembrete do que se foi. Os capangas limpam a cena e levam o assaltante de volta para o buraco que ele saiu. Margarida vai até o quarto da casa onde seu marido está deitado na cama assistindo TV. Impassível. Era como se ele não tivesse ouvido nada que acabara de acontecer na cozinha, mas é claro que ele ouviu. Eles já se acostumaram com esse tipo de coisa.

"Benhê, a coxinha tá pronta. Vai comer, vai. Tem aquele molhinho de pimenta que você adora". Ele acena que já vai e ela sai do quarto com um sorriso na cara. A noite foi produtiva e agora ela tinha a certeza de que os jovens iriam finalmente entender o que respeito aos mais velhos significa. Dever cumprido. E bem na hora de sua novelinha. A vida é boa para aqueles que sabem apreciá-la.

A Diretoria Escolar

George havia decidido ficar no interior por um tempo. Ficava na mesa nos fundos da casa e aproveitava o ar livre. Isso o inspirava, então começou a escrever sobre a vida e a arte. Da viagem, herdou o mau hábito de beber demais, e a casa tinha um armário cheio de cachaças aromatizadas, uísque e por aí vai. Fumava muita maconha e bebia demais, mas também escrevia como um astro. Seus flertes com Thomas continuavam online. George teve trabalho para legalizar seu entorno, especialmente com a mãe. Eles não precisavam de dinheiro, então ela apenas deixou pra lá e o deixou lidar com as consequências de não ter um emprego fixo, mas ele não ligava. Tinha dinheiro para maconha e cigarro, então estava feito.

As semanas seguintes trouxeram a George uma dor excruciante no cu. Ele não conseguia mais sentar na mesa para escrever e estava tomando analgésicos fortes. Era muito resistente à dor, então chegar a um ponto onde ela o tornava não funcional era sério. Sua mãe insistiu para que fossem a um médico e ele finalmente concordou.

Eles dirigiram até a cidade vizinha porque a cidadezinha não tinha um hospital bom. George foi deitado no carro por causa da dor e já sabia que as hemorroidas teriam que ser retiradas cirurgicamente porque dessa vez não iam embora como das outras.

Chegaram ao hospital e esperaram cerca de meia hora para serem atendidos pelo médico. George explicou o que estava sentindo, mas não comentou as causas.

"Vamos dar uma olhada, então." disse o médico, apontando para a maca preta. George deitou-se, curvando o corpo e abaixando as calças. O médico olhou, tocou e disse ao garoto para se vestir. Sentou-se atrás da mesa, Claudia sentada à sua frente, e quando George sentou ao lado dela, o

médico foi bem direto ao dizer: "É um abscesso anal. Você precisa de cirurgia agora, senão vai explodir e você vai morrer." George não sabia o que fazer além de acenar com a cabeça. Morrer por causa de uma foda desajeitada? Acho que não.

Tudo aconteceu muito rápido. George recebeu anestesia e estava consciente durante a primeira parte da cirurgia. Suas pernas foram levantadas como quando se vê uma mulher fazendo exame ginecológico em filme. Havia apenas o médico e uma enfermeira auxiliando.

"Mas, doutor, o que causa isso?" Perguntou a enfermeira em dado momento. George foi rápido no gatilho e disparou: "*Eu tive relações*!"

Silêncio.

Ele teve que dizer isso porque não queria que pensassem que tinha enfiado algo no cu como um pepino ou uma cenoura ou qualquer coisa fálica como algumas pessoas fazem. A cirurgia continuou, com poucas trocas entre os profissionais. George lembra-se de ser transferido para a sala de recuperação e deixado lá, a sala cheia de gente. Ele viu todos saindo um por um e parecia que se passaram 10 horas até se lembrarem dele. Só queria fumar um cigarro.

Havia um buraco na bunda de George. Porra. Já tinha estrias como cicatrizes e agora isso. Limpá-lo era particularmente desagradável porque ele não conseguia fazer sozinho, então Claudia assumiu o trabalho. Todo dia George tinha que mostrar para a mãe seu cu machucado enquanto limpava e colocava gaze.

O tempo passou e seu cu cicatrizou. Estava voltando para São Paulo quando tomou uma decisão: Ia viajar para Nova York.

Mas antes, uma parada.

--

Seu gato, Capote, havia morrido uma semana antes e ela ainda estava convencida de que preferia sua companhia a qualquer outra pessoa viva.

Nina estava quase terminando seu segundo cigarro. Fumava em sequência, enquanto aproveitava ao máximo sua pausa. Quando estava prestes a jogar o cigarro fora, o celular tocou. Ela viu quem era e atendeu com um sorriso.

"Miau." disse George. "Miau, baby. E aí? Tô no meu intervalo." Ela responde, sabendo muito bem o que ele queria. "Minha prima-donna. Como está a novela? Interessante?" Ele pergunta, genuinamente curioso. "Ah sim, muito interessante. Tenho que segurar uma bandeja de tâmaras enquanto essa atriz loira de rosto perfeito fala sobre Jesus ou Moisés ou qualquer outro profeta do caralho. Muito interessante." Ela desabafa com o amigo.

Ela já estava nessa de ser atriz há mais de uma década, e isso estava começando a cansar. George simpatizava com ela. "Ah, que se fodam todos. Aposto que você é a melhor seguradora de bandeja que existe. Escuta, bora fazer Mauro hoje? Afinal é sexta, sexta, *gotta get down on friday* e tal."

Ela ri da referência. "É, parece ótimo. Que horas você quer se encontrar?"

Nina pergunta. "Umas 8, passo na Portelinha e aí a gente pega o Uber. A pergunta é: “Dentro ou fora?"

Ela hesita. Usar drogas dentro de casa estava ficando chato, queria ar fresco.

"Vamos ao ar livre desta vez. Tô meio claustrofóbica essa semana."

"Fechado. Mas e aí, é aquela audição? Você conseguiu um horário?" Ela acende outro cigarro, mordendo o filtro enquanto responde ao amigo.

"Ia perguntar agora pro diretor no meu intervalo e aí

você ligou. Vou te mostrar o poema que vou ler hoje." Ela informa. Seu amigo era esperto, então entendeu a dica. "Ah, desculpa baby. Vou deixar você aí então. Te vejo às 8h."

"Fechado. Miau." ela diz, encerrando a ligação.

George era uma boa adição ao seu portfólio de amizades, ela pensou.

Na primeira noite em que se conheceram, ela foi um pouco preconceituosa, mas ele demonstrou uma mente especial desde o começo. Isso foi há cerca de dois anos e ela ainda morava com Malu, que os apresentou. A primeira conversa real deles foi muito elucidativa e ela gostou do garoto durante a "Entrevista". Uma técnica que ensinou a ele sobre como conhecer uma pessoa e descobrir do que ela é feita usando perguntas sutis. Bom, nem tão sutis assim se você for esperto, mas né, ser esperto não é o forte das pessoas hoje em dia.

Ela lembra que Malu chegou na Portelinha com o garoto aparentemente tímido, mais gordinho do que é hoje. Ele entrou na casa com um "Com licença." Nina gostava de gente educada. A educação dos jovens é negligenciada hoje em dia. Era legal não ser educado. Imbecis.

Aquela noite ela estava especialmente entediada, então a visita acabou sendo uma boa coisa. Veja, Nina era mais que extremamente inteligente, o que tornava às vezes difícil para ela se contentar interagindo com os outros. Ela era o tipo de pessoa com uma mente condescendente para qualquer coisa que alguém falasse, porque sempre estava um nível acima de quem estava conversando com ela. Por isso, ela decifrou o código de interagir com os outros e era muito boa nisso. Não era humilde sobre isso, e parte disso acabou passando para George depois. Aprendeu com os anos que precisava enfatizar suas qualidades para si mesma, sabendo muito bem quais eram seus defeitos. Então sim, condescendente e sem remorso.

Sua casa, chamada de Portelinha pelos íntimos, era uma espécie de hostel para artistas. Ficava em um dos melhores bairros de São Paulo, Jardins, e a garota carregava uma reputação de "menina rica". Apesar de isso estar longe da verdade. Trabalhou duro para estar ali, e não pedia desculpas por isso. Como ganhava seu dinheiro era problema dela, e só dela.

Voltando à noite em que conheceu George. Eles passaram pelos rituais introdutórios de praxe e a primeira coisa que ele disse acendeu uma luz no coração de Nina.

"Posso bolar um baseado?" Ele perguntou, meio intimidado, ou pelo menos ela achou. Era tímido mas ao mesmo tempo falante. Era estranho. "Por favor, faz isso. Maconheiros do caralho, vêm na minha casa perguntar se podem bolar um. Pff." ela brincou, e ele riu.

Se ele fosse mesmo maconheiro ela ainda ia descobrir. Há aqueles que estão começando nesse negócio de maconha, então quando fumam ficam com a mente travada tipo aquele personagem surfista do Sean Penn. Os que já estão acostumados conseguem usar isso para beneficiar o discurso, ampliar os padrões de discussão. George era um desses.

A sala era grande. Havia uma mesa de madeira, uma rede azul ao lado do sofá e o móvel de TV na frente. Tinha o suporte, mas não a TV. Artistas.

George era apaixonado por redes. Levou cinco minutos antes de perguntar se podia sentar ali. Nina mais uma vez apreciou sua educação. Estavam bem chapados e Nina decidiu que era hora de começar a Entrevista.

"Então, jovem, o que você faz?" Ela perguntou.

"Sou professor. De inglês." Ele disse. Ela sacou.

"Não, baby. Quero dizer o que você faz? De verdade." Foi uma aposta, mas Nina tinha um faro para isso, isto é, reconhecer almas problemáticas como a dela.

"Bom... eu, ahm, acho que gosto de escrever filmes, estudei cinema..." Ele disse, como se não tivesse certeza do que estava falando.

"Então, baby, levanta as mãos e diga 'Eu sou um porra dum roteirista!'" Ela disse, batendo as mãos no peito. Ele riu, gostando da atitude da garota. "É, você tem razão. É só que eu ainda não ganho dinheiro com isso, então às vezes fico inseguro em dizer..."

"Dinheiro não tem nada a ver com isso. O ostracismo tá cheio de gênios. Encontre o equilíbrio." Ela disse, piscando pra ele. Ele assentiu com firmeza.

"Isso aí, mano. Não quero ser vanguarda, para ser honesto, preferia ser comercial." Ela sabia exatamente o que dizer. Foi dito a ela quando estava começando. "Você é um artista, baby. Você não escolhe por onde vai. Aceita e vai com o fluxo. Ouça essa velha dramaturga cansada."

Malu só os observava e bebia sua cerveja. Ela tinha aquelas sobrancelhas desenhadas a lápis que faziam parecer que estava sempre brava. Nina pega o baseado e oferece a ela.

"Nem em um milhão de anos." ela diz, revirando os olhos. Nina ri. "Esqueci, desculpa. Mas me diga, jovem... o que é escrever, pra você?"

Ela estava genuinamente curiosa. Notou que ele não era desses jovens obcecados por celular porque não tinha checado o dele desde que chegou. O orgânico era subestimado na geração dele, e ela ficou aliviada por conhecer um que não estava preso em feeds e curtidas. "Ahm, deixa eu pensar... acho que antes de tudo é 'conhece-te a ti mesmo', claro, e aí você vai poder conhecer e comentar os outros, sabe?" George responde, já tendo refletido sobre essa pergunta depois de assistir Matrix pela milésima vez.

"De fato. Sabe, quando eu estudava pra ser atriz aprendi que você tem que passar por uma fase de

desconstrução do ego analisando o que você é, o que é a realidade e o que você está inserido nessa realidade." George adorou esse pensamento.
"Uau, exatamente! É engraçado porque pra escrever e pensar em estrutura de filme você precisa do ego porque precisa de uma voz singular, mas ao mesmo tempo tem que desligar o ego para conseguir fazer isso. Então nesse, sabe, nesse processo criativo você fica preso nesse joguinho de ligar e desligar o ego, o que é bem exaustivo às vezes."

Uma alma afim, era claro pra Nina. Aquele garoto nos seus vinte e poucos falando essas coisas. Material para amizade, ela percebeu ali. Olhou pra ele, cabelo cacheado e pele branca e um pouco gordinho, mas muito bonito. Ele era alguém bonito que não sabia disso, ela percebeu. Sorriu com carinho pra ele.

"É, baby, o artista em geral trabalha o tempo inteiro, em tempo integral, não só no momento em que está escrevendo um roteiro, ou um livro, ou uma música ou estudando uma cena, mas durante todo o intervalo entre essas ações. Você está sempre ligado, sempre plugado."

Ele arregala os olhos como se tivesse uma grande epifania.

"Mano, é isso. Quer dizer, comigo, qualquer interação ou estímulo já vira ideia de cena, ou de diálogo, ou de letra e por aí vai... Aí isso vai se transformando na minha cabeça até virar o produto final. Às vezes tenho que me controlar e dizer pra mim mesmo 'Não, George! Guarda isso só pra você! Ninguém quer saber o que você faz enquanto caga!'", diz ele, e ela cai na risada.

"É difícil mesmo essa empreitada, baby. A gente não escolhe ser artista, a gente simplesmente se torna e se reconhece como tal. Bem-vindo."

Malu balança a cabeça negativamente, rindo da loucura onde a conversa foi parar.

"PARA DE FINGIR QUE SER ARTISTA É DIFÍCIL."

Todos riem, e George a questiona.

"Da onde você tirou essa frase?"

Ela se irrita um pouco.

"Por que, você acha que eu não seria capaz de pensar isso sozinha?", ela pergunta, esperando a resposta dele.

"Talvez sim. Mas na real? Não muito." Ele traga o baseado rindo.

"Vai se foder."

"Vai, conta. De onde veio isso?"

"Tá bom. É de uma música da Amanda Palmer."

"Sabia. *Loser*." diz ele, rindo. Ela também ri e toma mais um gole da cerveja.

Nina sai do devaneio ao terminar o quinto cigarro. Já estava na hora de pedir o horário da audição antes que a pausa acabasse. Graças a Deus teria Mauro hoje. Ficar usando e filosofando sobre existencialismo e arte seria exaustivo se fosse o tempo todo, mas não era. Eles valorizavam os intervalos entre esses rituais. George era muito maduro pra idade, e ela raramente precisava ser condescendente com ele. As referências artísticas dele eram bem diferentes das dela, então os papos eram sempre informativos. Ele era jovem e era curioso pra ela discutir com ele sobre suas influências — em geral, TV americana, teatro musical e livros de fantasia — mas ele não tinha aquele discurso raso que ela

esperaria. Gostava disso. O garoto era realmente uma ótima adição.

—

Passava das oito da noite e nada de George. Ela decidiu ensaiar mais uma vez o poema da segunda audição. Escolhera: "Soneto de Agosto", de Vinicius de Moraes. Era sucinto, cheio de significado e com uma escolha de palavras lindíssima. Ela sabia que ia arrasar.

Fuma uma pontinha e toma um guaraná enquanto espera o amigo. Ainda tinham que ir até o Mauro comprar a coca, mas ela não estava a fim de reclamar disso. Se vai usar, tem que comprar. Essa era uma lição antiga, passada pelos próprios colegas.

O interfone toca. Finalmente. Ela sai do quarto e vai abrir a porta.

"*Hiyaaa*." George exclama, animado. Ele estava esquisito. O cabelo molhado, mas não de banho — de suor.

"Oi, baby. O que foi?" Ele estava quase excitado demais pra falar, então ela sabia que vinha bomba boa.

"Eu acabei de transar com o taxista!" Ele solta, seguido de um "HA!".

"Gee, você tá falando sério?" Ela pergunta, caindo na risada.

"Seríssimo." Ela não conseguia acreditar. O amigo podia ser muitas coisas, mas não era exatamente o ser mais sexual do mundo.

"Mas como? Como é que aconteceu isso?"

Ele se joga na rede azul acendendo um cigarro.

"Ele me pegou e começamos a conversar. Ele era super hétero no visual, e você sabe do meu fetiche com esse tipo. A gente estava no meio do caminho quando começamos a falar de bobeira. Perguntei: 'E aí, faz tempo que você dirige?' e ele respondeu: 'Há uns dez anos já', aí eu falei 'Deve ter visto um monte de gente diferente, né?', E ele: 'ah, você nem imagina os tipos que já vi'. Dei risada, e comecei a planejar meu próximo movimento com cuidado. Você sabe que seu amigo aqui é poeta, né?" Ele traga enquanto os dois riem.

"E aí, o que mais?"

"Então, falei tipo 'deve ter muito doido por aí, né? deve até ter gente que dá em cima de você' – meio que como um elogio. Ele só disse 'ah, rola sim' e aí ficou aquele silêncio. Aí eu fui direto: 'quer que eu chupe teu pau?' e ele respondeu na hora 'quero'. Aí encostou o carro, abriu o zíper e eu fui lá e engoli o pau dele. Foi ótimo."

Nina não sabe nem o que dizer. Aquilo era bizarro até pros padrões de George.

"Você não engoliu, né?" pergunta, preocupada.

"Não, senhora. Mas a história não acaba aí. Eu estava lá, fazendo o que sei fazer, e aí perguntei: 'Quer me comer?' e — minha deusa! — ele disse que sim. Mandou eu pegar a camisinha no porta-luvas, peguei, coloquei e sentei nele como a vagabunda deliciosa que eu sou. Foi maravilhoso. E ele ficou tão agradecido pela minha bunda apertada que me trouxe até a Mauro sem cobrar, então... EU TENHO AS DROGAS!", ele grita pro prédio inteiro ouvir, mas Nina já estava acostumada.

"VIVA!" Ela comemora, aliviada de não ter que lidar com os moleques armados de dez anos do Mauro dessa vez. "E aí, bora sair agora? Para onde vamos?"

"Deixa eu só trocar de roupa e a gente vai. Tem um bar na Paim que já está acostumado com a nossa galera, você vai amar. É tão sujo quanto você." E eles riem, com George ainda descrevendo o pau grande e fino do motorista.

—

Eles não ficaram muito tempo no bar. Nina descreveu bem, mas subestimou o aspecto "sujo". Aquilo parecia um limbo. Quando um grupo de estranhos se junta para cheirar, sempre rola interação bizarra e a única preocupação real é a próxima carreirinha.

Isso atraía os "vampiros" chapados — gente que circula o ambiente tentando conseguir um pouco da droga dos outros sem pagar. Era o dano colateral de cheirar fora de casa, mas George e Nina já estavam acostumados. No canto do bar maltratado, um velho gordo só observava todo mundo sem falar nada. Depois de ver Nina fazendo entrevistas com os cheiradores, o velho estranho pediu pra falar com ela através do garçom que servia as cervejas geladas. Ele era, na verdade, o dono do bar e tinha a própria cocaína. Os vampiros sabiam bem pra não mexer com ele. Nina foi até ele orientada pelo garçom, e o homem disse só uma frase:

"Cuidado com essa aí. Essa é grande. Tem uma pombagira poderosa." E foi isso.

Nina sabia que tinha uma pombagira forte, mas a confirmação a confortou.

George e Nina fizeram amizade com um andarilho enérgico e de black power lindo. A cidade estava cheia deles. Não eram exatamente sem-teto, mas viviam na rua. Conseguiam dinheiro pra própria droga e interagiam com os fantasmas conturbados da cidade — como os dois. Em certo momento da noite, Nina deu uns beijos nele entre uma carreira e outra. Por que não? Ele era interessante, e ela era uma lésbica estranha.

Quando decidiram voltar para Portelinha, pediram o contato do cara, mas ele não tinha. Tentaram marcar um novo encontro, mas ele recusou. Disse que se fosse pra se verem de novo, o destino daria um jeito. Não gostava de marcar nada, disse que não era feito assim. Isso só fez os dois o respeitarem ainda mais. Um andarilho genuíno. Inspirador.

Voltaram de táxi para casa da Nina. Ela sempre escondia uma capsulazinha de cocaína pra fechar a noite, e George sempre ficava todo contente com isso. Estavam na cama dela cheirando quando George teve uma epifania e resolveu dividir.

"Sabe... conhecer aquele cara e tal, só confirmou uma teoria minha. Acho que os sem-teto, os excluídos, os ferrados... são todos tocados pelo divino. Sabe?"

Nina fuma um cigarro, pensativa.
"Você acha mesmo que tem diferença, baby?"

George não entende.
"Que diferença?"

"Disso aqui." E aponta pra cama: uma cápsula de coca, dois cinzeiros, maços de cigarro e garrafas de cerveja vazias.

"Você acha que isso aqui é diferente daquilo? Não é. A única diferença é o teto. A gente é igual."

George pensa e concorda com a cabeça, mergulhado em outras epifanias.
"Falou tudo, man. Falou tudo. Acabou?"

"Acabou. Quer fumar o beck?"

"*Puh-lease*."

Eles fumam. Eram umas cinco da manhã quando bate a larica junto com um tímido raio de sol entrando pela janela ao lado da cama, mas eles estavam preparados. Havia um lugar 24 horas que tinha o melhor hambúrguer de larica.

Estavam meio detonados, como era de se esperar. George mordia o hambúrguer enorme enquanto pensava. Estava triste, Nina notou. Sempre acontecia depois do abuso — e ele soltava umas pérolas que ela sempre anotava mentalmente. Dessa vez não foi diferente.

"Sabe..." começa ele, olhos semiabertos, comendo. " Eu devia estar num conselho escolar. Sabe?"

Ela não sabia, mas esperou.

"Casado com um gringo, ajudando os alunos com projetos de teatro e tal."
Aí estava. Sempre acabava nisso.
"Eu devia estar num maldito conselho, cara, numa diretoria... é tudo mentira, né? Uma besteirada. O mundo e tudo. Somos todos atores. E é tudo mentira. Triste demais."

Suspira, comendo.

"Eu devia estar numa maldita diretoria escolar."

Ela come o próprio hambúrguer enquanto o amigo desabafa sobre a vida ideal. Tão ingênuo. Ele era muito vulnerável com ela, e ela valorizava isso. Tinha trinta e quatro ouvindo um moleque de vinte e poucos totalmente desesperançoso com o amor. Não deveria ser assim, né? Jovens deveriam transbordar amor e esperança, como ela era na idade dele. Tinha outras prioridades, mas já tinha vivido um ou dois grandes amores. E agora tinha outras coisas na cabeça, como "Chegar lá". Amor parecia uma piada doentia. Coitado. Pelo menos o hambúrguer, esse sim, era sempre delicioso.

Ela pensou em Capote.

--

George estava de volta à Good Hope. Quando escrevia, sentia-se completo, sereno. Não dava vontade de fumar, nem de usar drogas, nada. Só queria digitar e digitar. Não sentia falta de Thomas, nem se achava traído pela vida — tudo estava em seu devido lugar. Estava escrevendo um roteiro para televisão. Tinha pesquisado formatos, feito cursos online e assistindo vídeos de roteiristas que idolatrava falando sobre seus processos. Sua faculdade era a internet. E, pensando bem, tudo fazia sentido. Ele havia sido feito pra isso. Existia uma Deusa. Os espíritos eram bondosos com ele — até os ruins. Ele viajava por essa dualidade e sua criatividade estava em seu auge.

George não queria dinheiro. Já tinha. O que queria era o que todo artista quer: deixar algo para trás e ser lido. Construir um legado — eu sei, soa cafona. Dizer algo com significado, dar voz a quem não tem, inspirar pessoas. Era

uma tarefa difícil e ele sabia muito bem que obras de estreia geralmente são negligenciadas. Sabia que havia espaço para melhorar. Como muitos artistas, às vezes odiava o que escrevia. Outras vezes, achava pura genialidade. Essa ambivalência o mantinha alerta. Não há padrão mais alto do que aquele que a gente mesmo impõe.

Ele adorava descobrir seu próprio processo de escrita. Antes, costumava anotar ideias no celular, escrever uma ou outra cena, e só. Naqueles meses, sentava diante do computador todos os dias e simplesmente criava. Uma ideia surgia, era centrifugada e virava outra coisa completamente diferente. Era mágica. Café e cigarros eram tudo de que precisava. Nem maconha fumava mais enquanto escrevia — só depois, pra relaxar, já sabendo que algo dali sairia. Ele simplesmente sabia.

Escreveu o roteiro, depois reescreveu, e de novo. Soava sólido, soava certo. O último feedback da Nina veio cheio de elogios. Ele tinha germinado o bebê e agora era hora de empurrá-lo do ninho para o mundo. Finalmente mandou para Thomas, meio envergonhado por ter o gringo como musa tão óbvia. Thomas adorou, mas não comentou sobre o amor evidente retratado por George. Eles estavam cogitando a possibilidade de George visitá-lo em Jersey, e agora que tinha terminado sua primeira obra, George achou que merecia férias. E, claro, passar um tempo com o amor da sua vida. Embebedá-lo e acariciar sua barriga de novo, quem sabe?

George mandou o roteiro por e-mail para vários lugares. Registrou-o no dia do seu aniversário no Writers Guild of America. Recebeu o certificado e o guardou com orgulho.

Tinha feito algo, cara. Tinha criado. Uma obra de arte era o mais próximo que sentiria de dar à luz.

A maioria das respostas foi negativa, mas um feedback chamou sua atenção. Alguém realmente tinha lido o roteiro inteiro e tinha algo a dizer. Era este o feedback:

"O autor ambienta a história em lugares e ideias realmente intrigantes e cativantes. Remete aos trabalhos e personagens de Bret Easton Ellis, com essa ideia de personagens entediados e apáticos. Há muito potencial nesses personagens que passam as noites tentando agarrar a juventude com total descuido, o que pode levar a momentos dramáticos incríveis. A estrutura do roteiro em si precisa de ajustes. Está um pouco espalhada demais e precisa manter o foco em alguns personagens. O personagem Gael tem muito potencial, especialmente por conta de sua arrogância, que o torna odiável, mas ele também tem um charme diabólico que o torna cativante. O autor precisa maneirar nas digressões longas dos personagens para dar mais espaço para a história respirar. Falta alguma substância no enredo porque, claro, o foco é esse tédio profundo dos personagens e como tentam preenchê-lo com álcool e cocaína, mas é necessário dar um indício de transformação. Como esses personagens vão evoluir? Onde está a esperança? Há muito espaço para crescimento, especialmente por ser ambientado nesses lugares sombrios e decadentes que podem fornecer muito material ao autor. Resolver essas questões tornará o roteiro uma obra muito mais completa."

Ele mostrou esse feedback ao Thomas, que discordou. Disse que o tema era justamente o tédio, então como reclamar de "nada" acontecer? Esse era o enredo — sim, pensou em *Seinfeld*. Mas George sabia que o cara tinha razão. A história precisava de algo mais, mas George estava criativamente esgotado. E, afinal, era seu primeiro roteiro. O crítico até o comparou a Bret Easton Ellis, de quem George nunca tinha ouvido falar. Comprou o livro do autor para estudar.

Decidiu comprar a passagem pros EUA. Precisava de dinheiro. Dinheiro grande. Então resolveu vender seu videogame e sua TV. Poderia conseguir o dinheiro facilmente, mas tinha orgulho demais pra isso. Já aceitar que pagassem seu condomínio era ajuda suficiente. A mãe deu um dinheiro e ele sabia que vinha, indiretamente, do avô — engoliu o orgulho dessa vez. Não quis incomodar o pai com isso, mesmo ele tendo algum dinheiro, por ser um homem extremamente frugal.

Passagem comprada, data marcada — *hello, Broadway*!

--

O Delegado

O Delegado Júlio ainda estava no hospital se recuperando de seu acidente e delegou as investigações para seu assistente, o Sargento Humberto Diaz, que o informa que há agora uma gravação do ladrão roubando uma loja de conveniência do posto. Ainda não foi possível identificá-lo pois o mesmo cobriu o rosto com uma meia, mas estão trabalhando nisso. O Delegado não comenta sobre a figura que viu antes de bater o carro mas anda tendo pesadelos com aquilo. Que porra era aquela? Ele estava enlouquecendo. Quase fiquei agradecido por estar no hospital e não ter que lidar com tudo aquilo, mas sabia que sem ele essa investigação não ia dar em lugar algum. Uma das enfermeiras entra no quarto para trocar a medicação e o Delegado aproveita para dispensar Diaz. Ele não gostava do subjugado, mas não estava em posição de escolher muito. A cidade não era exatamente uma fábrica de homens da lei, e os homens eram enviados normalmente pelo governo. Diaz foi transferido da cidade-satélite, concursado para a vaga. Ele era jovem demais para entender os riscos da profissão, e com quem poderia se relacionar. O Delegado sabia bem com quem ele se relacionava, mesmo o sargento achando que não. Ali, deitado na cama do hospital, ele começou a refletir sobre a vida. Era um daqueles momentos existenciais que acomete os doentes. E se tivesse morrido? Ele não era casado, não tinha filhos. O mais foda era que ele nem lembrava da última vez que esteve com uma mulher. Ele era mais solitário do que pensava, e suas visitas se resumiam no sargento Diaz e alguns dias Antonieta, que estava mais preocupada com o cantor do que com seu bem-estar.

Ele sempre achara que era o bastante dividir a vida com seus cachorros e seu serviço, mas aquela noção estava

sendo destruída pela iminência da morte. A última vez que beijou na boca foi há dois meses atrás, e com uma prostituta. Não feria seu orgulho pagar por sexo ou afeto. Ele preferia, nas condições atuais. Era muito difícil - e chato - conhecer alguém novo e se aventurar no jogo de interações amorosas. Um relacionamento nos dias de hoje não durava nem um mês. Era sempre a mesma coisa, conhecia alguém, tinha uma fase de euforia e semanas depois o desinteresse alheio dominava, nem mensagens respondiam mais; era como se a história não tivesse existido. Ele chamava isso de "fast-relacionamentos". É o equivalente amoroso para o fast-food. Putas eram fáceis de se relacionar. Chegar, foder, conversar. Era limpo aquele negócio. Todos os participantes sabiam qual era o seu papel, e qualquer demonstração de afeto é reduzida à comercialização de carinho. Fazia bem mais sentido do que se entregar a alguém para logo ser ignorado. Ele não tinha essa paciência, aliás, quem tinha? Paciência é para os jovens. Mas quase morrer fez o Delegado questionar seus conceitos. Ele faz uma lista na cabeça de mulheres que conhece e a possibilidade de um envolvimento. A logística não dava certo com nenhuma, e o número de mulheres solteiras na cidade em sua faixa etária era limitado. Poderia, é claro, se envolver com mulheres mais jovens, mas se estava difícil com mulheres de sua idade imagina com essa garotada conectada no frenesi social da lei da oferta e demanda. Ele não ia durar nem uma semana, e outra, não sentia tanta atração assim pela juventude. Muitos homens se perdem nos encantos das mais jovens, mas são todos idiotas. Acham que o mais jovem é sinal de status. Idiotas. Namoram com meninas que poderiam ser suas filhas, enteadas, etc, e por quê? Estética? Claro que não. Quem vive por um tempo começa a perceber a mudança no gosto sexual.

Celulite, estria, pelanca, gordura e todos os traços

considerados ruins pelas revistas e indústria de beleza se tornam um fetiche, um fetiche que a maioria dos homens acham que não podem revelar. Os mais certos de si batem no peito e dizem: "Me dê pelancas! Me dê estrias e gordura e cicatrizes!" e são os mais felizes. O Delegado era um deles. Aquela coisa lisa e homogênea não era nada atraente. Comer uma bunda grande e gorda era bem melhor do que àquelas macias e lisinhas mas ossudas. Sentir o cheiro de corpo suado era melhor do que sentir cheiro de creme de chocolate. Se eu quiser chocolate eu como uma porra de um chocolate, agora se quero comer uma mulher que ela venha com seu cheiro orgânico e delicioso. Lembrou-se de Joana, sua namoradinha do colégio. Foi com ela que ele começou a apreciar mulheres de verdade. Ela era bem acima do peso, mas sua autoestima era estrondosa. Que mulher. Ela o ensinou tudo sobre transar, se relacionar, viver. Foi com ela que percebeu que não tinha muita noção do mundo real, e esse contraste foi importante para moldar seu caráter. Ao avaliar as mulheres de sua vida, ele percebeu que teve a sorte de ser criado por matronas fortes e independentes. Ele via pelos seus colegas – machistas e misóginos que culpavam tudo de errado à suas mamães. Porra de Freud. Cara sem noção mesmo. Deu carta branca pros “ macho-machucados”. Ha! Essa era uma expressão que sua mãe tinha para descrever homens. Ela tinha o exemplo de seu pai, um caminhoneiro cachaceiro que tinha uma mulher em cada cidade que parava. Aquele lá achava que sua missão era "espalhar a semente" por aí. Macho-machucado de primeira.

Abandonou-os quando ele tinha apenas 10 anos e nunca mais voltou. Sua mãe nunca mais namorou na vida, mas sempre foi feliz. Ela sim era um exemplo de mulher. É claro que projetar a imagem da mãe em relacionamentos é coisa de amador, mas isso acontece com mais frequência do que gostaria de admitir. Joana não era parecida com sua

mãe em nada, mas dividia a característica dela em ser forte e dona de seu destino. Após terminarem o colégio, Joana se mudou para São Paulo para fazer faculdade e nunca mais voltou. Provavelmente estava casada ou viajando pelo mundo como queria. Às vezes o Delegado pensava em tentar localizá-la nas redes sociais, mas nunca o fez. Ele não queria manchar as lembranças boas que tinha sobre Joana, pois lembranças boas com o passar do tempo são cada vez mais raras. Sujar o passado em nome do futuro era perigoso. Talvez ela estivesse casada com um bando de filhos e vivendo uma vidinha normal. Preferia achar que ela estava viajando e desbravando o mundo - essa era a Joana que conhecia. Mas ali, no hospital, tentar contato com ela era cada vez mais palpável. E se? Foda-se. A estátua, o ladrão, o cantor. Foda-se tudo. Ele ia sair dali e iria procurar Joana.

Marília e o Sargento

Tudo começou com flertes inofensivos. Uma olhada aqui na igreja, outra olhada ali em um evento beneficente. O Sargento Diaz estava encantado com Marília. Não demorou muito para eles se atracarem pelos cantos da cidade, a mulher compensando o afeto carnal que não tinha em casa e o sargento realmente se apaixonando pela mulher do prefeito. Ele sabia que estava fodido por isso. O cara sempre se apaixonava pela pessoa errada, e agora não era diferente. Marília sempre foi muito precavida. Para ver o amante ela fazia planos e saía em horas estranhas de casa. Todo cuidado é pouco. Isso não era por causa de Arnaldo, que sabia que a mulher era livre pra fazer o que quiser, assim como ela sabia disso. O fato é que sua credibilidade não poderia ser afetada por um mero casinho. Ela não correspondia ao sentimento do Sargento, usando-o como brinquedo sexual. Marília faz uma surpresa ao Sargento Diaz. No quarto de motel ela coloca sua melhor lingerie e seduz o homem. Quando ele ensaia colocar uma camisinha ela diz que não precisa porque ela estava tomando a pílula. É uma mentira que dá certo. A mulher finalmente fica grávida, agora ninguém irá duvidar de sua relação com Arnaldo. O marido dela andava estranho ultimamente, desde uma noite em que voltara do outro lado. Ela sabia que ele gostava de ir até lá para se divertir. O lugar nunca apeteceu a Marília, mas que o marido estava estranho, ah, estava. Ela estava tentando convencê-lo a concorrer à vaga de deputado federal, mas o marido não parecia no humor de discutir tais coisas. Após muita insistência, ela arranca a informação misteriosa do marido: “Ele havia encontrado Giulia do outro lado. Menina maldita. Nem desaparecer direito sabia. Cuidaria disso.

Marília sabia das ambições de Sargento Diaz. O rapaz queria ser Delegado e estava tentando alavancar sua

credibilidade com o Julio no hospital. Essa pista sobre a menina Giulia seria talvez a pista suficiente para realizar o sonho do Sargento. Marília manda então o Sargento e outro capanga para investigar a menina. Eles descobrem que ela está andando com Frederico, o rapaz que tinha dado uma surra porque ele, além de ter criticado Arnaldo sobre a votação do projeto de divisão dos municípios, meteu o nariz nos negócios secretos de seu grupo. Eles avistam o garoto gravando seus vídeos, o que mostra que ele não tinha aprendido a lição. O corretivo teria que ser mais duro para que o garoto entendesse. Marília, após receber essa informação, é bem clara: O garoto tem que sumir e quem estivesse com ele ia junto. Sargento Diaz, junto com Hugo e César, vai para o Outro Lado novamente na caça ao ruivo. Eles sabiam que estava hospedado na irmã de Arnaldo, mas não poderiam ir até lá. Esmeralda era intocável, e eles não queriam entrar na lista negra da chefe. Eles armam uma tocaia no local de extração e esperam. Uma hora ou outra aquele imbecil ia voltar pra levar outra surra. Dessa vez eles não poupariam esforços. A ordem é clara, e eles devem neutralizar a ameaça. Ele provavelmente iria querer fotografar ou gravar o que estava acontecendo ali mais de perto e era a missão dos homens impedir isso. O problema era: e se Esmeralda viesse junto ao repórter? Bom, o dano colateral era normal em guerras. A ordem deve ser seguida e ninguém sairia dali com a chance de espalhar aos outros o que estava acontecendo, afinal as porcentagens estavam divididas e os interesses claros. Diaz podia ser um mero capanga, mas até ele e os companheiros de luta iriam receber uma fatia. Diaz estava acostumado a ter sangue nas mãos. Já tinha apagado três na vida, na época que era contratado na cidade grande. Ele gostava da sensação de tirar uma vida, e sua consciência era limpíssima em relação a isso. Ele não era psicopata, mas uma morte é só o atraso do que virá a todos. Quem joga o

jogo tem que estar disposto a ir embora, todos sabiam do risco. É claro que o garoto não tinha intenção de entrar no jogo, mas o problema era dele. Não aprendeu da primeira vez, com certeza aprenderá da segunda e última. Diaz estava ansioso.

Eles esperam alguns dias e nada dele retornar à cena do espancamento. Diaz queria sangue. A endorfina que era liberada em seu cérebro quando desconta sua ira em um terceiro era imensa. Ele sentia até um arrepio no corpo inteiro. Ele nasceu para aquilo. Ser policial em Santa Fé não dava muita oportunidade para ele ser ele mesmo. Marília foi quem o salvou. Trabalhar e comer a mulher o deixava nas nuvens. Quando não se sujava de sangue, se sujava de gozo. A vida estava feita. Ele era o cara que fodia a mulher do prefeito. Isso é poder. O poder de seu pau grande e seus músculos definidos. Espancar o repórter foi coisa de iniciante, pouco de sua fúria foi liberada ali. Se ele liberasse tudo só iria sobrar a carcaça desmantelada da vítima, como um cachorro morto à pauladas. Ele não sabia se preferia sangue ou gozar. Como seria combinar os dois? Matar e gozar. Nada daquele lance de necrofilia. Num dia ideal ele teria os dois, um atrás do outro. Mas o mundo não é ideal. Ele queria brincar. Mal podia esperar. Cadê aquele ruivo escroto?

As Irmãs e João

Helga e Aparecida gozam juntas. Exaustas, se deitam na cama. Helga tateia o criado-mudo do quarto escuro e pega dois cigarros e coloca os dois na boca. Ela acende, dá um pra Aparecida e traga.

"Caramba. Isso merece ir pros autos." Elas dão risada.
"Não sei o que é melhor: Essa transa ou esse cigarro?"

"Que horas são?" pergunta Aparecida.

"Hora de ficar quieta e não se preocupar com trabalho."

"É sério, hoje tem uma festa especial no bar. O Sílvio vai fazer Bowie. Não posso perder. Por quê você não vem?"

"Você sabe o porquê, Nayara." Helga diz. Aparecida bufa. Esse comportamento vindo de uma mulher tão experiente e vivida não fazia muito sentido. Ela era a única que Aparecida deixava chamar de Nayara, apesar de não gostar de "Aparecida". Na escola o nome dava vazão à brincadeiras idiotas do tipo "Nossa Aparecida, você é muito aparecida". Fora as piadas católicas. Deusa do céu. Por quê na escola as pessoas são tão imbecis? O pior é saber que o tempo passa e a piora é significante. O silêncio toma conta do quarto e é quebrado por Helga, que suspira antes de falar. "Ah, *l'ennui*."

"Orra, você acabou de ter a transa da sua vida e reclama de tédio?" Aparecida brinca.

"Aha! Você não tem noção o que é ser eu. Minha cabeça é maldita. Desculpa."

"Não precisa pedir desculpas. Eu entendo. Você sabe que entendo."

Helga acena com a cabeça e Aparecida lhe lança um beijo gostoso.

"'Ah, *l'ennui*... é brincadeira viu. Tô aqui exausta e você me solta uma dessas." As duas dão risada e se abraçam.

–

Dona Antonieta estava em maus lençóis. Seu grupo da igreja começou a ignorar as opiniões da mulher e a considerá-la louca desde toda aquela história com o cantor Carlos.

Sem amigos e com a reputação manchada ela decide tacar o foda-se. Ela começa a frequentar cada vez mais O Outro Lado, mas não por motivos de investigação. Ela começou a ter prazer em ir ao bar de Esther e ver o homem-mulher se apresentar. Caramba, o cara era bom! Ela tomava até alguns drinks e conversava com pessoas dali. Ela faz amizade com Sílvio decidindo participar do fingimento dele, ela sabia que era a mesma pessoa que Carlos, mas sua investigação não deu em nada. Para completar, o Delegado que havia decidido ajudá-la tinha sofrido um acidente na noite em que ela pensou que aquela história se esclareceria. Ela decidiu conviver com toda aquela situação. Ela interage com Carlos de dia e com Sílvio à noite, fazendo amizade com o cantor.

Dona Antonieta estava se sentindo só. O acalento das noites no outro lado era o que a fazia levantar da cama. Ela ia, cantava, dançava com os integrantes estranhos daquele lugar. O cantor está usando uma peruca vermelha com maquiagem azul nos olhos cantando uma música em inglês.

É nessa noite especialmente animada que ela tem

uma visão estranha. Estava bebendo seu gim e ensaiava alguns passos de dança na pista do bar de Sílvio. Uma das dançarinas do lugar tira a máscara e Dona Maria quase desmaia, pois é como se ela estivesse olhando no espelho de setenta anos atrás. Como isso era possível? Estaria bêbada e alucinando? Ela derruba seu drink quando chega mais perto da garota. Ela se aproxima da garota com uma agilidade nunca vista numa senhora, pega em seu braço e fala tão seriamente que a garota decide nem reclamar da força que ela usou para chamar a sua atenção

"Quem. É. Você?"

"E-e-eu. Aparecida. Por quê? Você tá bem?"

Parece que Antonieta está com dificuldades de falar. Assim, de perto, era mais assustador ainda. Ela teve flashes do passado de coisas que preferia esquecer.

"De onde você veio?"

"Moça. O que aconteceu? Eu vim daqui. Nasci aqui. Sou uma dançarina do bar, sempre nos vemos aqui. Senta um pouco, acho que você bebeu demais."

Dona Maria não sabia o que pensar. Era impossível ela ser da família da velha, pois ela não tinha descendentes. A sobrinha que tinha não era parente de sangue. Não poderia ser uma prima distante. Que confusão. Primeiro o cantor Carlos, e agora isso. O que estava acontecendo? Antonieta, então, desmaia.

–

Esmeralda sabe o que fazer e aonde ir. Só o "como" ela não sabia. Ela encontra o humanoide embaixo de uma macieira, um pouco depois da fronteira do Lado Bom. Ele está comendo uma fruta após a outra, com muita fome. Está pelado e manchado de preto. Do seu lado há dezenas de maçãs comidas. Ela o chama com cuidado e após hesitar o humanoide a segue para casa, parecendo uma criancinha obediente. A quebra da estátua foi como um trauma pra ele, que só consegue balbuciar algumas palavras aparentemente desconexas. "Um, dois. Um, dois" é o que ele fica repetindo. Ela vai pra casa onde Giulia e Frederico ainda dormem e entra no quartinho secreto com o homem, que ela apelida de João para evitar arruinar os planos com os tolos que a rodeavam. Lá dentro, ela vai até um dos potes e retira um pouco de pólvora do objeto. Ela posiciona João entre as mesas, desenha um símbolo atrás dele e coloca fogo na pólvora. As chamas sobem e lambem a parte de trás de João, que possuía duas cicatrizes verticais nas costas. "Um, dois. Um, dois". Aparentemente não dá certo. Ela não pode deixar a criatura em casa sem levantar suspeitas de Giulia e o repórter. Decide então escondê-lo em outro lugar.

–

Margarida está recheando um bolo e recebe a visita inusitada. Ela está acompanhada de um garoto de olhar estranho e roupas maiores do que ele. O garoto é estranho e fica balbuciando palavras estranhas. “Um, dois”, toda hora. Quem era aquela criatura curiosa e por que Esmeralda a trouxe pedindo abrigo? Esmeralda o chama de João.

"Você se meteu com aquelas fuxiqueiras, né? Não aprendeu a lição?"

Margarida fica brava com a prima. A primeira vez que ela se meteu com essas coisas não deu muito certo pra

ninguém e elas pagavam o preço até hoje. "Não tem nada a ver com elas, fique tranquila. Eu preciso de ajuda e não de perguntas". Margarida dá uma bufada. "Entra logo."

Margarida estava acostumada com os pedidos de Esmeralda, então aceita tranquilamente abrigar aquele garoto por alguns dias em sua casa. Ela confiava em Esmeralda, mesmo ela não contando de onde ele veio e o porquê do pedido de abrigar ele. Esse era o tamanho da confiança que as duas tinham entre si.

Mas o mais estranho era o carinho que sua prima parecia ter com o estranho. Margarida, que adorava uma novela, já imaginou um filho perdido no mundo que retornava ao ninho. Mas não, a prima não tinha cara de ter tido um filho por aí, estranha que seja. E outra, era uma puta bolachona. Pelo que sabia, é claro.

O seu outro pedido já era mais complicado de realizar, pois a amiga não sabia inteiramente do próprio envolvimento de Margarida no caso. Sabia que ela estava envolvida, porque não havia negócio na região em que Maga não estava envolvida, mas não sabia de tudo.

"Eu preciso de uns capangas para fazer a segurança de um repórter que estou abrigando. É um moçoila, mas tem boas intenções. Ele levou uma surra porque descobriu o terreno de extração."

"Um, dois. Um, dois, um dois, um dois."

"Eu já tinha te dito para ficar fora disso, mas não, a teimosia é sempre maior com você. É conflito de interesses, você entende isso né? Eu tenho um negócio, não um hobby. Esse moleque não vai calar a boca?"

"Por favor. Ele faz parte do plano, confia em mim. Marília já perdeu essa batalha e você sabe disso, quaisquer que sejam os sentimentos que você tenha por ela."

"Isso não é questão de sentimento, não me subestime. Nós crescemos juntas e respeitamos o amor que temos, mas família é família e negócios à parte. O que você sugere que eu faça? Mande o mesmo capanga que espancou o garoto para cuidar dele? Isso levantaria suspeitas que não quero levantar." Ela admite.

"UM, DOIS, UM DOIS."

João examina uma das panelas de Margarida e tem o semblante admirado, como se nunca tivesse visto uma panela na vida.

"Tudo bem. Vamos ficar em lados separados nessa, então. Quando o bicho comer, você vai ter que decidir o que quer e de que lado está. Marília só faz merda e se acha a última bolacha do pacote, ambiciosa feito a mãe. Você lembra no que deu, não lembra?"

"Como se fosse ontem, e nunca esqueci minha parcela de culpa. Eu tenho uma dívida com a menina, e uma responsabilidade. Se eu não cuidar dela, quem vai? Eu a deixo no escuro para não atrapalhar o cenário pelo bem maior, mas até eu tenho minhas limitações. Não sou heroína de ninguém. Se quer proteção, te vira. Chama as fuxiqueiras, elas podem te proteger de uma maneira que eu nem sonharia."

"Está certo, vamos parar de discutir. Quando se trata de Marília eu sempre perco. Uma hora você vai perceber que suas prioridades estão erradas. Família, família. Negócios à parte."

"Que bom que reconhece. Você amadureceu, parece."

"Não seja condescendente, não é do seu feitio. O garoto precisa de um banho."

Margarida dá risada.

"Você acha que eu vou dar banho em marmanjo crescido? Você sabe onde é o banheiro. Te vira."

"Me dá uma toalha, então. Ou é pedir muito?"

"Que isso, Esmeralda, a defensiva não é cabível a alguém de seu porte. Se respeite e perca essa atitude de adolescente magoada."

Esmeralda não se contém e dá risada.

"RÁ! Pelo que me lembre a adolescente magoada era você, néra não?"

Margarida sai da cozinha e retorna logo após com uma toalha amarela.

"Chega de passado. Você sabe que odeio recordações. Dá banho nele logo que eu não vou ficar sentindo esse cheiro de sujo enquanto o garoto fica aqui."

Margarida os leva até o banheiro, onde Esmeralda fecha a porta e começa o banho. Muito estranho aquilo. A prima sempre foi excêntrica mas isso era demais. Dar banho em um doente mental? Ela volta para o seu bolo, como se nada estivesse acontecendo. Esmeralda é bem estranha mesmo. Mas como não amar aquela bruxa velha? Ela, diferente da maioria, não era extremamente desinteressante e mundana. Com ela as coisas giravam, o mundo era mais colorido, a trama se intensificava. Todos atores e tudo mentira. Essa noção cansava Margarida, e a prima era uma boa mudança de ares.

—

As três irmãs eram pretas. Helga era a mais retinta, com o cabelo pintado de amarelo. Selma tinha também a pele preta, um pouco mais clara, e tinha cachos pequenos e aglomerados e um *baby-hair* na testa. Zelda, que era parda, tinha o cabelo castanho e o alisava todo mês.

Helga acordou de manhã antes de suas irmãs, como era de praxe. Era o papel dela fazer o café e começar a preparar as tarefas do dia. Ela faz o café e coloca um pouco em um copinho de pinga. Ela ensaia beber café mas um pensamento a interrompe.

"O primeiro gole é sempre do Santo". Ela lembrou.

A voz de seu pai ecoando em sua cabeça. Não importa quantas vezes ela fazia isso, ela sempre esquecia e lembrava-se de seu pai, era automático. Ela coloca o copinho de café ao lado de uma pequena estátua preta no parapeito da janela da cozinha espaçosa. Pega outro copinho, serve o café e toma. Ouve uma bufada de longe e percebe que hoje é um "daqueles dias". Selma acordaria daquele jeito e era o trabalho de Helga evitar mal-entendidos. Selma tinha certeza que era a irmã mais difícil de lidar.

Desde criança ela olhava Selma com um ar de admiração, um exemplo a seguir. Uma fome por conhecimento que a deixou talvez um pouco apática demais para o mundo sóbrio que viviam nas últimas décadas.

Não poder expressar sua energia deixava Selma frustrada, e a irmã entendia, pois possuía a mesma fome só que com intensidade menor. Tomara que Zelda acorde logo e a ajude a lidar com a irmã mais velha. Ela arruma a mesa para o desjejum, colocando o pão feito na véspera no centro e o achocolatado ao lado. Zelda não vivia sem seu achocolatado. Selma não vivia sem seu pão caseiro. Quanto a ela mesma? Ela não vivia sem as irmãs, e essa era a verdade.

Ela não as agradava ou cuidava delas por obrigação e, sim, por amor. Caxias isso mas ela foi feita desse jeito. É engraçado como se tornaram tão diferentes. Helga sempre tentava analisar o passado para entender esse feito da parte de seus pais. Ela lembrava de seus momentos a sós com seu pai que sempre tinha uma história para ler enquanto suas irmãs estavam na rua brincando de taco ou pega-pega. Ela gostava de brincar, mas não tanto quanto as outras. Ela estimava desde cedo esses momentos com seu pai. Foi ele que a ensinou a cozinhar, cuidar da casa e dos outros. Sua mãe era muito ocupada com os negócios do Terreiro e talvez não desse tanta atenção quanto era necessário para as meninas, mas ela não podia reclamar pois mesmo assim ela era muito afetuosa. Claro, os momentos de afeto eram raros, mas eles aconteciam.

Se tinha uma coisa que Helga não suportava eram aqueles que culpam tudo de errado que aconteceu em suas vidas por culpa dos pais. Quer dizer, quer trabalho maior do que criar filhos?

É muita falta de empatia culpar a mamãe ou o papai pelos próprios defeitos de essência. Isso sempre foi muito claro para ela, mesmo na adolescência. Ela nunca teve uma fase rebelde como suas irmãs. Outra bufada de longe e barulho de passos. A esperança de Zelda acordar antes da outra era mínima, e agora essa esperança era zero. A caçula era irritantemente efusiva e alegre, o que causava certo mal-estar entre todas, mas essa característica ajudava a amenizar o humor de Selma em dias como esse. ‘Que a Deusa nos ajude’, Helga murmurou pra si mesma no mesmo momento que Selma e seu cabelo negro entraram na cozinha. "Bom dia!" Helga disse com um sorriso apontando pro pão.

"Com linhaça, do jeito que você gosta." Selma senta-se à mesa e pega um pedaço do pão.

"Aqui vamos nós. Pff. É cômico até." São as primeiras palavras dela, a cabeça balançando negativamente.

A curiosidade de Helga leva a melhor e ela decide fazer a pergunta para a irmã.

"Sonhou hoje?" Ela questiona com antecipação. "Hum. Hoje tem visita." foi a resposta da irmã. "Opa. Vou fazer aquele bolo de chocolate com recheio de leite em pó." "Eba!" Uma voz grita na porta da cozinha.

"Zelda, querida. Toma seu chocolate".

Zelda senta-se à mesa e pega o achocolatado, seus cabelos castanhos balançando. Ela não só era a mais nova, mas parecia ser a mais nova. Sem rugas e bigode chinês como as irmãs. Ela era a cara da mãe.

"Ela já te falou que hoje tem visita? Eu amo visitas!" Ela diz. Os lábios manchados de leite.

"Dessa você não vai gostar nada." Selma diz, provocante.

"Querida irmã, *don't rain on my parade*, por favor."

"Não começa, hoje tô sem paciência pras suas referências artísticas. Ninguém se importa. Você não aprendeu isso ainda?"

"Eu falo do jeito que quiser. Não falo pros outros, falo por mim. Depois de todos esses anos você ainda duvida de mim. Problema é seu."

"Chega, chega." Helga intervém. O que menos precisavam hoje era de briga por pequenices.

"Nada de dizer quem é a visita?" Ela pergunta. Veja, ela tinha perdido a habilidade de sonhar há anos. Não há nada pior do que uma vida sem poder sonhar,

principalmente para Helga. Ela gostava de sonhar quando tinha a habilidade.

"Não." Selma responde com rispidez.

"Grossa." Zelda responde.

Ela toma seu achocolatado e ensaia pegar um pedaço de pão quando Selma a olha quase que furiosamente.

"Você vai comer o pão inteiro? Quando você vai perder esse egoísmo patológico? Perséfone me ajude, viu."

"Cala essa boca." Selma diz prontamente às palavras da irmã mais nova.

"Patológico. Usando palavras grandes. Leu um livro ontem, é?"

Zelda dá com os ombros e sorri.

"O Tonho me ensinou".

"Você e seu duende de estimação. Que imagem terrível."

"Pelo menos eu tenho alguém que me faz sorrir. E gozar."

"Zelda! Isso é papo pro café da manhã?" Helga pergunta mas não consegue segurar o riso.

Selma não gostara nada do lembrete vil de suas andanças. Só amou uma vez na vida. E era um assunto terrível para as três irmãs.

"É papo pra qualquer hora, querida Helga. Você sabe muito bem do que estou falando, você e suas escapadas na madrugada pra eu sei bem pra onde."

"Ha! Você não sabe de nada, irmãzinha. *You know what they say when you assume*." Ela diz, sorrindo ao pensar no que elas diriam se soubessem 1/3 do que se passa na cama dela com Nayara.

"Quantas vezes vocês vão macular nossa casa com esse idioma simplista e burro?" Selma ataca.

Helga estava cansada dessa briga entre as irmãs. O único momento que conseguia relaxar era quando fazia suas esculturas de argila em seu quarto, sozinha. Ou, claro, com Aparecida.

A briga continua.

"Que isso, irmã, até seu preconceito é entediante. Parabéns, você virou um deles, resmungando no próprio asilo karmático."

“O karma não é só meu. Os pedidos de oferenda e feitios estão diminuindo cada vez mais. Logo não vai ter dinheiro pro seu achocolatado, irmãzinha.” Selma diz.

Antes que Zelda pudesse responder uma batida na porta alerta todas.

"Ahh, nem deu tempo de fazer o bolo. Quem visita alguém numa hora dessas?" Helga se levanta para receber a visita.

Ela passa pela sala de decoração minimalista e abre a porta. A mulher de cabelos armados dá um sorriso pra ela. Helga não podia acreditar em sua sorte. Logo ela.

"Helga, bom dia." Esmeralda diz. Ela faz menção de entrar na casa, mas Helga segura a porta.

"O que você quer?". Esmeralda já esperava esse tratamento, mas o assunto era urgente demais para enrolar.

"Ele voltou."

Helga não sabe o que dizer.

Ela abre a porta e sai da frente da mulher, que entra e a porta é fechada com uma batida mais violenta do que era de se esperar.

Yellowcard

George estava em Nova York. Ele tinha tomado cerca de três Xanax durante o voo e conseguiu tirar um cochilo. Thomas o buscou no aeroporto com um beijo nas bochechas. Ele estava realmente muito feliz em ver o garoto, deixando o trabalho de lado.

Eles foram para a casa do Tom e sua mãe, Julia, havia preparado uma mesa de café da manhã para eles. Ela era adorável e George, ao cumprimentá-la, cantarolou “Julia”, dos Beatles. Ela gostou do garoto e não fazia ideia da responsabilidade de Tom em relação a ele.

George se deu muito bem com a família do Tom. Conversaram sobre família, política e viagens. A tia de Tom, Rosé, os visitou e também se entendeu com o garoto. Começaram a falar sobre séries de TV e Rose mencionou “Grey 's Anatomy”.

“Eu amo essa série demais. Drama exagerado no melhor estilo. Até onde você assistiu?” George perguntou para a tia. Tom estava sorrindo e George não sabia o motivo. Parecia impressionado, na verdade. “Eu assisti até a temporada em que Arizona e Callie terminaram.” ela disse.

“Cara, eu me pergunto por que diabos fizeram isso. Eles eram meu casal favorito. Talvez a atriz quisesse sair, né?”

“Pode ser, mas eu gostei do jeito que fizeram.” disse Rose. O irmão de Tom, John, também morava na casa. Pelo que George entendeu, eles moravam lá com a namorada de John, Laura, e Júlia passava a maior parte do tempo na casa de campo.

“Então, quanto tempo vocês vão ficar aqui?” Julia

perguntou, tirando os pratos da mesa.

"Bem, se o Tom me der um green card, posso ficar para sempre." George brinca e todos riem. "Só essa semana." ele responde.

"E o que você quer fazer?" Laura, namorada do John, pergunta. George pensa. "Eu realmente queria ir a um bar de showtunes, sabe? Eu sempre assisto vídeos online sobre isso, e não tem nenhum no Brasil. Eu fui a alguns quando estudei em L.A., mas Nova York é Nova York."

"Ah, eu conheço um em Nova York, a gente podia ir hoje." Laura diz.

"Só vocês, eu e a Rose somos velhos demais para isso." Julia responde. A cozinha dava para a sala de estar e foi para lá que ela se dirigiu. George se levanta prontamente.

"Por favor, eu vou lavar a louça." ele diz.

"De jeito nenhum, José. Você é nosso convidado." ela diz.

"Tem um ditado no Brasil: 'quem cozinha não lava a louça'."

"Eu não cozinhei nada, exceto os ovos e o bacon. Na primeira vez que você vem, você é visitante. Na segunda vez pode lavar a louça." ela disse sabiamente. "Posso aceitar isso." George respondeu para sua sogra desejada.

George estava fumando um baseado com John. Ele estava mais chapado do que nunca porque estava acostumado com maconha prensada de má qualidade, e essa era a verdade. Era como as *flores* do Juanchi multiplicadas por dez. Ele estava tão chapado que as palavras saíam devagar da sua boca.

"Boa, né?" John pergunta, oferecendo mais do

baseado para George. Ele recusa. Isso foi uma novidade.

"Eu nem sei o que dizer... me sinto enganado pelos deuses."

John ri. "É maconha do Condado de Mendocino. O carteiro é traficante sem saber... mais ou menos." Ele sorri. George suspira. Estava muito chapado para manter uma conversa, mas fez esforço, rindo de nada. "Sabe, você mudou ele." John revela. George não esperava isso. De jeito nenhum. "Como assim?"

"Bem... ele conseguiu um emprego e agora sai da cama. Ele não funcionava de jeito nenhum. Voltou de Buenos Aires se gabando do novo melhor amigo e das coisas que você fez lá para mim, claro. Se ele contasse para nossa mãe ela desmaiaria. Antes eu me preocupava com o autoexílio dele da sociedade, que era horrível para seu bem-estar psicológico. Ele estudou na Europa por uns anos, mas não faço ideia do estilo de vida dele lá ou o que fazia. Mas quando voltou para cá, era como um prisioneiro em solitária. Até Buenos Aires." George inspira e expira. A conversa tinha se tornado séria e importante. O pior momento possível.

Thomas estava tomando banho e se vestindo para ir ao bar de karaokê, aproveitando a oportunidade que John agarrou. "Comprei essa casa para nós. Eu, Laura e Thomas. Está quase tudo pronto. Tem um quarto extra nos fundos que você pode usar quando vier de novo. Não o deixe ir."

"Eu nunca faria isso. Nem se quisesse." George diz, se abrindo demais. Era o momento para isso. "É raro eu ver o 'verdadeiro' ele. Antes de ir para o exterior, ele era só depressivo e bêbado 24/7, era um pesadelo. Tentei convencer minha mãe a expulsá-lo de casa para que ele tivesse que viver de verdade e ela concordou, mas acho que não fez nada

porque tinha medo que ele fizesse algo bobo. Se matar e tal." George apenas ouviu. Ele percebeu que não conhecia Thomas de verdade. A mistura de álcool e drogas faz isso até com os amigos mais próximos. John continua fumando o baseado. "Ele é uma casca dura. Sabe?"

"Sei, com certeza. Eu não entendo ele nem um pouco, cara." George disse. "É, ele tem isso. Apesar de sermos irmãos, não somos tão próximos quanto eu gostaria..." ele diz e continua, "... muito disso é culpa minha, um pouco dele, mas mesmo assim somos meio estranhos."

George ainda ouve e acende um cigarro. "Ele tinha essa atitude de 'desconectado da realidade, não sentir nada' mas era tudo besteira. Ele estava perdido e achava mais fácil se encolher e se esconder do que lidar com a vida."

Isso foi meio doloroso, pensou George, porque ele sentia isso também e não era sobre se esconder. Era sobre sobreviver. Talvez John não tivesse o gene da alma angustiada como George e Tom tinham. Talvez ele fosse privilegiado. "Nada funcionava naquela época. É estranho. Ele passava semanas e semanas literalmente sem fazer nada além de dormir e deitar... era bizarro, mas não tinha muito o que eu pudesse fazer. Marcava consulta com médicos, arrumava emprego para ele – que ele largava –, deixava ele morar comigo, pagava a conta do celular, mas nada. Ele simplesmente decidiu que não queria interagir com ninguém, não atendia ligações nem respondia e-mails, nada, virou fantasma. Até agora."

Quer dizer, George sabia que era importante para Tom, mas não tanto. Era confuso para ele o que o irmão estava contando. E George realmente não entendia porque não tinha todos os fatos. "Teve uma vez que ele estava em videochamada com você e eu apareci, e ele disse que você

gritou ‘mostra o pau’, ha. Gostei de você na hora. E agora, te conhecendo, entendo de onde o Tom vem. Você foi um amigo muito bom para ele, sério.”

George ficou lisonjeado, e não tinha real interesse em ver o pau do John, mas lembrou dessa frase. John era fisicamente diferente do irmão, tinha cabelo loiro e corpo mais firme. Tom era magro e frágil, o que George adorava. Thomas surgiu e a conversa acabou. George estava ainda mais apaixonado por Thomas do que antes.

Um ano depois John morreria de overdose de heroína.

--

Eles estavam no bar de karaokê. Um duo acabara de cantar “Therapy” do Jonathan Larson, do musical “Tick, tick, boom.” George já havia cantado algumas músicas e todo mundo estava bem bêbado. Ele escolhe sua próxima canção do musical “Company”. Poderia ser meio estranho, mas como estavam bêbados tudo bem. Ele começa a cantar: *“Marry me, a little... love me just enough. Cry but not too often, play but not too rough.”* Thomas estava numa mesa com Laura e John, todos sorrindo e assistindo. *“Keep a tender distance so we’ll both be free. That 's the way it ought to be... I’m ready. Marry me a little...”*

Eles estavam bêbados de novo no quarto do Tom. George deveria dormir no colchão ao lado da cama do gringo. Tom estava sentado na cama e George apenas o olhava. “Você lembra da sua promessa?” Tom franziu a testa por um momento. Depois se lembrou. “Lembro. Quer cobrar?” Tom o surpreendeu.

George não disse mais nada e se aproximou devagar do rosto de Tom, seu nariz tocando o dele. Ele beijou as bochechas, o pescoço e finalmente a boca de Tom. Primeiro

deu um beijinho e depois foi subindo. Começaram a se beijar, o pau de George duro como nunca, até doía. Ele também se sentou na cama beijando Tom. Foi para o pau do garoto. Tom o parou. Silêncio total. “É que... estamos muito bêbados. Acho melhor parar.”

George não podia acreditar. Eles tinham chegado tão longe. Ele simplesmente se levantou, pegou o travesseiro e os lençóis do colchão e foi até a porta. Ali, parado, ele disse: “Sabe... você é meu único. E eu sou seu. Você precisa entender isso. Senão estamos ferrados.” e foi para o sofá.

A manhã chegou e Thomas acordou suspirando. Tom tomou um comprimido. Ele estava meio nervoso. Era a sua vez de sentir borboletas no estômago. Foi para a sala e George dormia no sofá de cueca. Tom ensaiava o que diria na cabeça. Foi para a cozinha fazer café. Ouviu George acordando e foi para a sala.

“Oi.” ele disse. George olhou para ele por um momento. “Oi.” Ele não estava bravo, mas estava magoado. Tom começou: “Escuta, ontem à noite...” e foi interrompido imediatamente pelo outro garoto. “Por favor, cara. Não parta meu coração duas vezes no mesmo dia.” Tom não sabia o que dizer. Putz. Mas George fez algo estranho. Meio que sorriu. “É café que eu sinto cheiro?” Ufa. Tom ficou agradecido por não ter tido uma conversa ‘séria’.

Eles estavam todos em um bar de novo. George estava se comportando normalmente com Thomas, com exceção de que não fingia mais flertar. Sem comentários engraçados, sem anedotas sexuais, nada. Em um momento da noite uma loira bonita começou a puxar papo com Tom. George estava do outro lado da sala, também conversando com um cara desgrenhado. Eles falavam sobre “RuPaul’s Drag Race”.

“Eu era fã da Shangela.” George conta para a sua

companhia, olhando para Tom, que conversava com a loira. “Ah, não, eu era fã da Raja.” George provoca. “Tá brincando? Depois de todos os episódios ‘untucked’?”

“Eu não assisto ‘untucked’.” ele diz e George arregala os olhos. “É por isso que você é fã da Raja.” Eles riem e chega a hora porque o cara, chamado Peter, convida George para ir à casa dele. George olha para Tom e cruza o olhar com o gringo.

Eles se encaram por um tempo, mas George pega um Uber com Peter mesmo assim e começam a se beijar intensamente no banco de trás. George estava triste, mas excitado. Ele não iria mais ceder para Tom, já era o bastante. Seu celular apita. “Volta.” Tom escreveu enquanto Peter enfiava as mãos na calça de George, acariciando-o. Jesus.

George volta e vê Tom se beijando com a loira. Era exatamente o que aconteceria se ele voltasse, pensou George.

Thomas está fora do bar fumando um cigarro, nervoso. Ele estragou tudo, tinha certeza. Sem George, sem trabalho, sem propósito. Mas então, um carro para do outro lado da rua. Um segundo e um batimento cardíaco. George desce do carro com xingamentos de Peter e fica na calçada, virando-se para ver Thomas do outro lado da rua. George fica parado.

A noite estava fria e o cabelo de George estava lindo. Seus cachos castanhos claros cobriam a testa, sua jaqueta de couro falso, a mão nos bolsos. Ele tira um cigarro da jaqueta e acende sem desviar o olhar de Thomas. Ele não se mexeria.

Thomas dizia algo com os olhos. Joga fora o cigarro e caminha rápido para o outro lado da rua, ficando em frente

a George. “Tá bom.” ele diz. “Eu vou te dar um green card.” e sorri. Espera pelo veredicto enquanto George solta fumaça na cara dele. George ri. “Foda-se seu green card, cara.” Tom parece desapontado enquanto George fuma mais um pouco. “Vou te falar uma coisa, Thomas Bazynski...” George começa, jogando cigarro fora, “... eu vou te dar um yellowcard. Você vem comigo. Quem é que quer viver aqui, afinal?”

Tom ri. “É, eu concordo.” ele diz.

“Então?” George espera. Thomas não entende. “Me beija, seu idiota bêbado.” E eles se beijam, a mão de George vai da barriga peluda de Tom até seu pau pulsante.

A Redenção

As investigações de Frederico e Giulia se intensificam. Eles bolam um plano de voltar ao local de extração e filmar toda a operação, juntos com Esmeralda e o Delegado que se escondia para flagrar os algozes. Quando lá, são descobertos pelos capangas.

O clima se intensifica ao mesmo tempo em que os algozes e o Delegado sacam suas armas. Diaz tinha deixado claro que toda a situação era infeliz mas Frederico e todos que com ele estivesse deveriam morrer.

Antes de alguém apertar o gatilho todos ouvem um grito agudo. Giulia vê aquela criatura cruzar a clareira e ir em direção aos outros. É apenas um garoto, vestindo roupas enormes. Ele não parecia ameaçador. Tinha a pele dourada, um rosto bonito mas seu traço mais bonito era o cabelo: Era enorme e ia até a cintura, dourado.

Quem era e por quê estava ali? Todos esperam quietos pra ver o que aquele cara ia falar. De repente, Esmeralda aparece e grita. “Corre daqui, Jõao!”

O Delegado então parte pra cima bem na hora em que os homens de Diaz ameaçam atirar nos reféns e uma luz branca muito forte aparece embaixo do tal Jõao. Que merda era aquela? Parecia tudo orquestrado. Tudo acontecendo ao mesmo tempo. Giulia começara a desconfiar de Esmeralda mais ainda. Ela aparece na cena e, ao invés de se preocupar com a própria sobrinha, diz para o tal Jõao correr dali?

A luz parece desintegrar as roupas dele, que vira de lado e Giulia vê duas cicatrizes grotescas em suas costas. De repente João dá um urro de dor e duas asas de pedra começam a irromper das cicatrizes e Jõao começa a levitar sobre aquela luz. As asas que tinham o aspecto de pedra pareciam

leves e maleáveis como se fossem asas de uma ave. Era como se alguém tivesse cimentado uma folha de papel e ainda assim ela balançava contra o vento. É uma cena incrível e todos ficam boquiabertos. As balas dos capangas de Diaz parecem ser destruídas pela luz. Jõao dá um grito enorme e a luz parece sair de dentro de seus orifícios em direção aos inimigos: essa luz joga todos para trás como se desse um soco forte neles, que caem desacordados no chão. Giulia tem vislumbres do que acontece, mas parecia que estava em um sonho. Imagens de Jõao no ar, murmurando palavras estranhas e aquela luz desnorteante ainda ao redor deles.

Era como se ela estivesse sonhando, acordasse por uns momentos e voltasse a dormir e o sonho continuava. Mas não era um sonho. Não podia ser. Ele estava falando, e não só isso, parecia estar falando diretamente com Giulia.

"Escute, e escute bem." Era como se fosse uma transmissão à rádio e houvesse interferência. Giulia entrava e saía do seu estado de sonho, visões confundindo sua cabeça e um falatório estranho em sua cabeça, como se houvessem pessoas dentro dela falando de uma só vez. Jõao continua em sua fala. Era uma ode, parece. Ele estava clamando por algo. Ou alguém.

"à Perséfone, à Oxum, à Freya, à Wyr, à Nyx! UM. DOIS. AOS GAIANOS!"

Quando ele falava era como se várias pessoas estivessem gritando aquelas palavras, vozes masculinas e femininas em uníssono.

"À Oxossi, à Omolu e ao Sete das Encruzilhadas. Lira só irá se erguer sobre as ruínas de Santa Fé – UM, DOIS E O TRÊS! É NECESSÁRIO O TRÊS!" Ele olha para ela como

se estivesse com raiva e medo e grita: "NÃO CONTE AOS ALFIANOS!”

Há um momento em que ele olha para ela e faz uma expressão estupefata. Nessa mesma hora Giulia perde todo controle de si e sente como se estivesse flutuando. Ela não estava flutuando, mas sentia que estava. Sentia todos os sentidos ativos, principalmente o tato. Suas mãos se movimentavam ao redor do corpo como se uma corrente de água morna passasse por seu corpo. Olhando para Jõao ela sentiu uma dor imensa, uma tristeza, misturadas com um amor pleno. Ela olha para Jõao, dá um sorriso tímido e diz “Oi, meu amigo.”

Ele, ainda sobrevoando com suas asas sólidas, acena para Giulia e um barulho de vento enche os ouvidos da garota. Ela tenta ver os colegas e saber se estão acordados, mas não consegue ver nada a não ser a silhueta de Jõao no ar contrastando com a luz forte ao redor daquela criatura estranha, sua pele mudando de branca para negra como se fosse um farol intermitente. O Redentor cai no chão e parece exaurido por toda a situação, seu nariz e olhos estão sangrando. As luzes se dissiparam. Esmeralda vai até ele e pergunta se está tudo bem. Ele assente que sim e retoma seu mantra: "Um, dois. Um, dois.". Antes de Hugo e César acordarem a gangue decide deixar o local. Se livraram da morte uma vez, não iriam brincar com a sorte. Discutiram se levariam o Delegado com eles ou não, Esmeralda é contra mas Giulia advogou em nome do homem. Afinal, antes que Jõao os salvassem, ele havia chegado na cena para tentar fazer o mesmo e não parecia justo deixá-lo ali com os inimigos.

Eles estão de volta à casa de Esmeralda, João, num sono pesado no sofá. Esmeralda tem um pedaço de algodão nas mãos e cuida do garoto adormecido, com a cara séria. O

Delegado estava em um dos quartos, ainda apagado. Frederico é o primeiro que quebra o silêncio, tão atordoados que estavam com o que viram. "O que será que ele falou?"

"Não sei, não entendi direito." Giulia responde, também curiosa.

"Direito? Eu não entendi nada, nenhuma palavra. Que língua era aquela?"

Giulia não entende: "Como assim, que língua?"

Esmeralda responde o garoto. "Eu acho que era uma mistura de hebraico e latim, também não sei."

Giulia não sabe o que dizer. Como ela entendeu todas as palavras que ele disse? Para ela, Jõao falava em português mas para seus colegas não. Será que deveria dividir com os outros as palavras ditas? Será que ela tinha imaginado? Talvez seja melhor manter para si. 'Não conte' foi o que ele disse. Mas se não fosse confiar na gangue, em quem confiaria? Ela decide o que fazer.

"Eu só entendi uma palavra, mas não sei em que língua era. Alfia, alguma coisa assim."

"Bom, isso pode ser muitas coisas. Se tivesse internet...." diz Frederico.

"Mas não tem." Esmeralda responde, quase que na defensiva. Por quê ela havia ficado agitada assim? Ela parecia saber de alguma coisa mas não estava disposta a dividir com os outros, Giulia percebeu. Sua desconfiança na tia já estava abalada desde que descobriu o quartinho secreto. Giulia desiste de decifrar a tia. Ela não era idiota. Ela sabia muito bem o que João tinha dito. Alfia, Gaianos. Disse também palavras de religiões africanas, mitos bíblicos. Era um quebra-cabeças. Mas qual era o contexto? E por quê a

represália, o aviso?

Quem era o Alfiano? Não sabia mais o que pensar. Ela levantou e foi para o quarto, deitada na cama. Ela precisava pensar. Era uma sensação estranha, mas não se sentia mais segura ali. Algo no jeito que João disse suas últimas palavras davam um frio na sua barriga. "Não conte ao Alfia". Seria Esmeralda o tal Alfia? Não fazia sentido. Mas por quê, então, o Redentor havia dito aquelas coisas e só ela foi capaz de entender? Não deveria ter contado aos outros o que ouviu. Ela estava com medo. Esse mundo novo de magia e seres flutuando e palavras desconexas era avassalador demais para racionalizar. Ela fecha os olhos, extremamente cansada, e adormece. Ela acorda após sonhar com uma flor brilhante. Nada a ver. Chega. Existe reação e ação. Ela fugiu de casa para agir.

Ela vai no quartinho e pega a foto, vai até a sala, jogando para Esmeralda e falando “Me explica isso.” Ela diz, e a tia fica com uma expressão que a garota não havia visto nela até agora, raiva.

“E que diabos é ‘Lira’?” ela pergunta, lendo a palavra no verso da foto e lembrando que O Redentor tinha dito sobre Lira.

Esmeralda suspira.

“Sua alma é atrelada à minha. O tempo, nessa cidade, não é linear. O espírito quando morre pode viajar no tempo e nascer em qualquer outra data, no passado, presente ou futuro. Você quando morrer vai renascer... em mim. Ou eu quando morrer irei renascer como você. Eu sou a sua vida após a morte e você é a minha. Nos chamam de Doppelgangers. Somos um. Entende?”

Giulia queria chorar. Mais uma palavra estranha. Um conceito louco. Quem sabia disso? Todos? Isso queria dizer

imortalidade do espírito ou queria dizer prisão espiritual? Quer dizer, os espiritualistas falam disso, mas soava para a garota uma maldição.

Mas ela estava mais preocupada ainda, não aliviada. A tia poderia ter dado essa informação desde o primeiro dia. E a cena dela mandando o tal Jõao correr contra os bandidos com ela bem ali à mercê deles. Muito estranho.

Doppelganger. Cópia. Mas essa palavra ela já conhecia de seriados e livros. Sua tia saiu de casa se recusando a explicar o que era "Lira", apressada. O que fazer agora? Ir embora? Era, ainda, bem-vinda nessa casa?

–

Margarida não consegue acreditar nas palavras da prima. Ela serve doce de figo e queijo branco à Esmeralda enquanto pensa em tudo que ouviu.

"Você acredita?" Esmeralda pergunta, comendo uma colherada do doce e do queijo.

"Flutuou e uma luz forte derrubou todos? Magia magia, fácil assim?"

"Isso."

"Eu sabia que aquelas três fuxiqueiras eram estranhas, mas ter você me falando isso é um choque. Eu acredito. Eu não costumava acreditar, achava que era coisa esquizofrênica. Até que... você sabe."

Esmeralda dá risada.

"E quem disse que os tais esquizofrênicos não sabem de algo que o resto das pessoas não sabem? Rá!"

"Eu acredito em macumba, em energia, em algo etéreo. Eu vivo nessa cidade há décadas, você tem noção de cada coisa estranha que já vi? Acredito no que vi naquela noite com você e Helga tantos anos atrás. Mas um ser que saiu de uma estátua que tem asas de pedra e flutua no ar pode ser um exagero, mas não acho difícil de acreditar. Só falta você tirar uma varinha da cintura e começar a gritar em latim."

"RÁ!, nem brinca, ia ser o suprassumo da minha vida. Meu sonho. Mas não, não é assim que funciona."

"Então é verdade? Doppelgangers? Iguais àqueles que sua a bisa nos contava?"

"Sim. Doppelgangers. Não sei quantos, não sei de quem, mas é isso."

Elas ficam em silêncio, ambas lembrando das histórias.

"Você entendeu a mensagem, certo? Você sabe o que tem de fazer."

Margarida tem um tom de urgência na fala. Esmeralda suspira e assente com a cabeça. Ela fica séria por um momento. A prima era mais esperta do que imaginava, e só confirmava suas conjecturas. Ela ignora o doce de figo e acende um cigarro. Esmeralda sente um arrepio, medo das palavras que tinha que dizer em seguida. Ela fuma enquanto pensa. Uns dois minutos depois ela acena com a cabeça e finalmente fala.

"Giulia tem que morrer".

--

São Paulo - 2021

George fazia sua caminhada usual pela Praça Roosevelt. Estava de máscara e o lugar estava deserto. As pessoas não ousavam quebrar o toque de recolher, mas era mais por medo de ficar doente do que de levar multa da polícia. Dois ou três transeuntes estavam na rua, no máximo. Um deles com um cachorro, que olhou rapidamente pra ele.

Ele olhou para trás e achou que viu alguém e o estômago deu um nó. Não, não podia ser. Claro que não era. A mente dele estava assim ultimamente, depois do episódio. Era difícil não conseguir confiar totalmente na própria mente e nos próprios pensamentos, mas ele já estava acostumado. Andava e andava, a música tocando nos seus ouvidos. As caminhadas o ajudavam, e ele sempre fazia à noite porque se fosse durante o dia o sol normalmente o incomodava. Olhou para trás de novo e lá estava, perseguindo-o. "Só parece ele, mas não é ele", George disse para si mesmo.

Decidiu agir contra a provável alucinação e entrou numa viela para ver se o fantasma do seu passado faria o mesmo. E fez. Decidiu confrontá-lo.

"É você?" disse agressivamente. Não conseguia ver o rosto por causa da máscara. Para sua surpresa, o fantasma respondeu, tirando a máscara.

"Sou eu, George. Sou eu." Fernando respondeu. *El Diablo*.

"Que porra é essa? Eu pensei..." George começou, mas Fernando parecia nervoso.

"Me dá seu celular. Rápido, George. Me dá seu celular!" Fernando estava frenético e nervoso, e George foi contagiado. Não questionou e fez isso, tirando o celular do

bolso e entregando para Fernando, que desmontou o aparelho e tirou a bateria.

Fernando respirou fundo, tocou o rosto de George com ternura e George ficou muito confuso com aquilo.

“O que...?” George disse, e Fernando tentou se acalmar.

“Escuta. Alguns anos atrás algumas pessoas se aproximaram de mim e me ofereceram um trabalho.” ele começou.

“Um trabalho?” George perguntou, confuso com o que estava acontecendo.

“Para espionar você. Para dizer com quem você se encontrava, a que horas, para anotar as coisas que você dizia. No começo, pensei que meus amigos estavam me zoando. Aí começaram a acontecer coisas. Meu cachorro foi morto, meu celular e computador foram hackeados e as pessoas insistiam que eu aceitasse o trabalho. Eu recusei. Depois disseram que se eu não desaparecesse da sua vida, viriam atrás de mim e da minha família. Esse trabalho foi oferecido a outros. Todo mundo que você conhece, George. Seus amigos, sua família. Seu chamado marido, pai dos seus filhos. Todos fazem parte de uma organização que coleta informações sobre você.”

George está confuso. Então começa a pensar em Tom e seu comportamento. Coisas que as pessoas disseram. Olhares trocados em festas entre seus amigos, quando achavam que ele não estava olhando. Pequenas coisas. O que ele pensava que era sua mente lhe pregando peças.

“Como você sabe de tudo isso?”

“Porque...” e ele começou a chorar, tocando o rosto de

George outra vez, "... porque há uma pessoa trabalhando com eles que acha que você deveria saber a verdade, e eles me recrutaram... Por isso desapareci das redes sociais, da sociedade, de tudo... Por sua causa. A única forma de eu voltar foi por sua causa. Agora, eu tenho que ir... Provavelmente estão vindo aqui porque tiramos a bateria do seu celular e você está fora do radar deles. Você vai ver, alguém vai aparecer casualmente procurando por você. Eu tenho que ir. Eu ainda te amo. Pense em mim. Como eu penso em você." e ele beijou um George atônito.

Fernando foi embora e entrou em um carro preto que acelerou. Depois de um minuto, a mesma pessoa com o mesmo cachorro voltou caminhando pelo outro lado da calçada, olhando rapidamente para George. Lá estava George, com seu celular desmontado nas mãos, tremendo, *El Diablo* tendo ido. Mas que...?

Enquanto Isso, Na Propriedade de Shraim

As Três Marias estavam na Câmara de Reflexão, passando pelos estilhaços deixados para trás. Maria Moça pega um caco e se olha.

"Precisamos consertar. Como?" ela pergunta às outras.

"Pra quê? Ele não tá mais aqui pra refletir. Vamos jogar, Mãe." Maria Sábia diz, quase que virando pra ir embora. Moça, abaixada, suspira. Sábia queria evitar o inevitável.

"A Sábia falando feito tola. Nós vamos refletir por ele."

Maria Mãe ainda não sabia o que fazer.

"A gente deveria ter ido com ele." Ela diz. Sábia dá uma gargalhada.

"E ficarmos presas *naquilo*? Sem chance. Quero saber o que o Regulador vai fazer com a horta. E quando Shraim se lembrar..."

"Como ele vai lembrar?" Mãe pergunta.

"Shraim é esperto. Em um segundo, preparou tudo. Deixou pistas. Criou. Ele vai achar o colar. Agora a horta de José..." Sábia disse.

"Vai levar pra lá, óbvio. Eles precisam de uma Lira." Moça diz, levantando e dando o pedaço de espelho que avaliava na mão para Sábia. Instintivamente, Sábia corta superficialmente sua palma e bebe de seu próprio sangue. Maria Mãe fica chocada.

“Qual a necessidade disso?” Mãe reclama. “Sangue quase derramado, e logo aqui!”

Sábia suspira. Olha para moça e acena com a cabeça. Maria Moça explica.

“Eu tô grávida, Mãe. Sábia está morrendo.”

“O quê?! Mas... mas...”

“Você será Sábia, eu serei Mãe e.. bem, você sabe.”

Maria Mãe estava prestes a chorar, o que irritava Moça, que sempre se irritava com o emocional. Mãe entende. “Então.. você se mostrou pro gringo porque... porque...”

Maria Moça sorri. “Ele é o Filho.”